Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 24 DE JUNHO DE 1973 N.º 18139 ANO 53.º PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

ESCLARECIMENTO

A FINALIDADE DA OPUS DEI

Do serviço de informação da Secretaria da Opus Dei em Portugal, recebemos um esclarecimento sobre a recente remodelação do Governo espanhol, em que se escreve:

«A propósito da recente remodelação ministerial em Espanha, os meios de comunicação social, na sua quase totalidade, referiram o Opus Dei como se de um grupo político se tratasse.

O amor à verdade e a consideração que nos merecem todas as pessoas de boa vontade — que têm direito a uma informação fiel — obriga-nos, uma vez mais, a afirmar o que tantas vezes tem sido já objecto de esclarecimento, matéria sobre a qual há, aliás, abundante bibliografia publicada:

a) O Opus Dei tem uma finalidade **exclusivamente** espiritual.

b) Os seus sócios não pretendem mais — nem menos — do que um auxílio de natureza espiritual e apostólica que os ajude a alcançar a plenitude da sua vocação cristã.

c) A autonomia de cada sócio em todas as questões temporais — políticas, económicas, culturais, etc. — é **total**. Como todo e qualquer cidadão, pensam, opinam e actuam com a mais absoluta liberdade e independência pessoais.

d) Daí que a Associação não possa ser envolvida nas actuações profissionais dos seus sócios, pois essa actuação é fruto das suas **libérrimas** opções temporais, resultado de um legítimo **pluralismo** em todas as coisas que não estão definidas pela fé ou pela moral de Cristo.»

BREJNEV NOS ESTADOS UNIDOS:

AS RELAÇÕES COMERCIAIS AO SERVIÇO DA PAZ

Em 21 de Dezembro do ano passado, durante as cerimónias comemorativas do 50.º aniversário da U.R.S.S., Brejnev afirmou que a cooperação económica sovieto-americana «contribuirá para sanear o clima político e facilitará o principal objectivo da política externa da União Soviética, o estabelecimento de uma paz duradoura». A actual visita aos Estados Unidos do secretário-geral do Partido Comunista da U.R.S.S. visa, além da discussão dos grandes problemas do mundo contemporâneo, a expansão das trocas comerciais entre as duas super-potências.

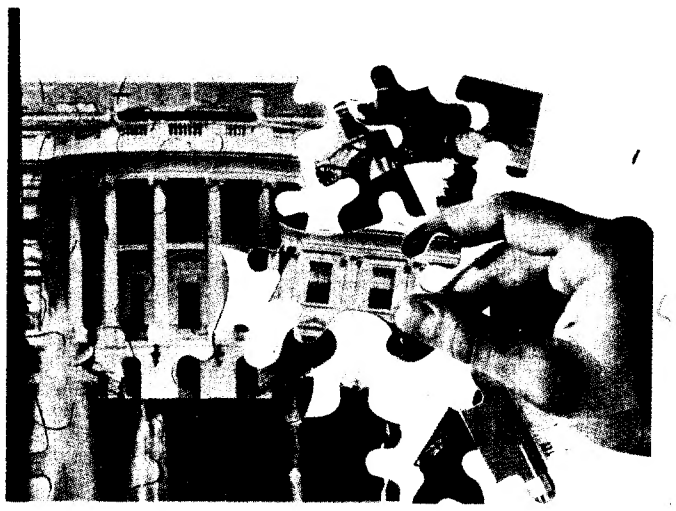
O secretário-geral do Partido Comunista da U. R. S. S. conversa em Washington com um grupo de homens de negócios norte-americanos

O ano passado, quando o presidente dos Estados Unidos se deslocou a Moscovo, Brejnev assinou um grande número de acordos de cooperação técnica e científica. Mas teve de confiar a uma comissão a tarefa de preparar um tratado comercial. Os americanos não quiseram aceitar imediatamente o que os seus interlocutores mais desejavam. Antes de iniciarem negociações comerciais sérias, os americanos exigiam a liquidação dos fornecimentos de material feito aos russos durante a guerra. Estes recusavam-se a pagar as somas exigidas pelos americanos, afirmando que o sangue derramado na frente leste em benefício da coligação antinazi, não tem preço. Até 1960, os americanos reclamaram o pagamento de 800 milhões de dólares e soviéticos propunham pagar 300 milhões. As negociações malograram-se. O ano passado concluiu-se, finalmente, um acordo: a U.R.S.S. comprometeu-se a pagar, em trinta anos, 722 milhões de dólares, incluindo os juros. Para mostrar a sua boa vontade, procedeu imediatamente à liquidação de 12 milhões de dólares. Tendo em conta a subida dos preços nos últimos treze anos e a desvalorização do dólar, valeu a pena esperar.

Sem ter de suportar um fardo excessivamente pesado, a U.R.S.S. fez o gesto que permitiu iniciar as negociações comerciais. O acordo assinado em 18 de Outubro de 1972, por um período de três anos, consagrou a normalização das relações económicas. Representações comerciais vão ser estabelecidas em Moscovo e Washington, sociedades americanas vão abrir escritórios na U.R.S.S. Os Estados Unidos exigiram a inclusão no texto do acordo de uma cláusula em que os exportadores soviéticos

Continua na pag. 32

A JUSTIÇA CONTRA A ADMINISTRAÇÃO AMERICANA



. WASHINGTON — A divisão de direitos civis do Departamento de Justiça dos Estados Unidos reabriu os seus arquivos sobre a morte a tiro de quatro estudantes, em Maio de 1970, na Universidade Estadual de Kent, no Estado de Ohio, para determinar se um «grande júri» federal deveria ser convocado para investigar o incidente.

O procurador-geral-adjunto J. Stanley Pottinger, chefe da divisão, afirmou a possibilidade de inquirição por uma «grande júri» federal.

Esta declaração está em nítida contradição com as dos funcionários da administração, desde que os quatro estudantes foram mortos a tiro por polícias de Ohio, durante uma demostração contra a entrada das tropas americanas no Camboja.

Embora a FBI tivesse admitido haver matéria para acusação criminal contra os guardas que dispararam as suas armas, o antigo procurador-geral, John N. Mitchell, decidiu em 1971 contra um inquérito por um «grande júri» federal.

Mais recentemente, em 25 de Maio, Leonard Garment, conselheiro do presidente Nixon, informou os chefes dos estudantes da Universidade Estadual de Kent de que «a resposta quanto à convocação de um grande júri federal é negativa».

Reiterando a posição há muito tomada pela administração Nixon, Garment afirmava que um grande júri «ou não formularia acusações, ou faria acusações que levariam apenas à absolvição».

Porém, Pottinger declarou há dias que não tinha ainda concluído uma revisão dos processos, trabalho que iniciou por sua «própria iniciativa» em Abril passado, nas vésperas do terceiro aniversário da morte

Continua na pag. 32

LEIA HOJE

... «Serão necessários os exames?», pergunta Calvet de Magalhães.

... «As Feministas», uma panorâmica dos movimentos de libertação da mulher, nas páginas centrais;

«Jovens de toda a U. R. S. S. oferecem-se para trabalhar nos centros industriais»

LEIA AMANHÃ

No suplemento «Exclusivo»: «Diálogo entre Pequim e Taipé»;

... «O Último Tango em Buenos Aires»; «O atraso latino-americano: «crescimento e explosão demográfica»; «De Varsóvia e Jerusalém»; «Economia japonesa»: «Um presidente de reconciliação para a Irlanda», além das habituais secções.

A CIDADE DESPORTIVA DO BENFICA

Borges Coutinho apresenta hoje aos nossos leitores o Benfica de amanhã, numa reportagem de Neves de Sousa. Na imagem, o novo estádio de futebol, que será circulado por uma pista de «tartan» e disporá de balneários subterrâneos e de dois ginásios polivalentes. Nas páginas 24 a 27 pode ler-se «Tudo sobre a Cidade Desportiva do Benfica».

A POLUIÇÃO HOJE E AMANHÃ

Em diversos livros ultimamente aparecidos, surge insistentemente o espectro da poluição, ameaça que nos ronda, realidade atroz que já em muitos pontos do mundo desenvolvido aparece como catástrofe quase incontrolável e irreversível. Pode, logicamente, o sistema político e económico, obstar a esse cancro da vida moderna, em favor da comunidade, ou recuperar zonas poluídas, como pode acabar por transformar a antipoluição numa nova indústria, ao serviço de grandes interesses. Tudo é complexo nas discussões sobre o meio ambiente e sua conservação. Nenhum chefe de estado, nenhum cidadão consciente, seja em que nação for, deve ficar insensível à poluição do ar, à poluição da água (dos rios, dos mares, dos lagos), à poluição sonora, à poluição dos alimentos, das espécies vegetais...

No livro de Jacques Vernier «A Batalha do Meio Ambiente», consideram-se meios preventivos e meios curativos. Evitar, por exemplo, a poluição da atmosfera, seria tornar possível a satisfação das funções reservadas ao ar, como sejam, a função biológica (ar para a respiração humana, animal, vegetal), a função química (ar para combustão), a função de transporte de matéria (gases, poeiras, aviões), a função de transporte de energia (ar para arrefecimentos, para moinhos), a função de prazer (ar fresco, sem cheiros), etc.

Do derramamento de resíduos na atmosfera e da incompatibilidade entre aquelas funções, resulta a poluição. A melhor forma de a prevenir (o que é decerto bem preferível a remediar) será a conciliação dessas incompatibilidades. E nessa campanha tanto o poluidor (aquele que verte os resíduos, seja o estado socialista ou a empresa capitalista) como o poluído (aquele que utiliza ou pretende utilizar as outras funções) terão de concertar as suas aspirações e acções, sem o que só uma ruptura absoluta poderia decidir do futuro da Humanidade.

Já no Canadá se pensou numa imensa cúpula de vidro, com vários quilómetros de diâmetro, que isolaria do mundo conspurcado e doente uma área onde o ar seria depurado e climatizado. Essa famosa redoma de Fuller, apresentada na exposição de Montreal, não inspira a um indivíduo são qualquer fascínio, mas tornar-se-á imprescindível se a cadaverização da natureza prosseguir impunemente, em benefício dos grandes consórcios irresponsáveis.

Tão-pouco a máscara de oxigénio, que já se tornou de uso comum nas ruas de Tóquio (presos que aí se acham os poluentes na nuvem venenosa das camadas inferiores da atmosfera) se nos afigura medicina sedutora.

E certo que a política de cinturas verdes e cortinas de árvores (que absorvem o gás sulfuroso) praticada nalguns países, especialmente na União Soviética, representa um caminho. Tanto mais de considerar quanto as zonas tampões neutralizam **ab initio** os próprios malefícios que seriam de esperar das indústrias químicas. Mas não bastam esses filtros, até porque a arquitectura os despreza, nos continentes onde é mais viva a ânsia do lucro rápido, a todo o custo.

Então? Pois discuta-se o problema. Mas se não se age depressa e de comum acordo, que horror não será o mundo de 1980!

COMPORTAMENTO DAS PESSOAS-3

WASHINGTON — As técnicas de modificação de comportamento («behavior mod») podem ser usadas com o conhecimento e participação do paciente, ou podem ser usadas de forma autoritária. Os objectivos a atingir podem ser os do paciente ou os do controlador. Trata-se de um problema muito debatido entre os comportamentalistas, e com razão. A modificação do comportamento é apenas tão progressiva ou retrógrada como quem a utiliza.

Por Philip J. Hilts.

Há dois anos, o dr. Aames Holland, um comportamentalista da Universidade de Pittsburgh, descobriu que o Exército dos Estados Unidos tinha levada a efeito experiências com civis vietnamitas. Numa aldeia, eram dados rebuçados às crianças que liam e conservavam os folhetos de propaganda. O dr. Holland diz que o programa não teve grande êxito. «Mas eu penso, no entanto, que apenas esgravatei a superfície daquilo que o Exército está a tentar fazer com a modificação de comportamento», disse ele.

PROVOCAR A AVERSÃO

Em duas prisões da Califórnia, 90 presos reincidentes foram submetidos a um programa de «condicionamento aversivo» em 1968. Cada um deles foi atado a uma mesa e injectado com uma droga chamada «anectina», a qual paralisa lentamente os músculos.

Primeiramente, o preso deixa de sentir as mãos, depois os braços ficam entorpecidos. A cabeça balançava incontroladamente. Por fim, e durante alguns minutos, o preso não pode respirar. Fica aterrorizado com a ideia de que vai morrer sufocado. Enquanto luta com o medo, o médico da prisão ordena-lhe que acabe com o seu mau comportamento. Manda-lhe fazer coisas boas, como, por exemplo, juntar-se a um dos clubes de presos.

A aversão provocada está a tornar-se cada vez mais comum para o tratamento de problemas como, por exemplo, os do alcoolismo. Ao bebedor é servida a sua bebida preferida e uma dose de droga quase simultaneamente. Quando o homem toma um golo da sua bebida preferida, a droga força-o a vomitar. O procedimento é repetido até que o homem não possa sequer pensar na bebida sem começar a transpirar, a tremer e a sentir náuseas.

Às vezes, mesmo o mais rígido condicionamento do comportamento não vence as tendências do homem. Uma meia dúzia de velhos e esfarrapados alcoólicos de um hospital de veteranos de guerra, há já alguns anos, recebeu o tratamento do vómito do álcool. Os homens foram cuidadosamente condicionados, e só o pensar na bebida os punha a tremer.

Uma tarde, os velhotes sentaram-se a conversar acerca da sua nova vida, e cada um deles descobriu que os outros a odiavam. Decidiram que seria preferível correr o perigo de voltarem a ser ébrios do que viverem aterrorizados.

Assim, planearam uma escapadela nocturna. Esgueiraram-se para um botequim. Aglomeraram-se ao balcão. Entre suores, tremuras e vómitos, defendendo-se e censurando-se uns aos outros, beberam copo após copo. Beberam o suficiente para que os seus receios os abandonassem.

A violação da modificação de comportamento irrita os comportamentistas. Aos olhos do público, dizem eles, o bom e o mau, confundem-se. Notam, porém, que as leis da gravidade são usadas tanto para lançar bombas como para pôr os satélites artificiais em órbita.

De momento, a modificação de comportamento está a ser divulgada com um entusiasmo que se sobrepõe à prudência. Os comportamentistas não decidiram ainda quem é qualificado para fazer uso da modificação do comportamento (o que pode legitimamente ser chamado modificação de comportamento), nem como o uso das novas técnicas pode ser subordinado à moral.

Que nos reservará o futuro? Os comportamentistas imaginam os polícias a fazer parar os automóveis para oferecer aos condutores prémios pelo seu bom comportamento, em vez de lhes aplicarem multas. Vêem os congressos a aprovar leis que concedam recompensas por acções dignas em vez de apenas sentenças de prisão para os delinquentes. Vêem os patrões a fazer gráficos do comportamento dos empregados no seu trabalho, e a entregarem prémios pelo trabalho bem feito. Vêem as prisões substituídas por campos com «prémios pecuniários», com os quais os presos possam pagar quartos particulares, comprar aparelhos de rádio, comida especial, roupa e obter licenças.

Em alguns destes sectores, as experiências já começaram.

Por lei, espalhar lixo sempre tem sido alvo de punição. Porém, a punição não tem resultado. Recentemente, no estado de Washington, os investigadores tentaram uma nova orientação: o uso de prémios. Actuaram em dois teatros e em seis campos desportivos. Começaram por pesar o lixo encontrado no soalho do teatro e o lixo deitado nos receptáculos para o lixo. Determinaram a percentagem encontrada nos receptáculos: 17 por cento.

Duplicaram o número dos receptáculos para o lixo. Não resultou. Expuseram um cartaz antilixo. Os desperdícios espalhados aumentaram cinco por cento. Entregaram sacos para desperdícios a cada espectador. Os desperdícios lançados para o chão aumentaram dez por cento.

Finalmente, ofereceram uma recompensa: 10 cêntimos (o equivalente a 2$50) por cada saco devolvido após o espectáculo. O lixo recolhido nos sacos aumentou 94 por cento.

No campo de jogos, foram usados métodos semelhantes.

Continua na pág. 4

O nosso mundo

MÉDICO

Certamente por excesso de trabalho, o nosso camarada de redacção Carlos Pinto, que foi, como se sabe, um dos principais organizadores do IV Festival Musical da Juventude, estava na nossa sala de trabalho quando, de súbito, se sentiu mal do coração, tendo sido imediatamente transportado ao Hospital de Almada. Uma vez ali, a enfermeira, cremos de serviço, afirmou-nos categoricamente, depois de lhe dizermos o que se passava: «Não há médico de serviço! Talvez daqui a uma hora...». «Daqui a uma hora? !!!». «A culpa não é minha», disse ela, desculpando-se. Claro que a culpa não era dela. Mas, então, de quem é a culpa? Do director do Hospital, da Misericórdia de Almada ou dos responsáveis pela Saúde e Assistência? A quem se devem imputar responsabilidades? Até quando uma população de cem mil pessoas pode estar à mercê de tão irrisória e incompreensível situação? Nós não sabemos, mas aqui ficam as perguntas para quem saiba e tenha a coragem de responder! («Jornal de Almada»).

ENTRONCAMENTO

Segundo estatísticas camarárias, certificamos passar-se, nesta vila e importante centro populacional, um facto, na verdade, curioso, no capítulo do seu obituário. É que, em proporção ao seu elevado número de habitantes, morre-se pouco no Entroncamento, e quando se morre — repetimos, são os números que dizem — é quase sempre de velho, isto é, com idades mais ou menos avançadas. E senão vejamos. Nos últimos três anos — segundo as aludidas estatísticas — o maior número de óbitos registado (95) deu-se em indivíduos de idades compreendidas entre os 70 e os 100 anos! Ao passo que nas idades, por exemplo, de 1 a 40, durante esse mesmo triénio, apenas faleceram 23 indivíduos e, dentro destes, a maioria eram crianças, até 3 anos. Ora tratando-se, para mais, de um dos centros mais populosos do Ribatejo, como se sabe, devemos concordar que o facto é de assinalar, pois, além de pouco vulgar, é sobremodo encorajante para quantos aqui vivem. (Eduardo Brito, in «Diário do Ribatejo»).

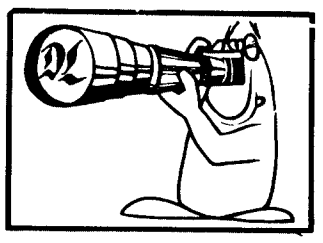
AMIGOS

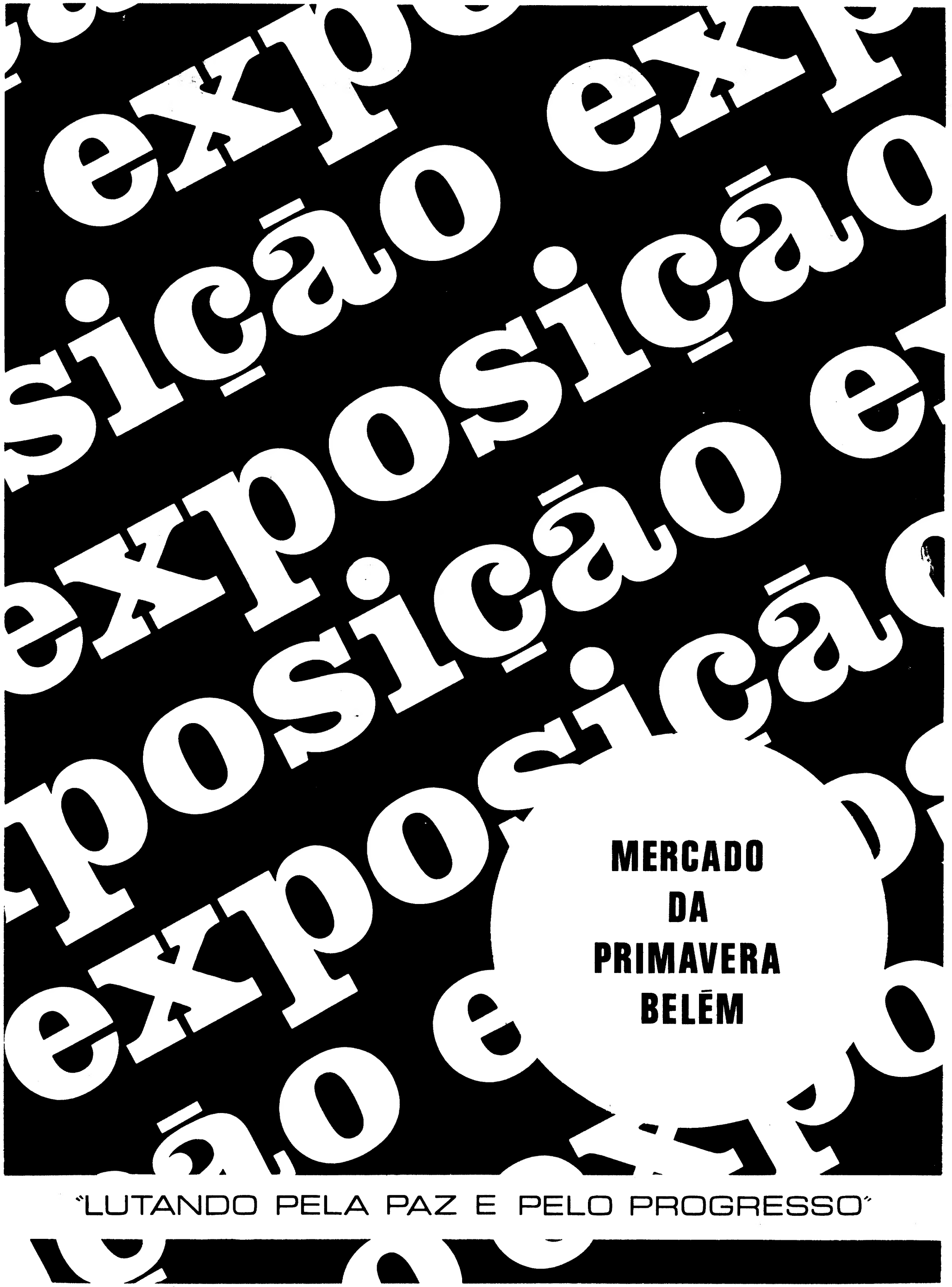
Normalmente julgamos das pessoas e das suas acções conforme são, ou não, nossos amigos. Nos amigos raras vezes encontramos defeitos, enquanto nos inimigos só a muito custo lobrigamos uma réstiazinha de virtude. As virtudes dos inimigos escrevemo-las sobre a areia, enquanto as dos amigos as gravamos no mármore. Daí o esquecermo-las ou não, segundo as conveniências. Raras vezes são imparciais os juízos que fazemos dos outros. Quase sempre os deixamos inquinar pela simpatia ou pela repulsa que esses mesmos outros nos merecem. O facto é importante quando chega a hora de nos pronunciarmos sobre o que A diz de B. As palavras ouvidas terão diverso valor, conforme o grau de amizade, ou de inimizade existente entre os dois. (...). Cada um que abra os olhos, se não quiser, com justeza, ser apodado de ingénuo ou de inconsciente. (Silva Araújo, in «Diário do Minho»).

SERPA

Já por várias vezes temos abordado neste mesmo jornal a necessidade imperiosa que Serpa tem de organizar o seu grupo de amigos. E, hoje, mais do que nunca, essa necessidade se torna imprescindível. Serpa está, não tenhamos ilusões, iminência de resvalar à míngua de quem a levante da bem triste e precária situação económica em que se encontra. Terá morrido com os serpenses da hora actual a sensibilidade bairrista? Vivem de facto um momento de desânimo, ou antes, estão a viver os efeitos de uma onda de indiferentismo mórbido que se apoderou de todos?...Sejam quais forem as causas do mal que a mina nos seus alicerces, a nós, a única «terapêutica» que nos parece admissível de aplicar é, sem dúvida, a de se constituir o seu grupo de amigos dedicados que corra em sua protecção com a celeridade que a sua situação periclitante exige. (Vítor Raposo, in «Diário do Alentejo»).

NO TEATRO
MONUMENTAL
Tel. 555133
3.ª-Feira ESTREIA
ÀS 21.45 H
4.ª E 5.ª-FEIRA
18.30 E 21.45
VASCO MORGADO
APRESENTA
O TERCEIRO
ESPECTÁCULO DO
I CICLO DO TEATRO
ESPANHOL
EM LISBOA
A COMPANHIA DE
MARIA JOSE
GOYANES
com
JUAN DIEGO
LUIS PEÑA
e a colaboração de
MARGOT COTTENS
em
MANZANAS
PARA EVA
de
ANTON TCHEKOV
GABRIEL AROUT
VICTOR RUIZ IRIARTE
Música: JOSÉ RAMON
DE AGUIRRE
Cenografia:
FRANCISCO NIEVA
Direcção de JOSÉ MARIA
MORERA
Nas «Matinées» 50% desconto aos estudantes
Bilhetes à Venda
Grupo D - M/ 18 anos




exposição
MERCADO
DA
PRIMAVERA
BELÉM
"LUTANDO PELA PAZ E PELO PROGRESSO"

REGIONAL

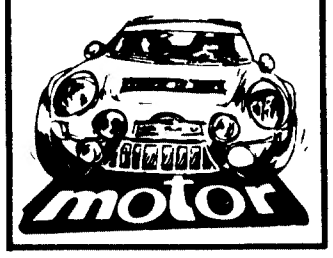
CADÁVERES EM BEJA

BEJA — A população de Beja corre o grave risco de sofrer uma eventual epidemia, caso não sejam tomadas providências para se acabar com a lixeira situada por detrás do Bairro de Nossa Senhora da Conceição, a menos de 500 metros da cidade. Acumulam-se ali cadáveres dos mais diversos animais: porcos, carneiros, borregos, etc., alguns dos quais procedentes do matadouro local.

A situação arrasta-se há já bastante tempo, e apesar das diligências efectuadas junto das entidades competentes, tudo se mantém na mesma.

Acontece que o local se transformou num autêntico-viveiro de moscas, que ali se reproduzem e se desenvolvem aos milhões, invadindo uma vacaria e um aviário existentes nas proximidades, bem como as hortas e quintas que regularmente abastecem o mercado municipal de Beja.

Urge que quem de direito tome providências para a urgente solução do caso, antes que se transforme em tragédia o que ainda é remediável.

LEIA


ÁGUEDA
Fim da Lavoura

AGUEDA — Esta região, noutros tempos essencialmente agrícola, tem vindo a sofrer uma forte industrialização, pelo que actualmente conta com muitas dezenas de fábricas, na sua maioria instaladas na própria vila. Assim, a maioria dos operários de hoje eram camponeses ontem.

A par deste progresso, de que beneficia quase exclusivamente a zona urbana, ressalta a existência de muitas freguesias rurais (principalmente na parte leste, até ao Caramulo) com prementes necessidades por satisfazer, o que, aliás, é a característica predominante nas aldeias portuguesas.

Em todas as freguesias do concelho, e sobretudo nas mais próximas da vila, como Agueda, Trofa, Valongo, Recardães, Barrô e outras, a actividade agrícola está a passar para plano secundário. Vários factores, além da industrialização, contribuem para o abandono das terras e o desaparecimento dos pequenos proprietários agrícolas. Entre eles, avultam a emigração, o baixo nível dos salários, e a dificuldade de promoção profissional.

Por força das circunstâncias, os antigos proprietários rurais estão a ser reduzidos à condição de assalariados nos grandes centros do concelho ou do País, ou ainda no estrangeiro. À industrialização de Agueda e ao abandono da actividade rural, não corresponde um desenvolvimento técnico da agricultura, como seria de desejar, pois limita-se a beneficiar exclusivamente os detentores dos bens da produção industrial.

A decadência do comércio retalhista é outra consequência da industrialização desta zona. O comerciante tradicional encontra-se numa encruzilhada difícil, já que, nem é trabalhador nem se pode considerar capitalista. Neste momento, Agueda já é servida, como muitas outras localidades, por supermercados, pelo que a eliminação dos pequenos comerciantes se vai processando a passos largos, em benefício de uma minoria cada vez mais influente.

Diversos são os problemas sociais que afectam esta vila, ou mais propriamente as localidades circunvizinhas, onde as populações carecem das mínimas condições de vida, como abastecimento de água, electricidade, assistência médica e educação infantil. E sobre estas desigualdades sociais, que o progresso cada vez vai tornando mais gritantes, que as entidades competentes se devem debruçar, com vista à sua solução.

BARBAÍDO
VAI MORRER

CASTELO BRANCO — A dezoito quilómetros de Castelo Branco encontra-se Barbaído, lugar esquecido, onde uma população constituída quase exclusivamente por velhos, e que actualmente não chega a uma centena de pessoas, vive isolada do mundo.

A pequena comunidade, que é servida por uma estreita estrada, raramente percorrida, vive apenas da terra.

Barbaído é na verdade uma localidade esquecida: nem médico, nem casa do povo, nem autocarros, nem táxis, nem electricidade, nem abastecimento de água. E nem sequer regedor... Duas pequenas tabernas são os únicos sítios de convívio, onde os poucos habitantes se encontram, bebem um copo, cavaqueiam. E uma vida sem esperança, sempre igual.

Barbaído já não tem gente jovem. Todos de lá saíram, para os grandes centros do País, para o estrangeiro, em busca de melhores perspectivas de futuro.

DEIXAR A AGRICULTURA AOS LAVRADORES

A Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes obteve recentemente o registo internacional do vinho verde. O reconhecimento das características singulares do vinho verde tornará mais difíceis as contrafacções e facilitará a sua aceitação nos mercados importadores. Deveriam resultar daí consideráveis benefícios para a região e para o País.

Mas não é certo que assim aconteça. O registo internacional do vinho verde talvez tenha sido obtido demasiado tarde. É o que aventa o relatório da direcção da Adega Cooperativa de Baião correspondente ao exercício do ano passado:

«De que servirá o registo internacional de um produto que estamos em vias de deixar de produzir?

É urgentíssimo criar as condições que tornem aliciante o regresso ao agro dos braços indispensáveis ao amanho das terras.

Temos lá fora, no estrangeiro, um milhão de indivíduos, saídos quase exclusivamente do campo, a desnacionalizarem-se e que, com o seu trabalho, enriquecem os outros e nos empobrecem a nós.

Ao mesmo tempo que isto, somos forçados a adquirir lá fora, para sustento da população, os produtos de que carecemos e poderíamos muito bem aqui produzir.

As importações aumentam de ano para ano e irreversivelmente continuarão a aumentar.

No ano de 1972 — só de produtos alimentares — a Nação importou 7 000 000 (sete milhões) de contos!

Se a lavoura tivesse condições de vida, nunca a emigração teria assumido o aspecto que tomou.

Será impossível dar-lhe remédio?

A Adega Cooperativa de Baião pondera ser difícil acabar com a crise da lavoura. Embora esteja feito o diagnóstico, o estado da agricultura não melhora — «a terapêutica ou não existe ou está errada». O que se deverá fazer para promover o resurgimento da lavoura?

TRANSFORMOU OS GRÉMIOS EM SINDICATOS AGRÍCOLAS

Os Grémios da Lavoura deveriam ser transformados em Sindicatos Agrícolas. Isto é: deixarem de ser organismos pagos pela lavoura, mas em que esta nada manda, nem pode fazer ouvir a sua voz (salva alguma rara excepção, que ignoramos), para serem organizações dos lavradores, embora assistidas, permanentemente, por técnicos estatais, generosamente remunerados pelo orçamento nacional.

Seria esta a forma de arrancar da quietude urbana um sem-número de teoristas e de os transformar, com o tempo, em excelentes colaboradores da actividade agrária.

Assim, partindo dos alicerces e com eles bem firmes, se construiria todo o edifício da Lavoura Portuguesa do Futuro. Dissemos «futuro»; futuro longínquo, é fatal, mas futuro.

E criem-se Escolas Práticas Agrícolas espalhadas pelo País. Não são necessários grandes e onerosos edifícios. O imprescindível são os solos e esses basta arrendá-los aqui e além aos próprios lavradores: campos experimentais que sirvam de aprendizagem, para demonstração e para apuramento rigoroso de custos de produção que possam servir de base para a fixação de preços justos. Ninguém trabalha a perder; nem poderá haver progresso sem estímulo.

E na cúpula da pirâmide cria-se o Ministério da Agricultura. Nós, que tanto gostamos de copiar o que se faz lá por fora, persistimos em ter uma Secretaria de Estado».

Em Outubro ou Novembro, realizar-se-ão eleições para a Assembleia Nacional. No entender da Adega Cooperativa de Baião, a aproximação do acto eleitoral abre novas perspectivas para se modificar «o marasmo actual»:

«Errar é humano. Permanecer no erro, neste caso, não é só injustiça, é crime de lesa-Pátria.

Talvez que, este ano, em que mais uma vez se irá pedir aos lavradores algo de constitucional, que até hoje ainda não recusaram, se lhes faça, antes disso e imediatamente, a justiça a que têm direito».

COMPORTAMENTO DAS PESSOAS - 3

Continuação da pag. 2

O lixo recolhido aumentou dez vezes, o custo normal da recolha desceu 6 por cento. Um psicólogo conclui: «Os visitantes das florestas nacionais serão um dia alinhados, de saco de lixo na mão, para receber prémios».

QUEM CONTROLA QUEM?

Alguns têm visto o fantasma de George Orwell no comportamentalista. A pergunta está no ar: quem fará o controlo do comportamento? Quem?

O dr. Charles Ferster, da Universidade Americana, um dos primeiros modificadores de comportamento de Washington, faz a pergunta ao contrário: «Quem faz o controlo agora? Agora somos controlados. Mas mal. Porque é que as pessoas se irritam tanto com Skinner (psicólogo da Universidade de Harvard)? O perigo não está nos professores universitários que ganham 11.000 dólares por ano e não têm qualquer poder político ou económico. O verdadeiro perigo consiste em desviar a atenção das pessoas que estão... a controlar gente, todos os dias, sob coacção».

«A Casa Branca e os militares são exemplos dos actuais controladores», diz ele, «e os estudantes vão para a escola todos os dias como prisioneiros. Crianças de quatro anos têm de ficar sentados durante todo o dia com as mãos entrelaçadas».

A maior parte dos comportamentalistas desejaria acrescentar que a modificação do comportamento, em si mesma, é neutra. Não é. A modificação do comportamento tenta tornar o comportamento uma ciência, e emprega uma tecnologia para a sua modificação. Presumivelmente, uma modificação para melhor. Porém, está na natureza da tecnologia criar mais tecnologia, a fim de responder às suas próprias necessidades. Está na natureza da tecnologia modificar quem a utiliza.

Uma arma é uma ferramenta, exactamente como a modificação do comportamento. O detentor da arma criou a capacidade de acertar instantaneamente à distância. O detentor modificou-se.

A modificação do comportamento alarga a nossa capacidade de manipular outros. Deve ser bem usada. Poderá ser mal usada. A concluir, poderá citar-se Harold Cohen: «Deus foi o primeiro comportamentalista com os seus 'deverás' e 'não deverás'... e nós só estamos a tentar fazer disto uma ciência».

ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL NO DISTRITO DE LISBOA

NOVAS INSTALAÇÕES DO POSTO CLÍNICO N.º 105 035 (PAREDE)

A CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA E DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DE LISBOA comunica que a partir do próximo dia 25 de Junho, o Posto Clínico n.º 105 035, que tem funcionado na Rua B, Lote 39, Bairro de St.ª Teresinha, na Parede, é transferido para novas instalações sitas na Avenida da República, Lotes 12 e 13 na mesma localidade.

Esta nova unidade assistencial integra a área anteriormente abrangida pelo antigo Posto e dispõe além das consultas de clínica médica, cirurgia, estomatologia, ginecologia, de outras especialidades médicas destinadas a apoiar vários postos clínicos limítrofes.

A DIRECÇÃO

EXTERNATO DE SANTA BÁRBARA

Rua Passos Manuel, 24-r/c., D-E — Telefs. 561383 - 533692 — LISBOA

	AULAS
● Ciclo Preparatório (1.º e 2.º anos)	Manhã
● Ciclo Liceal (1.º, 2.º e 3.º anos)	Tarde
● Ciclo Complementar (6.º e 7.º anos)	Noite

CURSOS INTENSIVOS — SUPLETIVOS

CURSOS DE FÉRIAS

EXAMES DA 2.ª ÉPOCA

LICEU - INSTITUTOS

EXTERNATOS

Marquês de Pombal — Rua Morais Soares, 93 — Tel. 82 02 21/83 46 58

Álvares Cabral — Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) — Tel. 70 69 74/5

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

CRUZEIROS NO "FUNCHAL"

● TOTALMENTE REMODELADO!
● CLASSE ÚNICA A BORDO!
● SERVIÇO DE 1.ª CLASSE!

MADEIRA - AÇORES MARROCOS - CANÁRIAS

O MELHOR SERVIÇO DE CRUZEIROS NO MELHOR PAQUETE PORTUGUÊS!

Partidas de LISBOA:
19/6-3, 17 e 31 7-11 e 28 8
11 e 25/9-9 e 23 10

9 DIAS DESDE 6550$

Programas e Inscrições:

abreu

FUNDADA EM 1840

LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27011 27012

Mudamos para o nosso novo edifício!

Nova fase de dinamização dum grupo segurador constituído por três Companhias de grandes tradições.
Novos processos de trabalho e novos serviços, e com eles uma nova imagem de eficiência.
Porque... mudamos para renovar.

MUTUALIDADE SOBERANA
ALLIANÇA MADEIRENSE

Agora na R. MARTENS FERRÃO, 11 • LISBOA

pali

JOVENS DE TODA A U.R.S.S.

OFERECEM-SE PARA TRABALHAR NOS NOVOS CENTROS INDUSTRIAIS

NABERESHNYE (por Robert Kaiser, correspondente em Moscovo de «The Washington Post») — Quando a Liga dos Jovens Comunistas da Ucrânia seleccionou Vera Rozhuz para fazer parte de um grupo que veio trabalhar na fábrica de camiões de Kama, a escolha constituiu uma recompensa pelo seu comportamento exemplar. Vera, que tem 18 anos, veio para Kama por um breve período, mas gostou tanto que decidiu ficar.

Valya Britsava, de 19 anos, viu um filme sobre a construção da fábrica do rio Kama, em Pyatigorsk, cidade do Norte do Cáucaso onde vivia. A ideia de trabalhar com milhares doutros jovens agradou a Valya. Não hesitou em alistar-se. Actualmente, trabalha na construção de estradas como operária.

Anna Guzenka tem 24 anos. Há três anos que exerce a sua actividade em Kama. Monta telhados nos novos edifícios de apartamentos. Ela e uma amiga, também vinda de Voronez, na Rússia Central, leram uma notícia publicada na imprensa sobre o projecto de Kama. Decidiram juntar-se ao grupo de jovens trabalhadores. «O pai da minha amiga morreu, e ela regressou, mas eu fico», declarou Anna.

A idade média dos 70 000 trabalhadores que estão a construir a maior fábrica de camiões do Mundo é de 23 anos. Se excluirmos uma parte substancial de pessoal administrativo, na casa dos trinta e dos quarenta, a maior parte do trabalho está a ser realizado por «teenagers». E é muito elevado o número de raparigas.

A mão-de-obra da fábrica de automóveis gigante de Togliatti, 200 milhas a sudoeste de Kama, é semelhante. A idade media dos seus 72 000 operários é de 25 anos, sendo a percentagem de raparigas de 36 por cento.

Esta elevada percentagem de jovens em duas fábricas gigantes de veículos situadas na Rússia oriental não é obra do acaso. Os dirigentes soviéticos podem mobilizar os jovens que acabam de deixar a escola, atraindo-os de todos os pontos do país, pelos mais diversos meios: entre outros, a promessa de possuírem o seu próprio apartamento.

A «Liga dos Jovens Comunistas» tem a principal responsabilidade pelo recrutamento dos jovens trabalhadores

Os esqueletos de aço das futuras fábricas de Kama encontram-se decorados com bandeiras e «slogans» exortando os jovens trabalhadores a realizações sempre maiores e mais rápidas.

ESTÍMULOS MATERIAIS PARA OS TRABALHADORES

Existem benefícios especiais para os trabalhadores que participam nestes projectos. A maioria dos trabalhadores das regiões industriais da bacia do Volga enfrentou uma severa escassez de manteiga, carne e outros géneros durante o Inverno passado. Em Kama a situação não foi grave.

A fábrica de automóveis da Togliatti adquiriu grandes quantidades de batata na Sibéria e na Bielo-Rússia, a fim de as vender aos seus trabalhadores durante o Inverno, quando se verificou a escassez de batata. O êxito foi de tal ordem que a fábrica está actualmente a organizar brigadas agrícolas para cultivarem couves, tomates e pepinos em terras pertencentes à fábrica, em redor da Togliatti.

O benefício que mais atrai os trabalhadores, porém, é a habitação própria. Na maior parte do país, um jovem ou uma jovem de 21 anos tem de esperar por um apartamento próprio durante anos e anos. Em Kama, mesmo aos trabalhadores solteiros é prometido um andar por volta dos 25 anos. Esta promessa só poderá ser cumprida quando os vastos projectos habitacionais da região forem completados. Neste momento, a fábrica e o projecto habitacional (pequenos apartamentos) destinado aos trabalhadores são objecto de igual atenção. Mas ainda falta percorrer um longo caminho antes de ambos os projectos estarem terminados.

Mesmo na Togliatti, projecto mais antigo, onde a nova cidade para os trabalhadores já é enorme, o número de casas ainda é insuficiente.

Em Kama, foram construídos novos apartamentos para 40 000 pessoas, mas o número dos trabalhadores atinge 70 000 almas e a população 150 000. Sessenta por cento da população vive em dormitórios.

As jovens a que nos referimos no princípio deste artigo vivem num dormitório construído em tijolo, defronte dos escritórios centrais da fábrica. Em cada quarto, 3 metros por 6, encontram-se instaladas quatro camas. O dormitório abriga 430 raparigas. Uma delas casou-se recentemente, mas continua a viver no dormitório, tendo declarado a visitantes que ela e o marido obteriam «em breve» um apartamento. Entretanto, paga mensalmente 3 rublos e 80 «kopecks», o equivalente a cerca de 125 escudos.

CONCERTOS PARA TRABALHADORES

Uma noite «fora» significa uma ida ao cinema ou a um clube de trabalhadores. As lojas ainda escasseiam, aqui e na Togliatti, muito embora existam muitas em fase de construção. O interesse de Moscovo por estes projectos é susceptível de tornar a vida dos trabalhadores mais interessante: o Secretariado Nacional Soviético para os Concertos, por exemplo, enviou mais artistas a Kama, o ano passado, do que a qualquer outra cidade do país.

Há muito que fazer à noite, segundo parece, susceptível de estimular os casamentos. Em Kama, o Palácio dos Casamentos, decorado com cetineta de um dourado brilhante, é teatro de cerca de 80 enlaces em cada fim-de-semana. Envergando um vestido até aos pés feito de lhama dourada, Galina Ril realiza a cerimónia — incluindo a marcha nupcial de Tchaikovsky e a taça de champanhe — em 15 minutos. A sr.ª Ril dirige o Palácio dos Casamentos há pouco mais de um ano. «Tivemos 2600 casamentos desde que aqui estou», disse, «e 6 divórcios». O número de divórcios é nitidamente inferior à média da União Soviética.

Muitas das coisas boas que estes jovens casais podem esperar da vida ainda se encontram fora do seu alcance. Em Togliatti, a fábrica de automóveis projectada pela Fiat, dos 47 000 operários que trabalham na linha de montagem, 700 possuem os seus próprios Zhigulis (o carro que a fábrica produz». Os trabalhadores da fábrica, como todos os outros cidadãos soviéticos, têm de aguardar numa longa lista de espera antes de comprarem um automóvel. Custar-lhes-á o equivalente a perto de três anos de trabalho.

O DANÚBIO VAI SER LIGADO AO ADRIÁTICO

TRIESTE — Está a ser estudada em Itália a construção de um canal para a navegação fluvial destinado a ligar o mar Adriático e o Val do Víparo, dum e doutro lado da fronteira italo-jugoslava). Esta obra permitiria a ligação do Adriático com a vasta rede fluvial do Danúbio, que se estende do noroeste da Alemanha até à Hungria, Austria, Jugoslávia e à Roménia.

Esta obra contribuirá para atrair o Mediterrâneo, para os portos adriáticos de Itália, uma grande parte do tráfego, sobretudo de matérias-primas e de produtos auxiliares originárias da Europa do Centro-Oriental, com destino aos mercados mediterrânicos. Esse tráfego torna-se agora frequentemente proibitivo; é demasiadamente extenso desde o Danúbio ao Mar Negro; a via terrestre — os meios rodoviários e ferroviários — excessivamente onerosos para tais mercadorias.

Esta nova perspectiva de intercomunicações fluviais poderá, ainda, fomentar a criação de novas indústrias em zonas actualmente menos desenvolvidas.

Os Estados Unidos pretendem reduzir o Canada a fornecedor de materias-primas

Há muitas maneiras de considerar o carácter único das relações comerciais entre o Canadá e o Estados Unidos.

Pode tomar-se por tema a «mais longa fronteira não defendida do mundo» e acentuar que, cada um dos países é, de longe, o maior cliente do outro. O que é verdade, até certo ponto.

Ou pode considerar-se, que se tornou a atitude oficial de Washington: os Estados Unidos são vítimas das exigências canadianas, foram levados a subscrever uma série de acordos comerciais favoráveis ao Canadá.

Ou pode optar-se pela atitude semi-oficial canadiana: os Estados Unidos pretendem forçar o Canadá a voltar a ser apenas um fornecedor de matérias primas.

Há uma certa verdade em cada uma destas três posições. Talvez por isso as relações económicas entre Ottawa e Washington são presentemente mais tensas do que nunca, a menos que alguém apresente uma nova concepção das relações bilaterais, é difícil ver como é que podem melhorar em breve.

É inegável que os Estados Unidos são um dos principais parceiros comerciais do Canadá. O ano passado, o Canadá teve um saldo positivo, na balança comercial com os Estados Unidos, de 1.050 milhões de dólares, num total de vendas de 13.900 milhões de dólares — apesar das medidas que Washington pôs em vigor, desde Agosto de 1971, a fim de eliminar o seu déficit comercial.

Nem se pode negar que o mercado dos Estados Unidos é vital para o Canadá; o saldo positivo total do comércio do Canadá com o resto do mundo foi de 1.300 milhões de dólares.

No entanto, o Canadá tem sido um dos principais factores da deterioração da balança coercial dos Estados Unidos desde 1970. Porém, os Estados Unidos preferem sublinhar que o Canadá beneficiou de saldos positivos de aproximadamente 1.000 milhões de dólares, em cada um dos últimos três anos — em nítido contraste com os deficits registados nos anos anteriores.

O comércio de automóveis é o principal factor da transformação dos deficits canadianos em saldos positivos. É um ponto muito sensível para Washington.

Os automóveis entram nos Estados Unidos isentos de direitos, a coberto do Acordo Automóvel entre o Canadá e o Estados Unidos. É um dos acordos que os Estados UNIDOS afirmam ser favorável apenas ao Canadá, porque, embora tenham sido eliminados completamente os direitos sobre os carros importados do Canadá, o Canadá concede às companhias automóveis apenas o direito condicional de importar com isenção de direitos — e, em contrapartida, Ottawa tem podido exigir o aumento da produção do Canadá. Estas salvaguardas têm irritado Washington, em especial o Congresso dos Estados Unidos.

Se tem de haver comércio livre, dizem os políticos, deixemo-lo ser verdadeiramente livre e não manipulado.

Acontece quase o mesmo com os aviões e peças sobressalentes. A chave deste crescente comércio é o subcontrato praticado pelas companhias americanas para conseguir encomendas do Canadá. Por exemplo, as asas e caudas para todos os McDonnell Douglas DC-9 — um dos aviões mais famosos alguma vez construído — e as asas para todos os DC-10, vêm da Douglas Aircraft of Canada, de Toronto. Já é um negócio enorme, e Ottawa esta presentemente a tentar, com o maior afã, negociar novas e ainda maiores encomendas, por forma a compensar uma despesa de 700 milhões de dólares na aquisição de aviões de patrulha americanos de grade raio de acção.

Por que é que os pérfidos canadianos não querem simplesmente comprar, sem tentar sempre fazer negócio? É o que pergunta Washington com uma crescente falta de senso de humor.

Mas quando se passa para o lado canadiano da mesa de conferências, a situação começa a parecer nítidamente diferente.

Daqui, pode observar-se que a indústria automóvel é quse totalemente propriedade e está sob o controlo de firmas americanas. Antes da negociação do acordo automóvel, a balança comercial do Canadá apresentava um enorme déficit anual na conta automóvel, que tinha clara tendências para aumentar. Um déficit de 1.000 milhões de dólares havia sido previsto para 1970. A situação alterou-se apenas devido às restricções postas em vigor pelo governo canadiano.

O mesmo acontecia quanto à aviação e outras armas destinadas à defesa do Canadá. Também neste caso, os Estados Unidos dominavam a indústria, havia um firme fluxo comercial a favor dos Estados Unidos. Quando uma pequena economia como a do Canadá é ensombrada por uma parceiro gigante, o governo tem que desenrolar uma acção constante a fim de compensar a natural vantagem do país exportador.

Estes desacordos atingiram o auge no fim do Verão de 1971, quando o antigo secretário do Tesouro dos Estados Unidos, John Connally, anunciou as drásticas medidas que a administração americana propunha para resolver os problemas da balança de pagamentos. Exigiu nos mais vigorosos termos que o Canadá, entre outros países, acabasse com a manipulação das relações comericiais em proveito próprio. A pauta automóvel e as compras de material de defesa tornaram-se alvo preferido dos ataques de Connally.

Mais alarmante ainda, é que, tanto nas reuniões públicas como privadas, Connally declarou que a nova atitude oficial dos Estados Unidos era a de que o comércio devia ser equilibrado. Em vão Ottawa frizou que o balanço do equilíbrio total, mercadorias e serviços combinados, continuava a ser favorável aos Estados Unidos.

Por exemplo, em 1972, a balança comercial entre o Canadá e os Estados Unidos registou um saldo positivo de 1.050 milhões de dólares, mas o déficit dos «invisíveis» foi da ordem dos 1.500 milhões de dólares. A balança de pagamentos registou um saldo deficitário, para o Canadá, de 450 milhões de dólares.

Como disse o primeiro ministro canadiano Trudeau, se as exigências dos Estados Unidos fossem aceites, em relação à balança comercial, o déficit canadiano global só poderia ser dominado procurando ainda mais investimentos directos americannos — os quais, mais tarde, suscitariam crescentes dividendos, maior volume de invisíveis saídos, e maior frustração política. Uma parte ainda maior da economia cairia nas mãos dos americanos.

Tudo isto já seria bastante mau. Porém, recentemente, um novo factor dramático entrou em cena.

Após anos de advertências por parte dos peritos, durante este último Inverno os Estados Unidos acordaram repentinamente para as realidades da crise de energia. O abastecimento em petróleo e gás natural dos Estados Unidos deixou de ser um poço sem fundo. Alguns lares americanos tiveram de sofrer o racionamento de combustível, e algumas companhias transportadoras encontraram-se a braços com a necessidade de procurar novas fontes de abastecimento.

Foi uma crise pequena. Mas foi suficiente para se reconhecer a urgência da pesquisa e da defenição de uma política de energia continental. O mesmo é discutir os termos e condições segundo os quais os Estados Unidos comprarão e farão uso das fontes de energia canadianas.

É este o verdadeiro problema. Se os Estados Unidos vão adquirir biliões de dólares de energia ao Canadá, como petróleo, gás natural, electricidade, carvão até, é claro que o comércio de exportação para os Estados Unidos aumentará extraordinariamente. Insistirá Washington no sentido do aumento das importações canadianas dos Estados Unidos?

Tanto quanto parece, a resposta será: sim. Numa recente reunião da Junta Consultiva, em Nova Iorque, o subsecretário americano do Tesouro, Paul Volcker, tornou claro que a necessidade de importar mais energia do estrangeiro, de maneira nenhuma elimina a necessidade, para os Estados Unidos, de equilibrar o seu comércio. Sem um comércio equilibrado, explicou ele, os Estados Unidos não poderão continuar os seus investimentos, a sua defesa, e os seus programas de auxílio ao estrangeiro.

Trata-se de uma tese inaceitável para c Canadá. Se o valor de um bilião de dólares de fornecimento adicional de gás natural tiver de ser pago com a compra de um bilião de dólares em produtos manufacturados dos Estados Unidos, o Canadá perderá com o negócio. Emprego, avanço técnico e prosperidade, tudo isto beneficia o exportador de produtos acabados. Bombear mais petróleo ou gás natural é, literalmente, a moderna versão de cortar madeira e tirar água.

Raramente dois países precisaram mais um do outro e estiveram menos preparados para trabalhar em conjunto. Os funcionários de Ottawa têm mantido o olhar fixado ansiosamente nas últimas nomeações da administração Nixon no sector económico, e o que têm visto não os encoraja nada. O Congresso parece adoptar uma posição pelo menos tão proteccionista como antes das eleições de Novembro último.

EXPORTAÇÃO DE MADEIRA

Passada a barreira dos dois milhões e meio de contos

Pela primeira vez, o valor da exportação portuguesa de madeira ultrapassou a cifra dos dois milhões e meio de contos. «Pode afirmar-se que, em 1972, foi alcançado o mais alto nível de todos os tempos na exportação de madeiras, só possível com a ampliação da capacidade de alguns dos sectores de produção e por condições externas favoráveis à expansão» — explica o relatório anual do Grémio dos Exportadores de Madeiras.

Começando pelos números, temos um movimento de 888 mil toneladas no valor de 2737 mil contos. Em 1971, exportara-se um total de 752 mil toneladas, no valor de 2271 mil contos. É de notar que a maior parte do movimento se deve à exportação de madeiras e derivados não abrangidos pela jurisdição do grémio: é, por exemplo, o caso da pasta para fabrico de papel, que atingiu o valor de 1794 mil contos. À pasta para papel, por ordem de importância, seguem-se a madeira em obra (indústria de serração), com mais de 647 mil contos, a madeira artificial ou reconstituída, com 140 mil contos, e caixas, cascos e barris, contraplacados, esteios de minas, madeira em bruto...

Deste modo, a madeira (e derivados) mantém o segundo lugar entre as exportações portuguesas a seguir aos tecidos, mas à frente dos vinhos, máquinas e aparelhos eléctricos, cortiça, aparelhos não eléctricos, concentrado de tomate, vestuário, conservas e resina...

Cabe-lhe 7,8 por cento do valor total das exportações.

CONCENTRAÇÃO COMERCIAL

O sector apresenta tendência de concentração, diminuindo o número de firmas que se dedicam ao comércio efectivo da exportação de madeiras. Os exportadores inscritos poder-se-iam agrupar, segundo o grémio, nas seguintes categorias: 5 grandes empresas (com volume de exportação superior a 20 mil m3); 11 médias empresas (entre 5 e 20 mil m3); 14 pequenas empresas (entre 1 mil e 5 mil metros cúbicos). Ficam de fora 36 empresas, com pouco ou nenhum movimento. Verifica-se ainda que 4 das grandes empresas se dedicam exclusivamente ao comércio exportador, enquanto os industriais que comercializam a produção própria predominam entre as médias e pequenas empresas. A evolução parece tender para uma especialização de actividade e para um controle da exportação pelo capital comercial. Isto entre as empresas abrangidas pelo grémio, visto que a exportação da pasta para papel é evidentemente controlada pela respectiva indústria.

Uma conjuntura internacional favorável em muito contribuiu para a expansão do sector. As vendas (das empresas atingidas pelo grémio) progrediram sobretudo nos mercados da E.F.T.A., onde se observou um progresso de 11 por cento, em relação ao ano anterior. Esta zona absorve 56 por cento da exportação nacional, seguindo-se os mercados árabes (Marrocos, Iraque e Líbano), com cerca de 18 por cento e o Mercado Comum, com 15,7 por cento. Por países, os grandes clientes são a Grã-Bretanha e a Holanda, seguidos por Israel, Marrocos, Iraque, Líbano e França.

Assinale-se a passagem, que a frota portuguesa transporta menos de 8 por cento do volume da exportação, cabendo o essencial a navios de nacionalidade dinamarquesa, holandesa e alemã.

O «DIARIO DE LISBOA» é vendido na Tabacaria-Papelaria Bento de José Manuel Bento — Praias (Sado)

AS COLECTIVIDADES DE TORRES NOVAS DEBATEM PROBLEMAS COMUNS

TORRES NOVAS — As colectividades desta vila reuniram-se na sede do Montepio de Nossa Senhora da Nazaré para debaterem problemas comuns. Durante a reunião foi aprovada uma moção em que se realça a vantagem das actividades conjuntas. O texto da moção é assinado pelos Bombeiros Voluntários, o Cine Clube de Campismo, o Clube Desportivo, o Coral Phidellius, o Montepio de Nossa Senhora da Nazaré e a Sociedade Columbófila.

A primeira intervenção foi feita pelo presidente do Cine Clube que se referiu às razões que levaram os dirigentes das colectividades da vila a reunirem-se, traçando a seguir objectivos que podem servir de orientação às colectividades numa plataforma de iniciativas, a longo prazo.

Falou a seguir o presidente do Clube Desportivo, para pôr uma questão: que o primeiro passo a dar-se fosse de que as Colectividades ali presentes, passassem a ser sócias umas das outras, com uma quota simbólica de 10$00, tendo sido aprovada por unanimidade.

Entrou-se a seguir na apreciação e discussão de vários problemas, os quais eram postos logo em votação, para serem aprovados. Assim, entendeu-se que as reuniões fossem rotativas que em cada mês se fizesse a promoção de uma colectividade, tendo a escolha recaído no Montepio; que fossem passadas actas destas reuniões; que em cada uma, se elaborasse um comunicado para a Imprensa, no sentido dos referidos sócios das respectivas Colectividades se inteirasse do que se está passando.

Foram depois apresentadas três sugestões com vista às primeiras realizações: dois espectáculos de teatro e um piquenique. Deste modo o Montepio, o Cine-Clube e o Clube de Campismo ficaram de concretizar estas três iniciativas, a levar a efeito ainda antes do período de férias.

A MOÇÃO

A firma-se na moção já referida:

«considerando: a) Que o movimento associativo torrejano se encontra num momento de crise já progressiva, não só a nível directivo, como do próprio espírito associativo da generalidade dos seus membros, tudo reflexo de idêntica situação a nível mais geral; b) Que o movimento associativo representa o melhor veículo de valorização humana e social dos membros do agregado populacional em que se insere; c) Que só de uma actividade conjunta, da troca de experiências e de realizações colectivas se poderá suprir tal estado de coisas. Deliberaram: continuar os seus contactos, num plano de independência e respeito mutuo, mas com objectivos coincidentes, levando a cabo reuniões periódicas inter-direcções e actividades de tipo cultural e recreativo, de acesso às respectivas massas associativas, em que aqueles considerandos possam ser estudados e superados».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no «Beiral das Andorinhas» Chaves Neto, Ld.ª R. Pedro Alvares Cabral, 15 MONTEGORDO — ALGARVE

Ami Super – a potência precisa no momento exacto

4 cil., 1015 cm³, 140 km/h

O AMI SUPER ADORA AS FAMÍLIAS

O Ami Super foi calculado para transportar 5 pessoas e as suas bagagens a 140 km/h. Para o seu novo motor — 4 cilindros, 1015 cm³ — nada mais fácil. Com 61 cv SAE debaixo do pé, você vai mais depressa. Ultrapassa com segurança. Tranquilamente. Quem é nervoso é o motor do seu carro. E os outros condutores que o vêem passar.

MAIOR NÚMERO DE PASSAGEIROS, MAIORES EXIGÊNCIAS DE CONFORTO

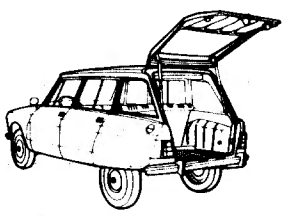
O Ami Super sabe disso. E está preparado.

Com assentos suaves, bem desenhados que não maçam nunca quem os ocupa, por muito que dure a viagem. Com uma suspensão perfeitamente equilibrada. Nas curvas mais apertadas, os passageiros nem se mexem do lugar.

Com uma direcção suave. Uma alavanca de mudanças tipo desportivo. E um aquecimento doseável com precisão.

Portanto, traga quem quiser. O que quiser. O Ami Super leva tudo e todos.

Venha experimentar o Ami Super — Berline ou break — no seu agente Citroën.



CITROËN AMI

TAUROMAQUIA

JOÃO NÚNCIO REAPARECE

Mestre João Núncio reaparece no Campo Pequeno na noite do próximo dia 28 e acompanhado por alguns dos melhores do toureio equestre: Manuel Conde e Ribeiro Teles, José Mestre Baptista e Frederico Cunha e os jovens Emídio Pinto e João Moura, este com 14 anos.

Trata-se da já tradicional tourada à antiga portuguesa a favor da Liga Portuguesa contra o Cancro, organização do sr. dr. José Cunha, condestável do toureio equestre que em Portugal sempre se manteve e em Espanha renasceu com António Cañero. E tradicionais são as pegas que nesta noite estarão a cargo dos amadores de Montemor e de Lisboa.

A poluição discute-se em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 24 (L.) — Tem início amanhã, no Chongoene, prolongando-se por três dias, a IV Reunião de Coordenação de Transportes Terrestres.

Na agenda de trabalhos estão incluídos assuntos relativos à exploração de transportes, à circulação rodoviária, à poluição, além da análise da situaçao actual dos problemas tratados na reunião do ano passado.

Participam nesta reunião, que será presidida pelo secretário provincial de Comunicações, quarenta elementos dos quais sete vindos do Continente e ligados ao Ministério do Ultramar, às Comunicações e à Prevenção Rodoviária.

Vendemos elegância segurança e prazer

1 Ducauto — Uma vasta escolha de modelos para todos os gostos.

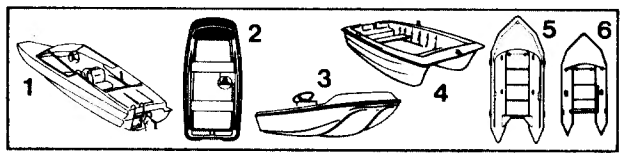
2 Dory — Qualidade, leveza e elegância. A segurança total em três modelos.

3 Rio — Segurança, simplicidade e robustez. A nova fórmula para os seus tempos livres.

4 Tabur Yak — Remos, vela ou motor. Três caminhos de evasão dos afazeres quotidianos.

5 Zodiac — O mais resistente dos barcos pneumáticos. Extraordinário o que você pode fazer com um Zodiac.

6 Achilles — Com um barco pneumático Achilles, o mar é seu. Qualidade a preços populares. A indústria japonesa ao serviço do desporto náutico.



Para além de uma gama de barcos para absolutamente todos os gostos... e bolsas, oferecemos-lhe ainda os mais completos «stocks» de peças sobresselentes e acessórios opcionais. E uma perfeita assistência técnica. Venha visitar-nos. **Temos conjuntos de barcos com motor desde 8750$00.**

MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
Av. 24 de Julho, 52 – LISBOA

LEO BURNETT

A MORTE DAS INICIATIVAS

O trabalho do indivíduo isolado, forma preferida por alguns grandes criadores, que não encontram quem os acompanhe ou compreenda, não é a forma corrente de exercer qualquer actividade hoje em dia. Na actualidade, trabalha-se essencialmente em grupo. Exige-o a complexidade das tarefas a desempenhar. Impõe-o a especialização cada vez mais acentuada dos agentes de trabalho, condicionando campos de actividade mais estreitos. E talvez seja também uma consequência do medo de estar só. Num mundo a braços com uma verdadeira explosão demográfica, os homens sentem-se sós. Despojados de individualidade, «arrumados» com outros seus semelhantes, sem possibilidade de uma relação face-a-face. O trabalho em grupo fornece, então, o estímulo do companheirismo. Se não amigo, pelo menos colaborador, é necessário que entre os seus membros haja uma comunicação efectiva. Para além da competência, a todos os níveis, dos seus elementos. O que, por óbvio que seja, é esquecido com frequência, pelo menos em relação aos escalões mais baixos, e não tarda a funcionamento harmónico que se pretendia.

Mas, para além desta coesão de sistema mecânico — e porque se trata de um grupo de pessoas, não de animais amestrados em grupo — há uma qualidade essencial desejável nos seus membros: o poder de iniciativa. Que contribuirá para garantir um funcionamento sem o apelo exaustivo da ajuda hierárquica. Que vai garantir a entrega da carta a Garcia, mesmo que não tenham sido explicados no pormenor ínfimo todos trâmites necessários.

A iniciativa, Dir-se-à que nasce impressa no código biológico que determina o homem-indivíduo. É necessário estimulá-la por vezes, outras refreá-la. Mas também se matam as iniciativas. Há até muitos que fazem gala nisso. Não é certamente bom o mestre que ensina todos os pormenores, sem deixar ao ensinando lugar para exercitar a sua própria inteligência. Para conquistar por si, efectivamente. E não será bom o dirigente que julgue seu dever curar de todo o pormenor da actividade do mais baixo daqueles que dirige. Evita-lhes a possibilidade de «errar», mas retira-lhes o gosto de saber que estão, efectivamente, a fazer qualquer coisa, como pessoas.

Excesso de dirigismo, dir-se-à nesta época de «ismos».

Esquecimento de que o grau de dedicação a uma tarefa caria na razão directa da forma como o executante a sente com interesse, como sua. Depois, surgem inevitavelmente as lamentações corolárias acerca da inépica dos colaboradores. E que sentido podem ter lamentações acerca da falta de qualidade para mover-se de pessoas que foram, de forma propositada e sistemática, imobilizadas?!

REGRESSA HOJE DE LONDRES A MISSÃO DO FUNDO DE FOMENTO

..Chega hoje de regresso a Lisboa a missão comercial portuguesa organizada pelo Fundo de Fomento de Exportação, que permaneceu uma semana em Londres.

A missão é composta por 26 firmas representando os sectores de calçado, confecções, produtos alimentares, vinhos, metalomecânica, cortiça, mobiliário e cutelaria. Acompanham-na representantes de sete bancos portugueses e o técnico do F. F. E. Graça Neves de Sousa.

....Recebida no aeroporto de Heathrow pelo director da delegação do Fundo em Londres, Sampaio Soares, a missão teve, logo no dia da sua chegada à capital britânica, uma reunião, no Hotel Royal Lancaster, para acertc do programa individual de trabalho. Depois, durante toda a semana, houve encontros de trabalho e múltiplos contactos com importadores ingleses.

Sampaio Soares ofereceu um «cocktail» em honra da missão, tendo estado presentes o embaixador de Portugal, o ministro britânico do Comércio e Consumo, o presidente do Chase Manhattan Bank, o vice-presidente para o Reino Unido do Banco de Montreal, o vice-presidente do departamento estrangeiro do Midland Bank, altas figuras representativas do comércio, numerosos importadores e individualidades de relevo na vida económica, entre as quais o duque de Wellington.

REUNIÃO SINDICAL NA "VOZ DO OPERÁRIO"

Foi anunciada terceira reunião informativa sobre o andamento da contratação colectiva entre o Sindicato Nacional dos Empregados dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca e a empresa dos Transportes Aéreos Portugueses.

..A sala da Voz do Operário acolherá os sindicalizados, às 21 horas do próximo dia 30. As duas reuniões anteriores realizaram-se a 11 de Abril e a 7 de Maio.

A contratação está agora entregue a um tribunal arbitral, que vai dirimir o conflito de interesses surgido entre as partes na primeira fase das negociações.

Prossegue a vacinação contra o sarampo

Segundo informam os ministerios das Corporacões e da Saúde, decorreu satisfatóriamente a vacinação contra o sarampo, por meio de injectores, nos distritos de Lisboa, Porto, Coimbra, Setúbal e Braga.

Na primeira quinzena de Junho, foram vacinadas cerca de cinquenta e sete mil crianças com mais de 12 meses e menos de 5 anos, que ainda não tinham adoecido com sarampo.

A vacinação naqueles distritos prossegue até ao dia 28 de Julho, nas capitais de distrito e sedes de concelhos.

Na segunda-feira passada, também foi iniciada a vacinação nos distritos de Vila Real, Viseu, Viana do Castelo, Santarém e Evora, que se prolongará até ao próximo sábado.

Igual campanha será levada a efeito, de 2 a 14 de Julho, nos distritos de Guarda, Bragança, Aveiro, Beja e Portalegre, e, de 16 a 28 de Julho, nos distritos de Castelo Branco, Faro e Leiria.

TURISMO SEM HOTÉIS

..**Vila Real de Santo António** — Este importante centro turístico algarvio, na fronteira com a Espanha, debate-se com um premente problema, que é o da falta de instalações hoteleiras, agravado pela circunstância de terem encerrado as duas pensões aqui existentes, sem falar na inutilidade do Grande Hotel do Guadiana há muitos anos encerrado. O unico recurso, para quem pode, são os hotéis da vizinha praia de Monte Gordo - e se não for nos meses de Verão. Em face da situação, que urge resolver, a Câmara Municipal requereu superiormente para a instalação no lado poente da Avenida do Ministro Duarte Pacheco (antiga Estrada do Radiofarol), de uma residencial ou hotel com capacidade de 130 a 160 quartos. Esse complexo disporia de uma área de 5000 a 6000 metros quadrados com ajardinamentos acessórios.

Filmes experimentais americanos

O Centro Cultural Americano apresentará, a partir de depois de amanhã, mais uma série de filmes experimentais norte-americanos, filmes produzidos com o uso de computadores.

Os filmes foram distribuidos por três grupos. No primeiro, estão incluídos os filmes «Castro Street»; «The Mass»; «Now that the Buffalo's Gone»; «Come dance with Me»; «The Applicant»; «Three Thousand Years of Art History in 3 1/2 Minutes»; «POP Show»; «Dance of Love», que serão exibidos nos dias 26, 27 e 28 de Junho. Do segundo grupo fazem parte os filmes «Meshes of the Afternoon»; «Sausalito»; «Treadle and Bobbin»; «Evolution»; «New York, New York»; «Nine Variations on a Dance Theme»; «Permutations», que serão apresentados nos dias 2, 5 e 6 de Julho. Nos dias 10, 11 e 12 de Julho serão exibidos os filmes «On the Edge»; «Bells of Atlantis»; «Thanatopsis»; «Vivian»; «Metanomen»; «Prelude: Dog Star Man» pertencentes ao terceiro grupo. Todas as sessões terão lugar no auditório do Centro Cultural Americano, sempre às 18 e 30 e 21 e 30.

Entrada só por convites.

NOVA ESTRADA

SILVA PORTO (ANGOLA), 24 — (L.) — Foi recebida nesta cidade, a notícia de que o Governo Geral de Angola determinara a entrega a determinada empresa da obra de pavimentação e asfaltagem da estrada de acesso à Embala do Sertanejo. A obra tornou-se possível graças ao subsídio de 412 milhares de escudos concedido pelo Governo Geral.

CURSO INTERNACIONAL DE ESPECIALIZAÇÃO

..Durante duas semanas, a partir de amanhã e a terminar em 6 de Julho, decorrerá no Laboratório Nacional de Engenharia Civil o Curso Avançado sobre Dinâmica de Estuários, organizado por aquele organismo de investigação, sob o patrocínio do Comité Científico da NATO (INVOTAN), que terá a participação de cerca de noventa especialistas de 19 países, designadamente, Africa do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos da América, França, Grã-Bretanha, Holanda, Itália, Noruega, Polónia, Portugal, Suécia, Turquia e Venezuela.

Embora o curso em causa tenha o patrocínio da referida entidade não restringe a participação de interessados de países não membros daquela organização internacional.

Tornando-se cada vez de maior importância os numerosos e complexos problemas dos estuários, a organização deste curso surge com grande oportunidade. Nos últimos dez anos têm sido empregados novos e exactos métodos de cálculo, assim como desenvolvidas nogas técnicas de investigação que permitiram a solução de muitos problemas.

A publicação de numerosos trabalhos sobre a matéria dá bem conta do avanço destes estudos, quer no domínio da investigação pura, quer na utilização de ensaios laboratoriais e, também, na observação da natureza.

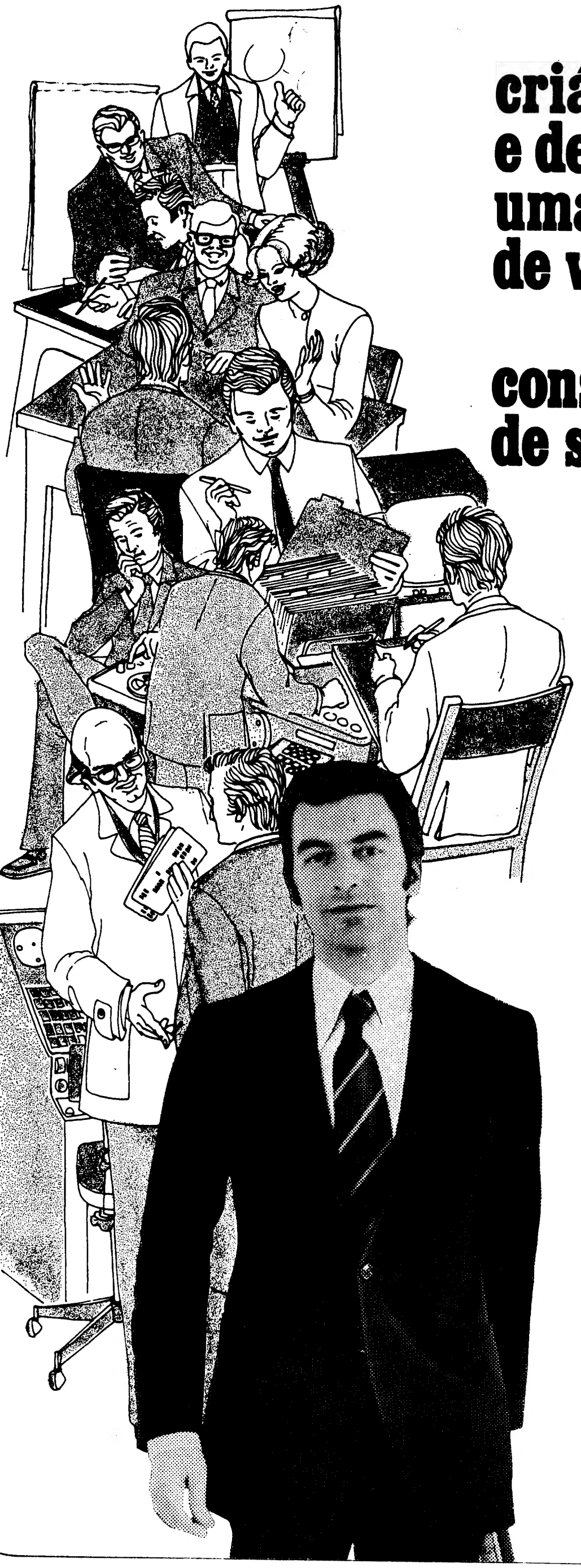
A inscrição para este curso é limitada a um número inferior à centena de participantes com vista a assegurar o melhor aproveitamento, sendo exclusivamente destinado a especialistas nas disciplinas versadas a fim de permitir o mais amplo aperfeiçoamento dos conhecimentos das matérias que constituem o curso, tomando, assim, contacto com as técnicas mais desenvolvidas neste domínio.

O corpo docente é constituido por professores e especialistas de universidades e centros de investigação, nomeadamente da Alemanha Federal, dos E.U.A., da França, de Inglaterra e dos Países-Baixos, e ainda, do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

As lições proferidas estarão à disposição dos técnicos interessados, numa edição definitiva, a publicar no final do curso, por agora impressas apenas numa versão provisória.

O curso em questão principiará amanhã, às 14 horas, com uma apresentação pelo eng. Manuel Rocha, director do L.N.E.C., seguindo-se a primeira lição proferida pelo eng. Fernando Abecassis, chefe do Serviço de Hidráulica daquele organismo.

Ao fim da tarde o presidente da Comissão Permanente Portuguesa INVOTAN; dr. João Salgueiro, oferece aos participantes e pessoas acompanhantes uma recepção no Castelo de S. Jorge.



criámos e desenvolvemos uma profissão de vanguarda:

consultor de segurança Império

Este homem
é um Consultor de Segurança Império.

Na vida moderna pensar em segurança
é um dever social — para si próprio,
para a família, para a empresa.
Mas pensar em segurança obriga à utilização
de conhecimentos técnicos, à interpretação de leis,
a raciocinar em termos económicos e fiscais.
Gerir os seus interesses da forma mais adequada de acordo com as necessidades de futuro é, de facto, tarefa que necessita do apoio de especialistas.
Tal como na electrónica, na saúde ou em finanças
existem especialistas para o assistir, a Império criou
e está desenvolvendo uma profissão de vanguarda:

Consultor de Segurança.

Um profissional especializado para lhe aconselhar
um plano global de segurança à sua medida.
Um homem que tem a apoiá-lo a organização
que a Império representa no espaço português.
Um homem seguro para lhe falar de segurança.

Comece com uma entrevista confidencial.

O Consultor de Segurança Império
é um profissional rigorosamente preparado.
Está apto a estudar, a conhecer o seu problema, a aconselhar.
A Império orgulha-se dos seus homens.

AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

PENTA-CSI-CS1-73

CARTA DO BRASIL

Fantasias dos tempos idos

CHIANCA DE GARCIA

. Não costumo ler cartas anónimas. Mas às vezes me fascisnam. O ano passado encontrei, em meia dúzia de páginas não assinadas, o desabafo de um leitor que se comovera até às lágrimas com a descrição feita por mim de uma noite no popular «Bola Preta», um dos tradicionais reductos do carnaval carioca.

Recordava ele o ano longínquo em que, jovem ainda, mas já casado, aqui estivera, sozinho, e acabara vivendo naquele clube uma das noites mais quentes (no sentido carioca) da sua existência pacata de lisboeta morigerado. E acabava assim: — «Por favor, não volte a evocar o «Bola Preta» pois se o fizer o meu coração rebenta de saudades.»

Essa carta, eu adorei. Mas em regra eu não costumo ler a quem me escreve não pondo nome, nem endereço.

TEMPOS IDOS — I

Mas esta semana voltei a receber uma carta anónima. Letra de mulher. Caligrafia legível. Começa assim:

. «Escreve-lhe uma humilde portuguesa que se orgulha de o ser, e que já passou o cabo dos sessenta, supondo ser um pouco mais nova de que o realizador de alguns filmes dos mais engraçados saídos dos estúdios nacionais...» etc..

Depois confessa que lê aos domingos no «Diário de Lisboa» as Cartas do Brasil, para logo a seguir me censurar acusando-me de ter escrito palavras que profundamente a ofenderam, por serem dirigidas «a um chefe de família devotadíssimo, amigo leal e delicado, e, acima de tudo, patriota fervoroso». E acrescenta: — «Isso não se faz, mesmo que não se concorde com as ideias democráticas de um homem como...»

TEMPOS IDOS — II

Bem, leitor, esta portuguesa que não quis dar o nome, nem endereço, termina as suas quatro páginas com estas palavras: — «Sou simplesmente uma das que, em Portugal, usam o nome de (a) MARIA.» O fecho é bonito.

TEMPOS IDOS — III

Mas vamos ao assunto. Escreve Maria para me dizer que esse homem que eu ofendi, ela conheceu em criança. E que as minhas ofensas a feriram no fundo do coração. De aí, a carta. Diz ela que se confessa minha leitora assídua. Disso, duvido. Lê, às vezes. Porque se lesse com frequência saberia facil quem eu sou, e como penso. Não escondo minhas opiniões. Assino o que escrevo como, ao erguer da espada, Percival gritava o seu nome.

Minha palavra de eleição leva o nome de Liberdade. Já tive outras. Entre elas uma de que Maria usa e abusa e que rima com o seu nome: Democracia.

Mas essa eu não emprego com facilidade, de tal modo tem sido deturpada, através dos séculos, e até das civilizações.

TEMPOS IDOS — IV

Quando, depois da Primeira Guerra Mundial, nasceu na Europa um novo país, a que deram o nome de Checoslováquia, foi, se não me engano, um dos primeiros presidentes, um homem que, já então, escrevera um livro em que tentava explicar o que era Democracia. Li essa obra, sei lá! — na década de vinte. Não recordo onde pára. Está, por certo, na estante onde minha irmã, na sua casa de Lisboa, guarda os volumes que lá deixei. Não posso, pois, citá-lo, a não ser de memória. Dizia o autor (o seu nome era Masarick) que Democracia não dizer soberania popular mas que «Democracia era o sistema político que exigia do povo, em todas as suas classes, a obrigação de subir degrau a degrau, a escada do aperfeiçoamento social». Democracia implicava abdicação de interesses, de vantagens, de conveniências, de predomínio. Democracia, enfim, era, para ele, uma nova religião. E demonstrava-o dizendo que tinha sido fácil criar uma aristocracia, mas que era muito mais difícil criar uma verdadeira Democracia.

Bem, esta é, talvez, e de memória, repito, a essência do que pensava e escreveu esse homem que, na história da Checoslováquia, não foi longe. Sumiu, assim como o seu livro por certo esquecido. Quem fala hoje da sua interpretação de Democracia?

. No entanto, a palavra tem tanta força, e tanto poder enganador, que continua sendo usada em todos os cantos do mundo.

TEMPOS IDOS — V

Bem, mas voltemos à minha Maria de Portugal. Eu penso que esta carta da leitora desconhecida, tem um certo interesse. Por várias razões. Uma delas é o facto de uma senhora de sessenta e tantos anos pegar na pena, magoada, para me acusar de ofender um «grande democrata português». Isso me parece qualquer coisa de extraordinário. Em 1973! O negócio começa assim: numa Carta do Brasil, publicada em 27 de Maio, falando dos meus tempos de menino, confessava a minha hesitação em optar pelas tendências políticas que me cercavam, quando, em reuniões de numerosa família, e em completa liberdade, meus tios e primos se debatiam em discussões ferinas e violentas. E então deixava que os meus olhos se perdessem diante de um Cristo que agonizava na sua cruz, para logo a seguir, sorrir, rebelde que fui de nascença, perante o retrato materialista e cínico de Afonso Costa, alvo dos insultos dos meus parentes monárquicos e católicos, e do entusiasmo fanático dos meus parentes republicanos. E pensava: Não haverá outro caminho?

. Leitor, pense bem: não será isto, o importante retrato de uma época?

TEMPOS IDOS — VI

Bem, aí está a razão do protesto de Maria. Eu ofendera Afonso Costa. O homem ilustre que ela diz ter conhecido em criança, e de cuja bondade e inteligência tem provas em cartas que dele possui, endereçadas a um grande amigo o seu próximo parente.

TEMPOS IDOS — VII

Acredito. E fazendo agora uma breve digressão penso que apesar do muito que se escreveu sobre a História da República Portuguesa, por certo muita coisa ficou por dizer. Talvez os papéis guardados por Maria possam ajudar a interpretar melhor a sua época. Entregue, pois, Maria, essas cartas a quem possa utilizá-las.

TEMPOS IDOS — VIII

Mas uma coisa é importante. Quando eu evoquei, lado a lado, a imagem de Jesus Cristo, na sua cruz, e o retrato de Afonso Costa, nos jornais, estava sem dúvida sentindo um secreto prazer, pois, a essa altura, já tinha sido decretada a separação da Igreja e do Estado, com a consequente extinção das ordens religiosas. E isso me fazia sorrir como ficou dito na crónica que magoou Maria, minha leitora mais ou menos ocasional, porque, como é sabido, eu fui desde criança um teimoso menino transfuga da Igreja Católica, e das orações que fora obrigado a decorar. Sempre tive a necessidade de Deus.

Quanto a ele ser essencialmente materialista, não tenho a menor dúvida. E quanto ao seu cinismo, pergunto, — onde está a ofensa quando o cinismo sempre foi, no mundo inteiro, a arma mais ou menos secreta de todos? Mas tem mais. Também não era um democrata. Era, isso sim, chefe de um partido a que davam o nome de Democrático.

TEMPOS IDOS — IX

Feita a República, de que ousei participar, começaram os desentendimentos. Na verdade, aqueles homens que derrubaram uma monarquia, caindo aos pedaços, tinham apenas um vago ideal comum (além do acto simples de proclamar a República) mas logo se perderam na falta de um sistema, ou de método, para aplicá-lo. E começaram desde logo, uns e outros, puxando a brasa para a sua sardinha. António José de Almeida, talvez o mais puro, Brito Camacho, o mais azedo, mas, de todos, foi Afonso Costa, demagogicamente, o mais despótico.

E para fechar: — quem destruiu a República foram os próprios republicanos. Com o

Continua na pag. 12

AMORTECEDORES

Reparo e reconstruo todas as marcas c/ garantia. Mendes — R. Capitão Ramires, 2-A — Telef. 768423 (ao C. Pequeno).

Preveja meios de detecção

Super-recorder C410

o gravador de cassetes com microfone incorporado

QUALIDADE GARANTIDA NR SGO ASSISTÊNCIA EM TODO O PAÍS

mais técnica, melhor serviço

- portátil
- ligação para gravação directa ao rádio
- pilhas e corrente
- gravação automática
- possibilidade de ligação de 2º microfone
- controlo de escuta mediante auricular

GRUNDIG

SURDOS

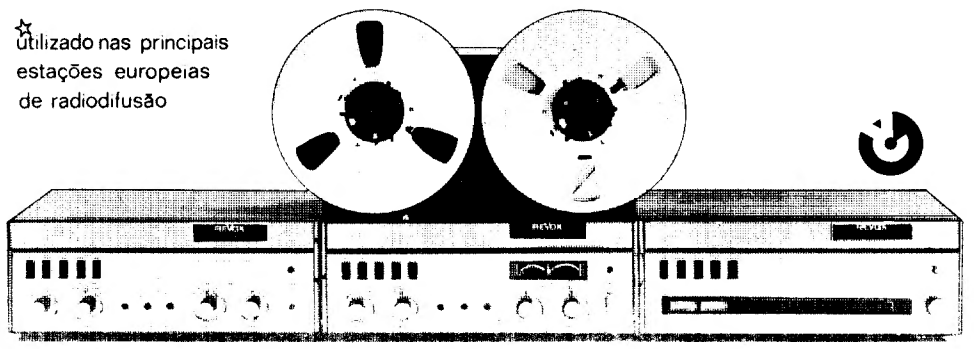
CASA SONOTONE

Vamos todos aproveitar esta quadra popular para irmos aos arraiais, comer farturas e ouvir as músicas a tocar. Mas são aqueles que as ouvem!... E os que não ouvem como fazer? Procurem-nos o mais depressa possível. Para fazerem um audiograma e uma demonstração que é gratuita, sem compromisso algum. Apresentamos o que há de mais moderno para corrigir a surdez. Aparelhos de bolso, atrás da orelha brincos auditivos, óculos aéreos e ósseos. Pilhas de todas as voltagenns mercúrio e carvão. LARINGES ELECTRÓNICAS para aqueles que não podem falar. Prestamos assistência técnica em Lisboa e na Província a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer marca ou de quaisquer marcas. Não deixem de nos visitar, com a qual ficamos muito reconhecidos.

LISBOA — Poço do Borratém, 33, S/L — Telef. 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 02-35602
LUANDA — Rua António Enes, 42-2.º — Apartamento 26

REVOX A 77 ★ - o gravador preferido por melómanos e profissionais

★ utilizado nas principais estações europeias de radiodifusão



PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO AOS PROFISSIONAIS DO COM: VALENTIM DE CARVALHO CI SARL
RUA NOVA DO ALMADA, 95-2º-LISBOA 2 — RUA FERREIRA BORGES, 150-COIMBRA — RUA DE STO. ANTONIO, 210-PORTO

A CIÊNCIA E O HOMEM

por ANTÓNIO BAPTISTA

Se houvesse que escolher, cientificamente, uma região do corpo com papel na expressão dos sentimentos, das emoções, provavelmente escolher-se-ia o hipotálamo, na base do cérebro. Mas experimentem dizer agora «O meu hipotálamo suspira por ti» ou «despedaçaste-me o hipotálamo...» e verão como aquela auréola romântica que deve envolver tais expressões se recusa a formar-se. E depois, do ponto de vista poético, na nossa língua (a doce língua do ão, do poeta) este hipotálamo seria um desgaste além de ocupar uma data de sílabas preciosas. Poder-se-ia escolher, segundo alguns fisiologistas, materialistas, o fígado. Com efeito nós falamos de inimigos digadais, ódio figadal. Se, como dizia Pascoais, «o amor é o ódio a favor», não seria de todo ilógico localizar no fígado fontes de todos os sentimentos. Mas experimente um jovem enviar para a esquiva namorada um fígado atravessado por uma seta e observe o resultado...

Foram estas e outras reflexões que levaram o professor Lee Salk da Universidade de Cornell a repensar se não haveria algo na associação tradicional do coração com os sentimentos. O resultado das suas investigações foi agora apresentado no Scientific American, num artigo intitulado «O papel do batimento cardíac nas relações entre mãe e filho» que é, ao mesmo tempo, interessante e importante.

Reparou Salk que, normalmente, as mães sustentam os filhos no lado esquerdo. Esta observação foi confirmada num estudo realizado por Hyman Weiland, da Universidade da Califórnia do Sul, que mostrou que esta tendência não dependia do facto de as mulheres serem direitas ou canhotas. Salk volta a sua atenção para as obras de arte e nota que num total de 466 quadros e esculturas, em 373, ou seja uma em cada cinco, a mãe sustenta a criança no lado esquerdo. Ver a figura junta de um quadro de Hans Memling.

E natural que Salk tenha ficado surpreendido quando começou a notar que esta tendência se não observava nas mães que traziam os seus filhos prematuros à consulta do Hospital de Nova Iorque - Centro Médico de Cornell. Transportavam com efeito os filhos, em percentagens idênticas, tanto à esquerda como à direita, o que foi confirmado em estudo posterior. Pensou Salk que este fenómeno estivesse relacionado com o facto de as mães de prematuros só entrarem em contacto com os filhos mais tarde do que as que têm parto normal. Um estudo controlado mostrou que, efectivamente, as mães que a seguir ao nascimento dos filhos só os tomam nos braços decorridas mais de vinte e quatro horas após o nascimento, indiferentemente os sustentam no lado direito ou esquerdo. As mães de crianças normais, no entanto, que logo tomam contacto com os filhos após o nascimento, em 80 por cento dos casos sustentam-nos no lado esquerdo.

O lado esquerdo é o lado do coração e Salk vai admitir, como hipótese de trabalho, que esta proximidade do filho do coração da mãe terá significado positivo. Antes de nascer, o filho escuta o ruido do coração, que é transmitido, principalmente pela aorta, até ao fluido amniótico. Este ruido está associado a um isolamento das tensões a que ficará exposto depois de nascer, é um ritmo consolador, de segurança, de bem-estar. A mãe, por sua vez, é natural que, recebendo o som reflectido, tenha o sentimento da companhia do filho antes de nascer. Instintivamente, portanto, quando pega no filho acolhe-o junto do coração. Passemos da hipótese de trabalho para a experimentação. Salk forma dois grupos de recém-nascidos. Um grupo vai ser observado em condições normais, verificando-se, com um gravador sonoro, qual a percentagem do tempo que chora. Outro vai estar numa sala em tudo idêntica, com o mesmo tratamento e dieta, simplesmente, fica escutando ininterruptamente o som do batimento do coração de um adulto, 72 batimentos por minuto com 85 decibéis de intensidade sonora que se calcula ser a equivalente ao da sua experiência antes de nascer.

As crianças sujeitas a este ruido rítmico choram em apenas 38 por cento do tempo enquanto que o grupo de controlo chora 60 por cento do tempo. Naturalmente as que choram menos ganham mais peso (isto foi observado em 70 por cento) do que as do grupo de controlo onde apenas 33 por cento das crianças ganhou peso.

O autor, criteriosamente, não prosseguiu com uma experiência em que um grupo de crianças escutava batimentos de coração com um ritmo de 128 batimentos por minuto, pois as crianças imediatamente choravam. Sabendo-se da influência na vida de um indivíduo das suas primeiras experiências, era um risco que se assumia perigosamente.

Salk não resiste a relacionar os factos descritos com os ritmos musicais. Quanto mais primitiva a cultura, escreve, mais de perto o ritmo se aproxima do do som do coração. Estará associado este ritmo a um sentimento de segurança, de bem-estar. Mas, por aqui entramos, pouco a pouco, noutro reino que já não é (ainda não é) o da ciência...

Madona e o filho, de Hans Memling. Estudos recentes mostram que, em 80 por cento dos casos, as mães sustentam os filhos no lado esquerdo, o lado do coração. Essa percentagem aproxima-se da observada em obras de arte, quadros e esculturas

REGRESSO, CIENTÍFICO, DO CORAÇÃO AO SEU CENTRO POÉTICO...

NOTA

Para epígrafe de um dos artigos que compunham a página «A Ciência e o homem» da semana passada e intitulado «A doença do medo» tínhamos escolhido os versos de Alexandre O'Neill:

Penso no que o medo vai ter/ e tenho medo/ que é justamente/ o que o medo quer.

Usando duma liberdade que é costume deixar aos poetas, durante a composição tipográfica fizeram desaparecer os versos como tais e o nome do poeta aparece como autor do artigo. Lamenta-se o ocorrido e aqui se deixa a devida correcção.

ANTOLOGIA

O trecho que seleccionamos para hoje e de que apresentamos apenas a primeira parte, completando-o na próxima semana, poderia ser não só escolhido para uma antologia sobre temas científicos, como o é agora, mas também para uma selecção de ensaios de bom humor, no bom sentido. E possível que a Conferência sobre Estrutura Nuclear que se realizou em Kingston no Canadá em 1960 venha a ser recordada como um acontecimento notável para o progresso da Física mas julgamos que poderá ser também lembrada como a reunião onde o professor D. H. Wilkinson proferiu a sua palestra sobre Elementos da Arte do Conferencista cuja II Parte intitulada «Da arte do apresentador de diapositivos» iniciamos agora:

. «A arte do apresentador de diapositivos tem três subdivisões. A terceira, «A subjugação do vosso adversário pessoal», não será discutida aqui. As outras duas são «A subjugação do projeccionista» e «A subjugação da audiência».

. É objectivo do apresentador de diapositivos arrebatar a iniciativa aparente das mãos do projeccionista e reduzi-lo a uma papa nervosa. E importante para o apresentador de diapositivos saber quando teve êxito no seu objectivo pois que só então pode dedicar toda a sua atenção à audiência que é, ao fim e ao cabo, o seu principal objectivo. Pois que o projeccionista está usualmente invisível é tarefa delicada saber de certeza que foi reduzido a papas. Quando o seu resmungar se torna claramente audível está numa situação auto-excitadora e pode, à vontade, deixar-se entregue a si próprio. O efeito enervante desses resmungos sobre a audiência é também útil.

Não recomendo a ninguém, excepto aos novatos mais bisonhos, técnicas gorsseiras e vulgares como intercalar diapositivos de diferentes formatos, incluindo o uso dos diapositivos outrora muito populares de forma pentagonal. Um começo satisfatório para os mais ambiciosos é a técnica «3-2-1». Tira partido do facto dos projeccionistas carregarem o projector com os dois primeiros diapositivos para que, logo que o presidente anuncia a comunicação, eles possam disparar a máquina mal o conferencista diz: «Primeiro...» e como uma metralhadora projectam o segundo, se há necessidade disso. O apresentador de diapositivos, portanto, deve começar: «O terceiro diapositivo, por favor» e, assim, passa logo para a frente. (E elementar observar que este diapositivo deve ser seguido pelo segundo e logo pelo primeiro em sucessão rápida.)

. Outra técnica útil, particularmente indicada, junta com a anteriormente descrita, é a que podemos chamar «Do desvio do ponto branco». Todos os diapositivos estão, é claro, marcados com um ponto branco num canto no qual o projeccionista coloca o seu polegar direito para ficar seguro da orientação correcta do diapositivo. A técnica mencionada consiste em marcar os primeiros diapositivos num canto errado, assegurando assim a sua errada projecção. Combinada com a técnica «3-2-1», o «Desvio do ponto branco» assegura um começo devastador. A isto deve seguir-se o «Diapositivo não conservador da paridade» que nunca está na posição correcta para ser projectado, qualquer que seja a forma como se coloca no projector. Há muitas formas de construir tais diapositivos. A mais simples e, ao mesmo tempo, a mais subtil, é empregar letras que estão na sua posição normal mas com as palavras escritas da direita para a esquerda.

Comunicar directamente com o projeccionista é sempre bom e deve ser feito de tal maneira que não fique claro se o apresentador de diapositivos se está a dirigir ao projeccionista ou à audiência. Devem evitar-se complicações absurdas nas instruções. O apresentador de diapositivos usa expressões como esta: «Depois do antepenúltimo diapositivo desejo projectar novamente o ante-ante-penúltimo.» E depois do diapositivo seguinte dizer: «Queria dizer, é claro, aquele diapositivo que deveria ser o antepenúltimo depois de, na verdade, ter projectado aquele que deveria ser o antepenúltimo, não aquele que era então o ante-antepenúltimo.» A

Continua na pag. 14

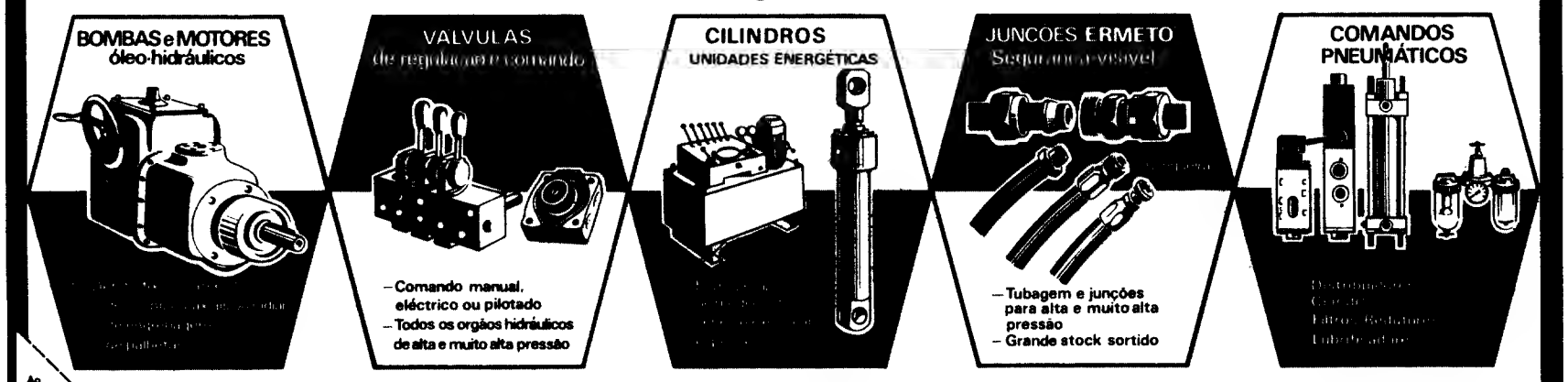
A "ÁRVORE DA CIÊNCIA" É MAIS DO QUE SIMPLES METAFORA

Certos actos de países sem grande tradição científica assemelham-se muito a práticas mágicas. Como se sabe, na magia, acredita-se que, se se imitam os gestos que acompanham certos actos, se consegue captar a essência desses actos. Assim, espetando um alfinete no coração dum boneco, procura-se atingir mortalmente o indivíduo que o boneco representa. No campo da administração da ciência, parece igualmente existir a superstição de que se se destinam cerca de 2 a 3 por cento do rendimento nacional dum país a investimento científico, e se criam certas instituições com nomes apropriados e bem dotadas materialmente, se assegura, automaticamente, o progresso científico. Não dizemos que uma tal actuação seja em si pouco importante. Pelo menos indica a existência dum estado de espírito favorável ao desenvolvimento da empresa científica. Temos é de nos guardar contra certas simplificações que falseiam seguramente os resultados.

O fundamental em qualquer projecto de organização científica onde, por razões de vária ordem, a ciência não **pegou**, é garantir o fornecimento adequado de cientistas. E assim que tudo tem de começar pelas instituições de ensino. E por isso que o ilustre Jacques Monot, Prémio Nobel, atribuia a relativa decadência científica da França à manutenção do essencial da reforma napoleónica do ensino, reforma que outros países copiaram e que mantiveram ainda mais rigidamente do que em França. Depois, só cientistas podem formar outros cientistas. E aqui nos encontramos com a história do ovo e da galinha se não aceitamos como devemos neste campo, a hipótese da geração espontânea. A partir daqui, a sociedade terá de intervir para preservar a planta insólita que no seu meio surgiu. Nunca ninguém indicou com mais claridade a importância da linhagem científica do que o bioquímico Hans Krebs em artigo que deveria ser leitura obrigatória para os que se interessam pelos problemas do desenvolvimento científico. Aí se vê que Krebs, Prémio Nobel, recebeu a sua formação de Warburg que foi discípulo de Fischer, que por sua vez trabalhou com von Bayer, todos Prémios Nobel. Bayer, por sua vez, trabalhou com o célebre Kekulé, aluno do grande Liebig, fundador da química orgânica e a cujo centenário de falecimento aqui fizemos há pouco devida referência. Estes não foram Prémios Nobel. por ser coisa que no seu tempo não existia. Por sua vez, como contámos, Liebig trabalhou com Gay Lussac discípulo, esse, de Bertholett que fora aluno de Lavoisier que, por pouco, escapou de ser advogado. Se olharmos atentamente para esta árvore da ciência, começando pelo seu primeiro Prémio Nobel, Johann von Bayer a quem lhe foi atribuido em 1905 pelos seus trabalhos sobre corantes orgânicos e novos medicamentos, veríamos que dele descendem nada menos do que 16 prémios Nobel, os últimos dos quais são Lipmann e o espanhol Severo Ochoa que recentemente esteve entre nós, mostrando, numa exposição sobre um tema para o qual não contribuiu directamente virus e cancro .. como o espírito do investigador se sente soprar mesmo através de matéria de compêndio...

A conclusão que podemos extrair é que a excelência gera a excelência. A vizinhança próxima de cientistas notáveis estimula os jovens pelo estabelecimento duma atmosfera em que certos valores se respiram naturalmente e que são muito exigentes. Isto é o que, por infelicidade, muitas vezes se esquece nas programações do desenvolvimento científico. Isto é, desconhece-se a fonte dele. Regressemos, pois, às fontes...

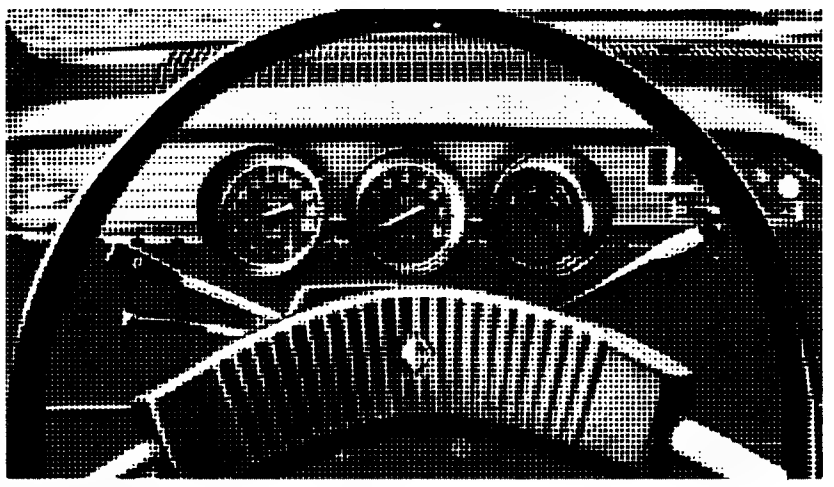
Oferecemos-lhe o „Saber Como" utilizar a energia óleo-hidráulica e pneumática

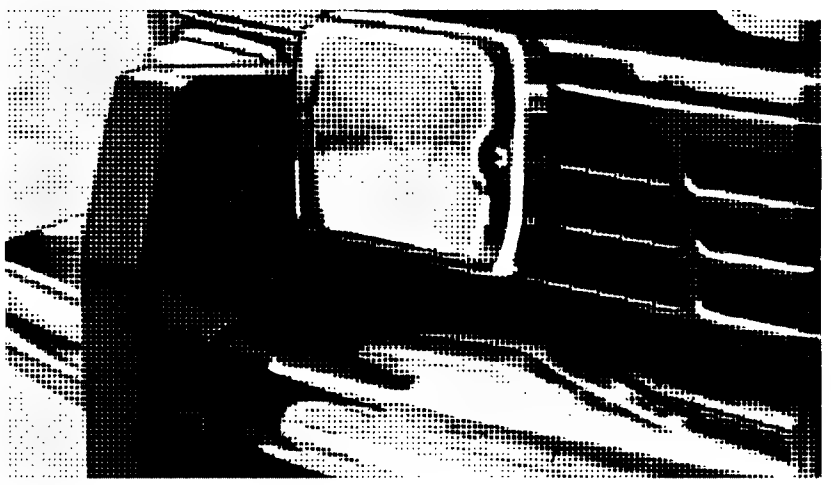


Ao Serviço Informativo GUSTAVO CUDELL, Apartado, 248 Porto
Queiram enviar-me literatura sobre: (marcar X no que interessa)
○ Óleo-hidráulica
○ Pneumática
○ Contadores para agua e outros liquidos
○ Mangueiras e junções

CONCESSIONÁRIOS EXCLUSIVOS EM TERRITÓRIO PORTUGUÊS PARA
AS MARCAS MAIS VENDIDAS DA EUROPA
TUROLLA ● C.RAUCH ● ERMETO
HAWE ● IMO ● PRÀDIFA ● REXROTH
STAFFA ● WESTINGHOUSE
FABRICO E MONTAGEM EM PORTUGAL SOB LICENÇA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA · GRANDES STOCKS

CONSULTE A NOSSA DIVISÃO O+P (Óleo-hidráulica e Pneumática)
GUSTAVO CUDELL, LDA.
● DIVISÃO O+P ● DIV. REGA ● DIV. MÁQUINAS ● DIV. TRANSMISSÕES MECÂNICAS ●
PORTO - Rua do Bolhão, 157
Telef. 37966 (5 linhas) - Telex 2723
LISBOA 5 - Avenida do Brasil, 88 A/B
Telefs. 771701 - 767717 - Telex 1439



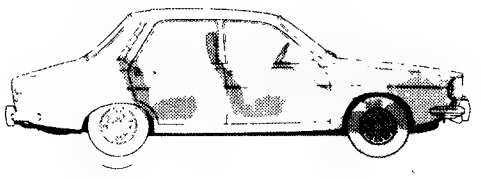


Quando um carro é muito bom, a única solução possível é torná-lo óptimo: Renault 12 TS.

Eis o que acontece com o modelo 12 TS, da linha Renault 12. Equipámo-lo com travões de disco assistidos por servo-freio, faróis de longo alcance, jantes desportivas (tipo Gordini) e frisos laterais cromados. Demos-lhe um conforto único e requintado: assentos anatómicos, tipo "integral", alcatifas espessas, painel de instrumentos com conta-rotações electrónico, sistema de lavagem e limpeza de vidro pára-brisas com 2 velocidades e conjunto central com relógio incorporado.

É um motor potente que o leva a atingir facilmente mais de 150 Km/h ao cronómetro.

Nada acrescentámos à suspensão, nem à "tracção à frente". Por razões óbvias: não se pode melhorar o que já é óptimo.



RENAULT
O maior fabricante mundial de tracção à frente.

INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, S.A.R.L.

CARTA DO BRASIL

Continuação da pag. 10

velho ódio que passou a separá-los. Já recentemente eu quis dizer isto a propósito de um livro de Baptista-Dinis. Porque, se os monárquicos derrubaram a monarquia, também os republicanos, instalados no Terreiro do Paço, cavaram a ruína da República. Diziam os heróis portugueses do 31 de Janeiro: — «Esta não é a República que nós sonhamos».

E não era.

Em conclusão: Se não desejo a paz para os mortos, é porque desejo uma melhor paz para os vivos.

E AGORA UM LIVRO DE HOJE

Dom Quixote de muitas e muitas variadas batalhas, ora contra os inimigos da poesia novíssima (concretismo, e seus derivados), poeta ele mesmo, sempre disposto a encontros e inquisições, onde, antes de tudo, se mede a si próprio; Dom Quixote investido contra o moinho luso-brasileiro, que, afinal, vai moendo duas culturas diferentes; — assim é Arnaldo Saraiva que tão depressa coroa, com os justos louros do talento, a bela figura humana de José Régio, como na breve distância de uma sem páginas, se transforma no hágil defensor de um filme pleno de humor sádico, cheio de encruzilhadas do inferno que nunca poderiam ser aceites pelo poeta de outras encruzilhadas, as de Deus.

Contra o filme escrevera Régio um longo artigo. Então, com o ímpeto de um Al Capone, surge Arnaldo Saraiva ameaçando o poeta com as rajadas da metralhadora de Bonnie e Clyde, que, segundo ele, «acabarão atacando em cheio (e a isso ele chama de regicídio) o escritor português José Régio».

Tudo, é claro, porque Arnaldo Saraiva tem algo que lhe dá a força de um Camilo Castelo Branco, e creio que, com estas palavras, não lhe posso fazer maior elogio. E uma figura viva, admirável, polémica amando ora o combate, ora o louvor, e isso com um desassombro que o torna uma figura ímpar, em Portugal, entre os que cultivam mais as letras do que aquilo que elas socialmente poderiam representar. Arnaldo Saraiva faz parte, segundo creio, do corpo docente da Faculdade de Letras do Porto. E um escritor que os leitores devem procurar conhecer. Para isso basta-lhes apenas adquirir o seu mais recente colume: «Encontros-Desencontros» que encheu de alegria um dos meus últimos serões (Edição da Livraria Paisagem).

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28-Ap. 908 — Copacabana — G. B. Brasil.

ESCÓCIA E LONDRES
PARTIDAS:
TODOS OS DOMINGOS ATÉ OUTUBRO
● Avião + Autopullman
● Hotéis c/ banho + refeições
● Várias visitas de Cidades e Lagos
● Guia acompanhante
1 ou 2 SEMANAS
Programas e inscrições:
abreu
FUNDADA EM 1840
LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 27921 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27011/27013

COMO SÃO JULGADAS AS PROVAS DO ENSINO LICEAL

Segundo as instruções oficiais «o julgamento das provas escritas será feito com justo e equilibrado critério, chamando a atenção para as instruções que acompanham as cotações de cada prova.
Os alunos internos e externos deverão ser julgados em pé de absoluta igualdade».

AFIXAÇÃO DE RESULTADOS

Os resultados das provas escritas somente serão afixados depois de à Direcção-Geral terem sido comunicadas telegrafica ou telefonicamente as seguintes indicações (relativas apenas aos alunos internos e externos sujeitos a matrícula):
a) curso geral:
número de examinandos por disciplina, por secção, número de notas até 4,0, de 4,1 a 8,4, de 8,5 a 11,4, de 11,5 ou superior;
por secção, número de excluídos, de admitidos com 8,5, com mais de 8,5, de dispensados com classificação de 11,5 a 13,4 com 13,5 ou superior;
b) curso complementar:
número de examinandos por disciplina, número, por disciplinas, de notas até 4,0 de 4,1 a 8,4 de 8,5 a 13,4 de 13,5 ou superior;

A autorização para afixação dos resultados será comunicada pela direcça-geral do ensino secundário por meio de telegrama ou telefonema.

A afixação das notas das provas escritas e dos resultados das orais só deve ser feita depois de rigorosa e cuidadosa verificação.

Na pauta a afixar, de harmonia com o disposto no artº. 524º. do Estatuto, far-se-á menção das classificações obtidas por todos os examinandos nas provas escritas de cada uma das disciplinas. Devem no entanto, os estabelecimentos afixar em pauta separada as classificações dos examinandos não sujeitos a matrícula. Artigo 524: «Votadas as classificações, o reitor mandará afixar uma pauta com a indicação dos alunos que ficaram excluídos, admitidos e dispensados das provas orais e designará o dia em que estas se iniciam».

Nas pautas destinadas à afixação dos resultados das provas de exame será feita a discriminação de interno e externo. Neste último caso indicar-se-á se o examinando é do ensino individual, doméstico ou isento de matrícula e se foi inscrito em estabelecimento, indicar-se-á o colégio que o propõe, sem esquecer o caso das pautas separadas de examinandos não sujeitos a matrícula.

CLASSIFICAÇÕES E ARREDONDAMENTOS

Julgamento das provas escritas e práticas:

a) as classificações por disciplinas dos exames de curso geral são escrituradas com valores decimais assim como as das provas escritas das disciplinas de Ciências Naturais e Físico-Químicas do curso complementar;

b) nas exclusões por classificação anterior a 5 (duas disciplinas de cada secção do curso geral; prática ou respectiva escrita do curso complementar) impostas pelos nº. 1 e 2 do artº. 9º. do Decreto nº. 40 591, não se faz arredondamento: inferior a 5 são 4,9 e menos;

c) igualmente a nota de mau inibitória do acréscimo de 1 valor (mesmo decreto, artº. 10º.) é de 4,0 ou menos;

d) no curso geral e no curso complementar a admissão à oral, fazendo-se com 9, faz-se também com 8,5;

e) a dispensa da prova oral, dazendo-se respectivamente com 12 ou 14, faz-se também com 11,5 e 13,5.

f) Para determinação das insuficiências de média previstas no dec. 224/70 de 18 de Maio, as notas das provas escritas não devem ser arredondadas.

NAS PROVAS ORAIS:

a) Não há arredondamento na **média das provas orais;**

b) No curso complementar (como no geral), antes de se fazer a média final de cada exame, estará arredondada a nota da prova escrita, onde 9,5 são 10 e 9,4 são 9; 12,5 são 13 e 12,4 são 12;

c) Obviamente, a classificação final de qualquer exame (curso geral ou complementar) do mesmo modo se arredonda sem prejuízo da doutrina do artº. 13º. do Decreto 40 591, em que esta classificação pode ser atribuída pelo júri.

EXCLUSÕES NAS PROVAS ORAIS

no curso geral:

— Média nas provas orais (não arredondada) inferior a 9,5 valores;

— Média da classificação final da prova escrita (arredondada) com a da classificação da prova oral (não arredondada) inferior a 9,5 valores;

— Duas disciplinas em prova oral com a classificação inferior a 10 valores;

— Uma disciplina da oral com a classificação inferior a 5 valores;

no curso complementar:

— Os examinandos serão excluidos nas disciplinas em cuja prova oral tenham classificação inferior a 10 valores.

Os arredondamentos só se fazem na média das classificações da prova escrita e na classificação final do exame completo, isto é, na média da prova escrita (já arredondada) e da prova oral (não arredondada). No caso da classificação final do exame do curso geral, a média das classificações finais (já arredondada) obtida em cada uma das secções também terá arredondamento.

PRIORIDADES

A fim de ser fixado pela Direcção-Geral do Ensino Superior o início da prestação das provas escritas dos exames de aptidão para a 1ª. matrícula nas Universidades, os Reitores darão prioridade na prestação das provas orais aos examinandos que se encontrem em condições de concluir o curso complementar.

RECURSOS

— Qualquer aluno **excluído** pode recorrer da decisão tomada, não só relativamente à disciplina ou disciplinas em que obteve nota negativa, mas ainda àquelas em que obteve média positiva, desde que se julgue com direito a maior classificação, isto apenas nos exames do curso geral por secção. Dos recursos é guardado o anonimato.

— Cada recurso não pode dizer respeito a mais de uma disciplina (artº. 535º. do Estatuto) ainda que, no caso do Desenho (curso geral), recorra das duas provas; neste caso é devida apenas o pagamento da importância de 200$00.

— Devem os Liceus ter presente que, por cada disciplina recorrida será apresentado um requerimento e uma alegação justificativa dos fundamentos do recurso. Não pode, portanto, em cada alegação haver referência a disciplinas diferentes da recorrida. Nem de outra maneira poderia ser. Visto que os recursos de disciplinas diferentes são distribuídos a professores também diferentes.

— Os recursos fundamentados em erros de contas nos cálculos da pontuação atibuída pelo examinador, assim como em falta, por mero lapso, da classificação em algum quesito serão resolvidos pelos Reitores, ouvidos o Presidente do júri e o examinador respectivos.

O visto das provas recorridas obedece às seguintes normas:

a) Em cada sala só devem ser admitidos, em princípio, à vista de provas, dois recorrentes de cada vez.

b) O recorrente, nos termos do nº. 2 do artº. 540º. do Estatuto do Ensino Liceal só poderá fazer acompanhar de um perito e de mais ninguém.

c) Se um recorrente requerer vista de duas ou mais provas, só lhe será permitida a vista de uma de cada vez, isto é, só poderá ver nova prova depois de recolhida a anterior.

d) Ao copiarem o teor das provas ou ao fazerem o rascunho da minuta do recurso, o requerente e o perito só poderão fazer uso do lápis.

e) O professor encarregado dos serviços exercerá uma vigilância constante e eficaz.

f) Ao autor das alegações será facultado, para vista, um exemplar das cotações da prova recorrida.

g) A vista de provas deve ser dada, quando muito, no dia seguinte ao da interposição do recurso.

NORMAS PARA AS PROVAS DO ENSINO TÉCNICO

As indicações para exames do ensino técnico continuam a reportarem-se às instruções gerais relativas ao serviço de exames, círcular 2464, de 28 de Maio de 1964, que é um decalque às instruções gerais relativas ao serviço de exame, coordenadas pela Inspecção do Ensino Técnico, em 1950, data que representa o início de um triénio de organização escolar considerado dos mais progressivos do ensino técnico profissional e de cujas iniciativas outros tipos de ensino se têm utilizado e bem.

Das indicações para exame, algumas delas consequência de despachos ministeriais (caso das batas no pessoal docente feminino, decisão do ministro dr. Fernando Pires de Lima) transcrevemos três das quais duas são consideradas ainda hoje reivindicações dos encarregados de educação (só se deve examinar o que se ensina e anular o que se autua circunstancialmente).

MATÉRIAS NÃO VERSADAS

Se alguma pergunta ou questão dos pontos disser respeito a elementos dos respectivos programas não versados nas aulas, podem os examinandos internos fazer na prova a correspondente declaração, não assinada, cuja veracidade será averiguada pelo director da escola após ter-se procedido à identificação dos examinandos.

Provada a alegação e ocasionando o julgamento dessa prova a imediata reprovação do examinando, procederá o júri à revisão da classificação, para o que atribuirá proporcionalmente pelos outros números da prova (resolvidos ou não pelo candidato) a cotaão atribuída ao número acerca do qual tenha sido feita a declaração.

BATAS

É obrigatório para as alunas internas e professoras envergar a bata escolar durante as provas escritas, práticas e orais.

VALIDADE DOS EXAMES

Deverá ser mantida a validade dos exames que os alunos hajam completado antes da descoberta de fraudes.

OS EXAMES SÃO NECESSÁRIOS?

por **Calvet de Magalhães**

Poder-se-ia legítimamente perguntar como é possível praticar o que por outro lado se censura. Trata-se talvez de uma espécie de inércia dos métodos de ensino, atribuível a ausência de formação actualizada dos professores, de algum modo ligados às práticas pedagógicas que foram as de seus mestres. É assim que se instala e se transmite a rotina, a cegueira psicológica, a indiferença dos problemas reais postos pelo acto pedagógico.

Numa pedagogia em que a preocupação primacial é sugestionar, o professor só pode ser eficaz abandonando a sua posição dominante, para se colocar na perspectiva dos alunos. Um estilo novo de cooperação entre professores e alunos é enfim a condição de uma integração social que a escola nem sempre favorece. O que se verifica é o professor estar adaptado à ideia de se centrar no programa; visto ser preciso inculcar, outorgar o saber, dedicar-se a **fazer penetrar** um contexto, de forma coercitiva, no espírito do aluno, expositivamente, didacticamente, usando técnicas de ditado, recitativos, etc. Preocupado mais com a transmissão como tal, do que com a significação que pode ter ou não o saber para o educando, considera-o no fundo um objecto passivo, tendendo para esquecê-lo. A técnica tradicional não induz ao desenvolvimento harmonioso da personalidade. **O bom aluno,** querido dos professores, não é sempre bastante são psicologicamente, aliás não mais do que o **mau aluno,** em que predomina a revolta.

No processo tradicional é a transmissão que prevalece; não se faz apelo ao esforço pessoal do aluno senão para melhor assegurar a transferência. Importa um dia fazer o balanço de horas de ensino sacrificadas, de competências desperdiçadas, das fadigas nervosas e das angústias acumuladas nesta insana quermesse anual que são os exames: o enfrentar dos júris, o trabalho normal substituído pelo folhear apressado de resumos e quadros sinópticos e o que ainda se não enumera. Os exames, como fim e não como **meio,** constituem a condenação de todo o sistema pedagógico.

Na orgânica que pesa sobre os alunos, sobre as famílias, sobre os próprios professores, mais forte que todas as considerações pedagógicas tidas como razoáveis, o mestre funda o seu poder na infalibilidade. É ele que detém todas as chaves da situação em que está lançado com os seus alunos. Se o seu liberalismo admite alguns rodeios no andamento seguido pelos jovens, é para os conduzir mais seguramente para os lugares que antecipadamente escolheu. O uso do interrogatório, que tem tão grande lugar no nosso sistema escolar, é aproveitado para recolher uma informação que falta, junto de quem é susceptível de comunicar. Na vida escolar, a interrogação é por vezes de má-fé: o professor inquire o aluno a fim de fazer aparecer a sua ignorância ou de obter dele uma informação que como examinador já possui. Quer a resposta seja reputada falsa ou justa, o perguntante encontra sempre nela a confirmação do seu privilégio. A arte da maiêutica praticada por Sócrates, conduz-nos ao fim do monopólio escolar, em que o professor já não é visto como o único fornecedor de saber. O discípulo que adquiriu conhecimento fora do meio escolar, tornando-se con-

Continua na pag. 14

3 HORAS NO TEJO

A C. P. informa:

de que em colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa, organiza aos domingos, desde 27 de Maio até 26 de Agosto, passeios no Tejo, numa das nossas embarcações.

PREÇOS:

Por passageiro adulto	18$00
Criança	9$00

HORÁRIO

Embarque na estação de Terreiro do Paço	15 horas
Desembarque na mesma estação ...	18 horas

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Terreiro do Paço).

SEMINÁRIO DO I.N.I.I.

No prosseguimento das Acções de Formação iniciam-se durante a próxima semana mais dez seminários promovidos pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial:

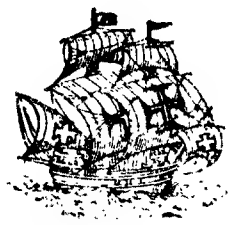
. **«A Gestão Integrada na Empresa»**, último módulo do Ciclo de Management e Informática; **«Estudos e Pesquisas Comerciais»**, último módulo obrigatório do Ciclo de Marketing; **«Sociedade de Controlo (Holdings)**, de **Investimento e de Aplicação de Capitais»**, Seminário Especializado; **«A Rentabilidade a Longo Prazo»**, módulo especializado do Ciclo de Direcção Financeira; **Gestão Financeira e dos Investimentos**, último seminário da Direcção e Gestão Modernas da Pequena e Média Empresa e, finalmente, os **«Aspectos Económicos da Indústria dos Hidrocarbonetos»**, em colaboração com a Direcção-Geral dos Combustíveis e **«Preparação e Organização do Trabalho nos Estaleiros de Construção Civil»**, destinado ao Sector da Construção Civil.

FATOS BANHO-BIKINIS

PARA SENHORA
Nacionais e estrangeiros
APENAS POR
150$00 e 120$00

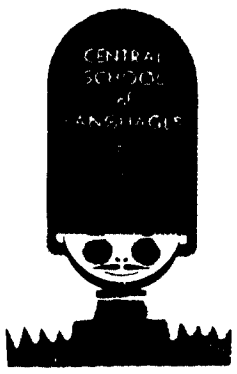
VESTIDOS PARA SENHORA
SÃO MILHARES A 150$00
E TAMBÉM
CAMISAS PARA HOMEM
67 % POLYESTER (NÃO PASSA A FERRO)
APENAS POR 50$00 CADA

TODOS ESTES ARTIGOS ESTÃO A SER VENDIDOS
NOS
Tecidos
Almirante, Lda.



AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

LÍNGUAS
NO VERÃO



★ CURSOS INTENSIVOS TODOS OS MESES
★ CURSOS NORMAIS DE 2 ou 3 Horas semanais
★ PROGRAMA ESPECIAL DE APERFEIÇOAMENTO POR CORRESPONDÊNCIA
★ AULAS INDIVIDUAIS
★ CURSOS DE VERÃO EM INGLATERRA

INFORMAÇÕES: Na Organização International House em Portugal

Lisboa: CENTRAL SCHOLL OF LANGUAGES
Rua Marquês Sá da Bandeira, 16
Telefs. 51496; 534054; 534062

Barreiro: CENTRAL SCHOLL OF LANGUAGES
Avenida Alfredo da Silva, 57
Tel. 2073622

Coimbra: INSTITUTE OF LANGUAGE STUDIES
Rua Antero de Quental, 135
Tel. 22971

ih

OS EXAMES SÃO NECESSÁRIOS?

Continuação da pag. 13

sumidor de uma economia de mercado, obriga o ensino a sair do seu período feudal, obriga-nos a reconsiderar a sua situação de vassalo; e como sofre «doença da informação» o professor só será insubstituível na medida em que ensinar os alunos a organizarem os seus conhecimentos, de aprender a aprender.

O drama do nosso tempo é o homem não estar mais presente em suas instituições e funções. Estas passam-lhe além e ele não pode dominá-las. Esmagam-no. O renovamento dos métodos consiste portanto em encontrar para a criança e para o adolescente o ambiente escolar à sua medida que plenamente os conscencializa e lhes proporcione esteio sólido para a vida.

Que explicação lógica para os exames perante esta apologét'ca? A não ser, como pensava Alain, o exame seja em última análise apenas um teste de carácter psicossomático, para medir a capacidade de abordar uma situação traumatizante, ou mesmo uma prova física de resistência. Neste caso o professor será obrigado a ser cúmplice da degradação do ensino.

ANTOLOGIA

Continuação da pag. 11

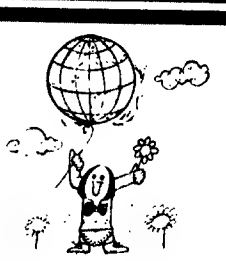
seguir a isto, passar em claro um diapositivo.

Estas são técnicas muito elementares que bastam para a maioria dos projeccionistas. Às vezes alguns oferecem resistência e, neste caso, temos ao nosso dispor métodos um pouco mais avançados. Mencionarei três dêles:

. 1 — **O diapositivo infocável**. Consiste em duas laminas de vidro idênticas, ambas com a imagem a projectar e que são fixadas, precisamente, uma junto da outra com uma pequena quantidade de cera de baixo ponto de fusão. Depois de algum tempo de projecção, o calor da lâmpada funde a cera e uma lâmina desliza relativamente à outra ficando a figura fora de foco verticalmente. O grito ríspido de «Foco, por favor» leva o projeccionista a esforços desenfreados, vãos e incrédulos.

2 — **Encravamento explosivo.** Ao fundo dum diapositivo especial, curto, é adaptada uma lâmina bimetálica, forte mas delgada. O apresentador de diapositivos fala demoradamente sobre essa figura de modo a permitir que o calor da lâmpada encurve a lâmina bimetálica. O apresentador explica que deseja que esse diapositivo seja seguido imediatamente por um outro de modo a mostrar uma pequena diferença e quando abruptamente grita: «Agora» e o projeccionista actua, o diapositivo fica encravado. O apresentador de diapositivos importuna-o com um disparar vivo «Diapositivo seguinte, diapositivo seguinte...» e o projeccionista depois de ensaiar alguns empurrões fúteis, agarra nas extremidades do encaixe do diapositivo e abana-o vigorosamente de todos os lados. As pernas do projector fazem um ruído de dança no solo muito satisfatório, enquanto toda a máquina balanceia de lado a lado.

3 — **O par em branco de Groshev**. Esta técnica avançada é assim denominada em honra dum apresentador de diapositivos soviético que inspirou este progresso importante. A técnica baseia-se no uso de dois diapositívos sucessivos completamente vazios. Estes são colocados no fim duma fila de diapositivos que foram projectados em sucessão rápida, produzindo um efeito cansativo e hipnótico sobre o projeccionista. Subitamente, a fila chega ao fim e o projeccionista, depois de carregar a máquina com o diapositivo seguinte volta, agradecidamente, a roer as unhas. Contudo, o diapositivo que projecta em resposta ao último urgente: «Diapositivo seguinte, por favor» era de facto o primeiro dos dois diapositivos completamente em branco e o segundo diapositivo branco já está pronto para a projecção. Depois de alguns segundos vem a insistência gelada do apresentador: «Tinha pedido o próximo diapositivo, por favor». E o projeccionista vê, com horror, que não aparece nada no «ecran» embora tivesse posto um diapositivo em posição. Sabe que colocou um diapositivo. Deve ter, por qualquer equívoco, retirado o penúltimo diapositivo sem colocar nenhum em seu lugar e substituído o último por aquele que deveria estar agora a ser projectado mas não aparece. Logo precipita-se e projecta o seguinte, depois de por três vezes ouvir: «Estou ainda à espera do próximo diapositivo». À quarta repetição de «Estou ainda à espera...» coincide com o primeiro gemido entrecortado do projeccionista. Embora com a vista turva ele sabe como readquirir a sua sanidade. Retira o suporte dos diapositivos e enfia o seu dedo através do meio do segundo diapositivo em branco para se certificar da sua existência tangível. Mas só encontra um grande buraco. O diapositivo pouco mais é do que uma armação delgada. O gemido cresce para lamento. Com o último vestígio da sua razão, o projeccionista, agarra no diapositivo seguinte e tenta enfiá-lo no suporte já ocupado pelo segundo diapositivo em branco. Deixemos assim o projeccionista.



VIAGENS ACOMPANHADAS

MARROCOS
— 6 dias
Visitando: Casablanca, Marrakech, Fez e Meknes
Partidas: 9, 14 e 19/6
2.830$00

A ALEMANHA
— 10 dias
(Em autocarro de Zurique a Zurique). Visitando: Zurique, Triberg, Offenburg, Heidelberga, Francfort, Nuremberga, Munique e Garmish Partenkirchen
Partidas: 2, 11, 20 e 29/8
7.600$00

A ÁUSTRIA
— 10 dias
(Em autocarro de Zurique a Zurique). Visitando: Zurique, Munique, Salzburg, St. Wolfgang, Viena, Spittal, Cortina d'Ampezzo e Innsbruck
Partidas: 2, 11, 20 e 29/8
7.750$00

A ITÁLIA — 10 dias
(Em autocarro de Zurique a Zurique). Visitando: Zurique, Milão, Vencza, Florença, Roma, Pisa, Génova e Lugano
Partidas: 2, 11, 20 e 29/8
7.380$00

COPENHAGUE
«A Cidade Quente»
— 10 dias
Partidas: 5, 14 e 23/8
8.100$00

À ESCANDINÁVIA
— 10 dias
(Em autocarro de Copenhague a Copenhague). Visitando: Copenhague, Jonkoping, Estocolmo, Karlstadt, Oslo e Goremburgo
Partidas: 5, 14 e 23/8
13.250$00

ÁUSTRIA, HUNGRIA E JUGOSLÁVIA
— 10 dias
(Em autocarro de Viena a Viena).
Partidas: 3, 12 e 21/8
9.690$00

ÁUSTRIA, HUNGRIA E CHECOSLOVÁQUIA
— 10 dias
(Em autocarro de Viena a Viena)
Partidas: 3, 12 e 21/8
9.250$00

Com a garantia da
POLITUR
Informações e Reservas:
Lisboa—Rua Rosa Araújo, 2
Telefone — 536971

VM Meliá
na sua rota pelo mundo

CARLOS GARCIA ALVES

Missa do 30.º Dia

Sua família comunica que será celebrada Missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 25, às 12.30 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima.

ENNES COSTA, LDA.

A. VILLAVERDE CABRAL

Semana Internacional

UMA CIMEIRA GLOBAL

. A prolongada cimeira entre Richard Nixon e Leonid Brejnev já teve como resultado a assinatura de uma série de tratados e acordos entre as duas maiores potências deste planeta. No essencial nada se passou que não fosse esperado. A vantagem (alguns dirão que é uma desvantagem) destes encontros ao mais alto nível reside na possibilidade de se chegar a acordos muitas vezes apenas tácitos — que ficam no segredo dos deuses e não são passados aos jornais para que o mundo deles tome conhecimento.

Se assim não fosse, não haveria qualquer necessidade de encontros pessoais entre os dirigentes máximos, uma vez que eles apenas rubricariam aquilo que os outros de antemão haviam preparado.

Esta cimeira, que só pode ser entendida tendo-se em conta a globalidade de problemas que se vivem hoje no mundo, não fugiu à regra geral.

Os soviéticos desde há muito que se vêm batendo pelo desanuviamento, aquele contra a euforia do qual o secretário de Estado William Rogers ainda há dias precavia a NATO. Assim, não é de estranhar que Brejnev sorria em grandes quantidades nos EUA, numa evidente tentativa de criar uma imagem agradável que facilite a aceitação do desanuviamento e da coexistência pacífica por uma opinião pública sujeita a década de propaganda antocomunista em geral e anti-soviética em particular. A ida de Brejnev — como em tempos a de Kruchtchev — aos Estados Unidos é antes de tudo uma operação de «public relations», se assim se pode dizer. Ele foi ao centro mundial do capitalismo vender um «produto». Esse produto é a coexistência pacífica, e o «comprador» que se tem em vista não é o Governo, mas a opinião pública.

Do lado americano, o interesse nesta cimeira é sobretudo conjuntural e deve-se às dificuldades porque passa o país. Não me refiro ao caso Watergate, mas à crise do dólar, à inflação, à crescente perda de influência no mundo. Num momento em que, por exemplo, os dirigentes americanos sentem que, mais ano menos ano, terão de retirar as suas tropas de todo o mundo por onde se encontram espalhadas e, mais proximamente, da Europa, é de toda a conveniência que isso se faça com a aparência de uma retirada acordada e não imposta de dentro ou de fora. Daí a necessidade de entrar em negociações que permitam a retirada em boa ordem. O que se fez para o Vietname em Paris, procura-se fazer para o mundo em negociações conjugadas com Pequim e Moscovo.

Nas negociações com os soviéticos, não se trata de dividir o mundo em zonas de influência, embora nos contactos com os chineses, ao que dizem observadores americanos, se tente ganhar a colaboração de Pequim no sentido de impedir que certas zonas venham a cair naquilo a que chamam a «órbita soviética».

Por detrás dos sorrisos de Washington, Camp David e San Clemente está uma negociação duríssima que, sendo a dois, tem a presença permanente de um terceiro. Não fora a presença desse terceiro, a complexidade das questões a resolver seria muito menor e nenhum dos negociadores poderia utilizar a seu favor esse factor, como fatalmente acontece, mesmo que nunca seja mencionado.

c De qualquer forma, no fundamental, a situação global do planeta — sem menosprezar a importância das excepções e das nuances — pode caracterizar-se pelo recuo americano em relação a hegemonia do pós-guerra e pelo ascenso do desanuviamento.

Aqueles que jogam pela coexistência, bem como os que a combatem mais activamente, têm consciencia de que se trata de desencadear um processo com uma dinâmica de potencialidades muito ricas, ou, então, de o matar à nascença, antes que ele comece a dar resultados tidos como desagradáveis. Porém, o processo já está em marcha e até já deu alguns resultados. A menos que surja algum cataclismo completamente inesperado ele é irreversível.

PAULO VI: DEZ ANOS

O pontificado de Paulo VI atingiu os dez anos. Depois do período dominado por essa figura carismática que foi a de João XXIII, o reinado de Montini surge como muito mais «político».

Paulo VI tenta administrar renovação que o Papa João iniciou. Falta-lhe porém o poder de comunicação imediata que o seu antecessor evidenciava, ao mesmo tempo que esteve demasiado tempo ligado aos negócios do Vaticano, movendo-se na órbita de Pio XII, para poder agir com a naturalidade que o mundo sentiu em Roncali.

Mas o cardeal Roncali fora escolhido como um homem de transição, talvez até com a esperança de que nada viesse a fazer, além de dar tempo a que se pensasse bem no substituto. João XXII cumpriu mal as expectativas. Foi muito além do que se esperava e, talvez, do que se desejava. Suceder-lhe foi a tarefa espinhosa que deram, há dez anos, o cardeal Montini, arcebispo de Milão.

Aquilo que João XXIII tinha de franco. repentino. aberto. Paulo VI tem de ponderação, moderação, calculismo. O actual pontificado tem oscilado habilmente entre posições conservadoras (a célebre» encíclica da pílula», por exemplo) e posições muito próximas das que o seu antecessor tomaria (o discurso de Kampala, por exemplo).

Mas Paulo VI, muito mais que João XXIII, conhece a Igreja de que é chefe. As oscilações não se devem a qualquer inconsistência das suas opiniões. Ele põe acima de tudo a necessidade de manter a Igreja simultaneamente coesa e actuante. Para isso está — e tem-no demonstrado amplamente em minha opinião — disposto a sacrificar alguns sectores que, na sua profunda compreensão das coisas, são tidos como perdidos, se não hoje, amanhã com certeza.

O movimento desencadeado com a cobertura espiritual das palavras do Papa João é um movimento desintegrador, a longo prazo pelo menos. Paulo VI sabe-o, como sabe que não pode — talvez nem profundamente o desejasse — opor-se à mensagem do Papa popular. Porém ele conhece as suas responsabilidades: a de manter o legado dos séculos, com as adaptações indispensáveis, mas guardando do assalto o que é essencial.

João XXIII poderá ficar na história com um lugar mais destacado que Paulo VI, mas este tem sido um muito maior defensor da Igreja. O seu papel tem sido, no fundo, o de um conservador, em todos os sentidos que se queira dar à palavra.

OS "ÚLTIMOS DIAS" DE PERÓN

Juan Domingo Perón regressou para «oferecer os seus últimos dias» à Argentina. Os argentinos, agradecidos, e transportados de graça, prepararam-se para lhe fazer uma recepção condigna. Porém, por razões ainda ignoradas e que talvez nem convenha muito averiguar, a recepção transformou-se em tragédia. Morreram 20 pessoas e ficaram feridas mais de 300.

Perón, avisadamente, não compareceu ao encontro ensanguentado e falou ao país no dia seguinte através dos seguros canais da rádia e da televisão. Pediu unidade, trabalho, nacionalismo e prometeu rigor no tratamento dos perturbadores da ordem.

O velho ditador, que se apresenta em grande forma ao que parece, está já a desempenhar o papel que se propagandeava no «slogan» eleitoral «Campora para o Governo e Perón para o poder». Aparentemente, está-se de regresso aos «bons velhos tempos». Perón encontra-se à cabeça dos argentinos e tem, efectivamente, o apoio de grande parte da população, da maior parte da população. Porque será que ele tem esse apoio, essa quase incompreensível popularidade, é outra questão. Mas que a tem, não há a menor dúvida.

É atendendo ao apoio popular de que o velho ditador beneficia que se pode concluir que os incidentes no aeroporto foram de extrema gravidade, não só para os sectores mais radicalizados da opinião de esquerda, como para toda a esquerda verdadeira. Na verdade, quer tenha ou não sido o E.R.P. — a que uns chamam trotskista e outros marxista-leninista, o que mostra bem a confusão — o causador do banho de sangue, o certo é que, depois do que aconteceu, a grande maioria da população argentina está apta a encarar sem grandes protestos, talvez

mesmo com um assentimento tácito, qualquer campanha de repressão contra todas as forças de esquerda. Esta é uma situação que a esquerda não pode, em qualquer lugar, deixar que se crie.

Os generais, quando permitiram — por pressão popular é certo — as eleições que, todos o sabiam, iriam ser ganhas pelos peronistas, não o fizeram por serem uns excelentes democratas. Eles agiram daquela forma porque sabiam que, sem Perón, era impossível controlar a pressão popular em favor de profundas alterações na sociedade argentina.

Só a popularidade do velho ditador permitiria fazer — por quanto tempo é que não se sabe — uma política de reformas, talvez importantes mas não fundamentais, que serviriam para acalmar a pressão reivindicativa que se mostrou com o seu carácter mais violento em Corvova-1969.

Dois pontos são importantes neste processo. Por um lado, a a popularidade do velho ditador vem em grande parte do facto de ele ter estado à cabeça dos destinos do país durante o período do pós-guerra, altura em que a Argentina vendia quase por qualquer preço à Europa faminta a carne que produz em grande quantidade. Perón soube dosear esses lucros fabulosos de modo a que, ao mesmo tempo que os ricos se tornavam cada vez mais ricos, os pobres nunca tenham vivido tão bem como nesse período. Resta saber, em face da actual situação, quanto tempo levarão os argentinos a aperceber-se de que os «bons velhos tempos» se não deveram a Péron, mas às realidades que lhe eram estranhas. Por outro lado, o dr. Campora, para refazer a grande unidade «peronista» teve de fazer acordos, alianças e compromissos com inúmeras forças políticas argentinas, algumas das quais genuinamente interessadas em profundas modificações. As reformas que se anunciaram e que, pelo menos em grande parte, terão de ser iniciadas darão início a uma dinâmica que não se coaduna com o oportunismo peronista. Uma vez em marcha, o processo não poderá ser detido pela mera manifestação da vontade expressa do «caudillo», ou daqueles cujos interesses ele defende.

Daqui resulta que, se a saúde de Perón for tão boa quanto parece, ele ainda verá, apesar dos seus 77 anos, a queda do seu prestígio e, com alguma possibilidade. a queda do seu regime, às mãos dos militares que continuam atentos ou de outras forças bem mais interessadas no porvir do país das pampas.

DOSSIER INTERNACIONAL

AS FEMINISTAS

POR ANNE E JAQUELI

Abordemos esse monstro mítico — o feminismo. A palavra feminismo é, sem dúvida, uma palavra maldita. Mas nem sempre assim se passou, pelo menos a um tal nível: em Inglaterra, por exemplo, foi levantada uma estátua a uma das feministas mais activas — Emmeline Pankhurst — e em plena Londres, Westminster; na Escandinávia, uma mulher pode dizer-se feminista sem suscitar reprovações; na Noruega, a mais feminista das associações do género tem um homem por vice-presidente.

Mas a França é um país latino. É à volta do Mediterrâneo — lembra-nos Germaine Tillion — que a repressão da mulher é mais acentuada e o orgulho de ser homem mais enraizado. «De Gibraltar a Constantinopla, na costa norte do mar e na costa sul, no cristão e no muçulmano, no sedentário e no nómado, é um facto que uma susceptibilidade exacerbada acompanha sempre, ainda hoje, um certo ideal de brutalidade viril, cujo complemento é uma dramatização da virtude feminina». (1)

. E tenta uma explicação deste fenómeno. Entre a civilização arcaica e a civilização industrial moderna, situa-se a civilização arcaica e a civilização industrial moderna, situa-se a civilização mediterrânica (Palestina, Grécia, Roma), berço do mundo moderno. As civilizações arcaicas, de fracos conhecimentos técnicos caracterizam-se por um equilíbrio político e demográfico em que a troca de mulheres entre clãs diferentes tem função primordial. Pelo contrário, as descobertas da técnica, e em particular da agricultura, deveriam permitir aos povos do mediterrâneo um salto em frente: em vez da exogamia dos povos primitivos — fonte de frustrações — eles puderam adoptar a endogamia, isto é, previlegiar o casamento entre primos no interior de uma mesma tribo. Germaine Tillion lembra «a doçura, eternamente negada ao homem social, de um mundo em que se poderia «viver entre si» (2):

...À expansão correspondia uma necessidade de uma expansão demográfica para defender as riquezas contra «estrangeiros». Daqui, o aparecimento de uma política natalista que se exprime na instituição do **harém**. Mas não é então que se regista a verdadeira degradação da condição feminina, tal como se encontra hoje nos países muçulmanos. Ela surge — segundo G. Tillion — do contacto entre esta civilização muçulmana e a civilização industrial moderna (nascida ao norte, na Europa): é para continuar a guardar as suas mulheres e o património ancestral, apesar da evolução moderna, que o muçulmano as passa a cobrir com um véu e enclausurar. A autora qualifica esta desajeitada reacção de defesa de «urticária social».

A França situa-se entre o norte europeu e o Mediterrâneo. As mulheres aí não se ocultam mas a sua emancipação não é vista com bons olhos: basta simplesmente evocar o código de Napoleão, que para elas marcou uma grave regressão, o direito de voto apenas concedido em 1944 — três quartos de século depois das americanas do Estado de Wyoming o terem obtido — o atraso em matéria de contracepção. Neste ponto, há sublinhar a distância que vai entre o mito que faz da francesa, uma mulher livre e astuciosa, com uma larga reputação amorosa, e a realidade.

Este atraso da França medir-se-á melhor tendo em conta que foi preciso esperar pelo fim da segunda guerra mundial para que as mulheres votassem, havendo a lembrar que depois do Wyoming, em 1869, a Nova-Zelândia, em 1893, a Austrália do Sul, em 1894, e a Austrália, em 1902, deram às suas mulheres os mesmos direitos jurídicos que aos homens. Em breve seria a Escandinávia: a Finlândia em 1907 (o primeiro país da Europa), Noruega em 1913, Dinamarca em 1915. Depois da primeira guerra mundial será a vez de outros países europeus: a U.R.S.S. em 1917, a Grã-Bretanha e a nova Alemanha em 1918.

A REVOLUÇÃO FRANCESA

O movimento feminista é uma das páginas mais desconhecidas da história. Ele coincidiu, no entanto, com grandes momentos históricos que deram às mulheres a ocasião de se exprimir e de conseguir algumas vitórias. É com a revolução francesa que se esboçam os começos do movimento. Em França, Condorcet, filósofo feminista, demonstra brilhantemente — na «Admission des Femmes au droit de Cité» — que os homens «violaram a igualdade de direitos privando tranquilamente metade do género humano do de concorrer para a formação das leis» e reivindica para as mulheres a liberdade política plena e inteira.

Ao mesmo tempo, Olympe de Gouges, «actriz escrevinhadora, meia cortesã, quase iletrada, de cérebro ardente» — assim a qualifica Léon Abensor (3) — prossegue incansàvelmente a luta, pela palavra e pela pena dos seus secretários que compõem, por suas indicações, «a declaração dos direitos da mulher e da cidadã». Em nome dessa revolução que pretende libertar o género humano, ela reclama a sua própria libertação e declara: «As mulheres devem ter direito a tribuna uma vez que têm direito a guilhotina». Não foi essa a opinião dos revolucionários, hostis à intromissão da mulher na política. Em breve, a partir de 1793, a Convenção, alimentada pelas leituras do antifeminista Rousseau, decidiria o encerramento de todos os clubes femininos e ordenaria às mulheres que ficassem em casa.

A chama passou à Inglaterra, onde Mary Woolstonecraft tenta convencer os seus compatriotas que as ideias de revolução francesa se aplicam também às mulheres. É em Inglaterra, no princípio do século, que o movimento feminista se deveria ampliar com a luta espectacular das «sufragettes».

Nos Estados Unidos, país novo, as mulheres eram mais livres que na Europa. O embate com os preconceitos do velho continente deveria desencadear o movimento: em 1840, delegadas americanas vindas a Londres a um congresso internacional contra a escravatura viram ser-lhes recusado o direito de participar de outra forma que não fosse das galerias dos espectadores. De volta aos

Jane Fonda

E.U.A. associaram, de então para em diante, os combates pela libertação dos negros e das mulheres.

A OPERÁRIA E A BURGUESA

O movimento feminista encontra-se ligado ao desenvolvimento da sociedade industrial: graças à máquina, o trabalho artesanal tradicional das mulheres tornou-se menos rentável e foi a pouco e pouco abandonado. A mulher do operário torna-se operária também trabalhando fora e em condições muito duras. A burguesa, pelas tradições que a ligam à manutenção da casa e pela sua falta de instrução, não tem o direito nem a possibilidade de trabalhar fora. É então que aparece a **contradição fundamental do feminismo**: a operária aspira deixar um trabalho esgotante, a burguesa, ao contrário, reivindica o direito de trabalhar que a liberta economicamente e permite-lhe participar na vida social.

Muitas feministas afirmam, entretanto, a sua adesão aos princípios socialistas; o exemplo mais célebre é o de Louise Michel, professora, que socialmente faz a ponte entre a operária e a burguesa. Mas elas reconhecem-se desiludidas em ver que o seu combate não é integrado no combate proletário. Quanto às operárias, a sua posição é insustentável: precisam, ao mesmo tempo, de se solidarizarem com os seus maridos contra a classe dirigente e de se erguerem contra os preconceitos dos mesmos maridos.

São pois, sobretudo, as burguesas que conduzem a luta feminista. Com efeito elas tem o atraso de um combate contra os homens. Quando estes compreenderam que os direitos burgueses eram apenas palavras e deslocam o combate para o terrreno económico, elas ainda reivindicam esses direitos burgueses — dos quais o direito de voto é o símbolo. Muitas vezes, os seus líderes, e os mais conscientes deles se sentiram afectados às lutas operárias e prestes a dar-lhes o seu apoio, mas recebem, também por vezes, o apoio de partidos políticos de direita, o que acaba por torná-las suspeitas aos olhos dos socialistas. Assim, na Noruega, quando o regime eleitoral passou do sufrágio censitário ao sufrágio universal sob a pressão popular, a burguesia, inquieta por ver votar os «pés-descalços», apressou-se em garantir o direito de voto às burguesas, para fazer contrapeso.

Os silêncios da memória colectiva são significativos — as suas deformações ainda mais. Dos combates feministas só se guarda a caricatura: a feminista só pode ser uma velhota agressiva e ridícula, o pior para uma mulher. Esta imagem «oficial» do feminismo destina-se a desencorajar qualquer nova tentativa de revolta e a melhor moldar a mulher na imagem oposta, a de uma feminilidade jovem, bonita, doce e conformista. Quanto ao ridículo, arma favorita da sociedade contra os seus contestatários, ele funciona tanto melhor quanto a mulher — condicionada, desde a sua infância, a ser julgada pela sua aparência — lhe é particularmente sensível.

DEFINIÇÃO

«Feminismo: tendência para melhorar a posição da mulher na sociedade»; trata-se da definição do Pequeno Larousse. Que mal há nisto? No entanto, o traumatismo da «sufragette» foi tal que nenhum movimento feminino ousa confessar-se feminista, como toda a mulher, preocupada em não se desacreditar no seu meio, se abstém vigorosamente de ser feminista quando apanhada em flagrante delito de contestação (feminista).

O feminismo é a tomada de consciência pela mulher da sua opressão. Uma opressão que não é apenas económica, jurídica e sexual, mas talvez sobretudo, psicológica. Toda a mulher, dado o seu sexo, tem, com efeito, direito a um tratamento especial destinado a enraizar nela um profundo complexo de inferioridade. Esta opressão por ser mais subtil do que suportada pelo escravo ou pelo trabalhador, não é menos real. E a prova está na violência com que a mulher a ela reage — com frequência, de forma inadequada, pois que se sente isolada e sem capacidade de acção sobre uma sociedade que lhe proíbe de integrar a sua reivindicação num movimento colectivo: apenas este — colocando em comum os problemas — lhe permite, pela tomada de consciência um princípio de desalienação. É partilhando a sua revolta com os outros que ela se domina e da qual se faz um trampolim para a acção.

Ao fim e ao cabo, a feminista ridícula é a própria prova da opressão da mulher: idosa, pois é tarde ao dar-se conta de que foi enganada, quando já não dispõe da sua frescura que justifique gentilezas, quando os filhos pelos quais se sacrificou a deixam exasperada, pois já é demasiado tarde.

O movimento feminista é pois a acção colectiva que responde a essa tomada de consciência duma alienação, é um movimento de libertação e, a esse título, ele tem direito ao mesmo respeito que os outros movimentos de libertação.

Graças a ele foram obtidos direitos e, entre esses, o mais importante — o direito à educação. Depois desta primeira vitória, muitos pensaram que bastava esperar pelo desaparecimento a pouco e pouco dos preconceitos quando as mulheres tivessem dado provas das suas capacidades. Coleccionaram-se «as primeiras»: a primeira mulher médica, advogada, professora da universidade, aviadora, cosmonauta... Mas as mulheres mais conscientes entenderam rápidamente que os obstáculos, como uma muralha mágica, reapareciam mais adiante e igualmente sólidos. Esses direitos, tão duramente conquistados, não eram utilizados pelas mulheres. As raras excepções mais não faziam que confirmar a regra e dar oportunidades aos adversários da igualdade: a mulher tem agora todas as possibilidades, se ela as não aproveita é porque é diferente do homem, é uma lei da natureza contra a qual nada se pode...

Tal foi a confusão que por muito tempo durou.

O seu resultado prático foi a grande demissão das mulheres a quem se conseguiu destruir todo o desejo de seguir as pisadas das suas ridiculari-

Viagens apolo 73

CANÁRIAS
VIAGEM EM AVIÃO 8/15 DIAS
ESPECIALMENTE FRETADO.
Partidas todas as 5.as Feiras de Julho a Setembro.
PREÇOS A PARTIR DE 2.770,00
Estadia em regime de pensão completa ou quarto com pequeno almoço. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto.

MAIORCA
VIAGEM EM AVIÃO 8/15 DIAS
ESPECIALMENTE FRETADO.
Partidas todas as 3.as e 5.as Feiras de Junho a Setembro.
PREÇOS A PARTIR DE 3.400,00
Estadia em regime de pensão completa. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto

TORREMOLINOS
8/15 DIAS
VIAGEM EM AUTOCARRO COM AR CONDICIONADO.
Partidas todos os Domingos de Junho a Setembro.
PREÇOS A PARTIR DE 2.320,00
Estadia em regime de pensão completa.
CONSULTE A SUA AGÊNCIA HABITUAL

MÓVEIS
MODERNOS
NÓRDICOS
D. MARIA
LUIZ XV E XVI
IMPÉRIO
RENASCENÇA
SÉCULO XVII
Grande variedade em exposição e fabricação por desenhos
facilidades de pagamento e trocas
ARMAZÉNS DE MÓVEIS JORGE
Aven. Almirante Reis, 35
(Junto à Igreja dos Anjos)

ELIN

sadas antecessoras. Apesar de tudo, o movimento feminista sobreviveu em diversas organizações femininas — negan-se, no entanto, feministas — mas que não conseguem mobilizar as mulheres para uma acção concertada. Têm com efeito objectivos muito diversos. Entre estas associações contam-se aquelas que não põem em causa a sociedade actual, que se pretendem «apolíticas» e que agem no sentido de uma melhor integração das mulheres nessa sociedade. O seu representante é, sem dúvida, Ménie Gregoire, cujas tagarelices na Rádio-Luxemburgo têm uma larga audiência, com milhões de ouvintes. Defende ela a versão «moderna» da mulher no lar: um pouco de vida profissional entre os estudos e o casamento, dez anos em casa para se consagrar aos filhos e depois o retomar da vida profissional — conciliação bem incerta de que a mulher é a vítima, primeiro ao serviço da sua família; quando ela puder enfim pensar em si ser-lhe-á difícil uma reciclagem, depois de tão longa interrupção, numa sociedade tão competitiva e hierarquizada como a sociedade industrial.

Uma outra versão desta concepção é a do trabalho em «part-time» sobre o qual se dividem os movimentos femininos. Volta a encontrar-se a contradição já evocada: as universitárias e as burguesas querem as mesmas oportunidades profissionais dos homens e lutam contra a não-qualificação que represente o trabalho em «part-time», enquanto que as operárias vêem nele, pelo contrário, um melhoramento a curto prazo da sua situação actual que equivale a um duplo dia de trabalho: o da fábrica e o da casa.

UMA REIVINDICAÇÃO CONTRADITÓRIA

Por isso que o trabalho em «part-time» seja a solução defendida pela União das Mulheres Francesas: depois do Partido Comunista e no mesmo espírito, a União milita a favor de uma antecipação da idade de reforma das mulheres aos cinquenta anos. Uma reivindicação contraditória que ilustra, mais uma vez, a falta de reflexão dos comunistas franceses sobre o problema das mulheres: quando a mulher se encontra enfim libertada dos seus filhos, e sobreviverá, regra geral, ao marido, condenam-a à inactividade da reforma, a uma «terceira idade» em que ela reencontra todas as suas energias.

«Os lábios de Marylin Monroe», de Andy Warhol

Assim, o magazine da União das Mulheres Francesas, «Heures Claires», pretende-se «feminino»: dá-se a maior relevância à moda, aos conselhos de beleza, às receitas de cozinha e aos cuidados com os filhos. Os temas dos artigos de fundo reflectem as preocupações do Partido Comunista. Nos anos de 68 e 69, apenas um artigo sobre a contracepção: pronunciando-se, enfim, a favor, depois de muita reticência, mas não tomando qualquer posição clara a favor do aborto. A novidade não vem, pois, deste lado.

As associações femininas mais conscientes situam-se à esquerda dos partidos tradicionais, como no século passado: recusam o trabalho em «part-time» e vêem no socialismo, com as suas possibilidades de serviços sociais, uma solução que permitiria à mulher conciliar — como é o caso do homem — a profissão e a vida familiar. É o caso, em França, do Movimento Democrático Feminino.

Mas todos estes movimentos se querem de massa e, para não assustar as suas aderentes, abstêm-se de tomar posições radicais, apenas evocando discretamente a sexualidade. O seu cavalo de batalha é o trabalho, a sua ideologia, a igualdade. O que é insuficiente pois tais palavras de ordem referem-se á sociedade burguesa, feita pelos homens. É ilusório, neste contexto, esperar-se libertar as mulheres.

A maior parte destas organizações estão, aliás, enfeudadas abertamente ou não, a um partido político. Nelas se encontra o esquema clássico: assuntos sérios, a «grande política» dos homens. assuntos menores, acção social, família, saúde, das mulheres. Geralmente a média de idades dos seus membros é elevada. Pois que a jovem, adulada pela sociedade, preocupada consigo própria e tomada pelas suas aventuras sentimentais, se encontra na idade das ilusões. Mas sobretudo porque aí se tratam de problemas que ainda a não tocam directamente: o seu primeiro problema é o seu corpo no qual se evita falar abertamente.

UMA IDEOLOGIA RADICAL

Referências ideológicas masculinas, falta de atracção sobre os jovens, enfeudamento a um partido político, todas estas fraquezas se explicam por uma só: ausência de uma ideologia radical que ataque os nós da questão: a sexualidade e a família. Ora, as associações não fazem prova da sua audácia sobre estes assuntos. E é por isso que, apesar do muito trabalho sério e de militantismo, não obtêm resultados à altura da sua acção.

Foi um movimento misto, apesar de fundado por mulheres, o movimento para o Planeamento Familiar, que começou primeiramente em França a lutar por permitir à mulher dispor do seu corpo. Foi também o primeiro que teve a coragem de abordar os problemas da sexualidade, sem medo de tabus. Movimento de carácter mais liberal que revolucionário, fez, no entanto, mais pela libertação da mulher em França que os movimentos revolucionários tradicionais.

O novo feminismo que nasceu há mais de três anos e que se desenvolve rápidamente nos países do Oeste, distingue-se claramente do antigo: as suas tomadas de posição são radicais e as suas militantes são jovens. Ambas as coisas estão ligadas: muito cedo, as mulheres tomam consciência da sua opressão e do falso dilema que a sociedade lhes propõe: aceitar o seu «destino» de mulher — viver à sombra de um marido e trabalhar com «dedicação» na educação dos filhos que a sociedade precisa — ou então macaquear o «destino» do homem — fazer carreira como ele, arriscar-se a uma «igualdade» fictícia, porque impossível nas actuais condições. Em ambos os casos são as mulheres quem suportará os custos de uma escolha que não chega a existir.

A recusa do dilema conduz a repor em causa radicalmente a sociedade. Os grupos que nascem espontaneamente de uma cidade a outra, de um país a outro, partem de dados diferentes: politizados em França onde, se não há tradição feminista, há uma tradição marxista, muito pouco politizados, por sua vez, na Holanda ou na Escandinávia, onde é inversa a situação. (...)

(1) Germaine Tillion «Le Harem et les cousins». Le Seuil(1967).
(2) Op. Cit., pág. 63.
(3) Léon Abensour «Histoire Générale du Feminisme».
(4) Nome dado na Grã-Bretanha às mulheres que reclamavam para o seu sexo o direito de votar, antes da modificação da lei eleitoral.

WATERGATE E O COMPUTADOR

....WASHINGTON — Leitores, jornalistas e comentadores que confessam estar um pouco perdidos no labirinto do caso Watergate, gostarão de saber que até os quase omniscientes senadores têm as suas dificuldades de compreensão — e tiveram de alugar um computador para os ajudar.

Parece ser a primeira vez que se faz uso de uma máquina IBM 370-155, para ajudar a entender as subtilezas do escândalo.

O computador pertence á biblioteca do Congresso, aonde catologa livros, paga salários, faz a escrituração geral da contabilidade de quando em vez, procede a pequenos trabalhos para as comissões do Congresso, têm de lidar com grandes números.

A máquina é, segundo as palavras dos vendedores da IBM, «uma máquina muito rápida, capaz de trabalhar com dados volumosos».

O senador Sam Ervin, embora não seja um matemático, compreendeu imediatamente a sua utilidade para revolver problemas como: o que disse Magruder a Porter no gabinete de Mitchell, depois do telefonema de Haldeman; as reuniões com Chapin antes do dinheiro mexicano ter sido entregue, enquanto Sloan estava ausente a almoçar com Stands?

Ervin, depois dos primeiros dias de trabalho da comissão do Senado que investiga as actividades da campanha presidencial de 1972, decidiu que «há demasiado trabalho, para poder ser tratado pelo velho processo dos registos».

Assim, contactou Eugene Boyce, um advogado, para saber se um computador poderia ser útil.

Boyce respondeu afirmativamente. E, assim, começaram a ser feitos os primeiros testes, a ser experimentados os primeiros elos de ligação electrónicos e a ser elaborados os primeiros programas para o computador.

Entre os senadores não havia peritos de computadores. Um pequeno grupo de operadores, especialmente contratados, está já a trabalhar na preperação dos dados do caso Watergate para os transferir para os rolos da fita magnética do computador.

A partir desta semana, os senadores que tenham uma dúvida durante o interrogatório, poderão telefonar ao génio electrónico para obter uma resposta em poucos segundos.

Talvez o mais importante seja que a máquina estará em condições de preparar o relatório da comissão dentro do prazo de um ano, como o mandato do Congresso determinou.

Pode perguntar-se no entanto, se um computador, só por si, estará apto a descobrir «quem fez». Até agora, os técnicos evitam quaisquer profecias, supõem-se que a máquina IBM poderá, pelo menos, apontar alguns dados acusadores na altura em que tiver toda a informação de que necessita.

Simon Winchester

AOS DESIGNERS

CONCURSO DE DESIGN

DE CERÂMICA DOMÉSTICA E DECORATIVA

Com vista a apoiar o mais possível a criação e personalização de um design português que possa constituir factor dinamizador das nossas exportações, organiza o F. F. E. mais um dos seus Concursos de Design — justamente o último dos previstos para o ano corrente. Tema? «Serviço de mesa para uso diário». Tal como nos Concursos anteriores, também para este se editou uma pequena crochura informativa, a qual está sendo distribuída entre os designers do País.

De acordo com as normas que aí figuram, os interessados deverão inscrever-se através de boletim próprio — que remeterão a este Organismo até ao próximo dia 30 de Junho. Como sempre, os designers poderão solicitar do Fundo, não só a referida brochura quando a mesma não lhes tenha chegado às mãos, como ainda quaisquer esclarecimentos suplementares. Para além do tema, decerto aliciante, o habitual estímulo dos prémios, de apreciável montante pecuniário.

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Av.ª 5 de Outubro, 101-3.º Telefs. 767410 767520 767573

LISBOA-1

LN-2S

CINEMA

QUEM É QUEM no filme "QUANDO O AMOR ACABA"

Estreou-se há dias em Lisboa o filme de Maurice Pialat, «Quando o Amor Acaba» que tem Marlène Jobert e Jena Yanne como intérpretes principais. Vejamos portanto «quem é quem».

MAURICE PIALAT

«Quando o Amor Acaba» é a segunda longa metragem do realizador Maurice Pialat depois de «L. Enfance Nue» coroado em Veneza em 1968.

Nasceu em 21 de Agosto de 1925 em Puy-de-Dôme e veio para Paris com a família com a idade de três anos. Frequentou durante algum tempo as «Artes Decorativas» e as «Belas-Artes» iniciando uma carreira de pintor que nunca abandonará completamente. E um homem discreto, reservado... secreto. Para viver, exerce várias profissões — entre as quais a de comediante — e descobre a sua verdadeiraa vocação em 1958 quando compra uma câmara de amador.

Realiza várias curtas metragens e em 1960 obtém «Lumière» e um prémio no festival de Veneza com o «L'Amour Existe».

Trabalha em seguida para a televisão: «Janine», em 1961, baseado num argumento de Claude Berri e, em 1962, «Maître Galip». Em 1963, descobre a Turquia e a Arábia Saudita ao longo duma série de reportagens.

É em 1967 que Maurice Pialat se torna verdadeiramente conhecido em «L'Enfant Nue», filme espantoso e incomparável que recebe os elogios unânimes da crítica: (prémio Jean Vigo, e distinções várias nos festivais de Veneza e de Nova Iorque).

Em 1971 realiza um folhetim de estilo igualmente pessoal: «La Maison des Bois» que obtém um grande sucesso junto do público.

Com «Quanto o Amor Acaba» Maurice Pialat muda o tema mas continua fiel à sua linha, fiel a si próprio.

Marlène Jobert e Jean Yanne, os protagonistas de «Quando o Amor Acaba».

MARLÈNE JOBERT

Marlène Jobert, depois de alguns programas na televisão e de pequenas intervenções no cinema, «Masculino-Feminino», de Jean-Luc Godard, e «Le Voleur» de Louis Malle, Yves Robert proporciona-lhe a primeira oportunidade no écran com «Alexandre le Bienhureux». É o começo duma carreira cinematográfica apaixonante e sem paragens...

Em 1968 com «Faut pas Prendre les Enfants du Bon Dieu pour des Canards Sauvages» (Michel Audiard) ela recebe o prémio «Triomphe 1968». No mesmo ano recebe o prémio Bistingo e obtém um imenso sucesso pessoal com «L'Astragale» de Guy Casaril.

Em 1969 «Le Passager de la Pluie» de René Clément e «Dernier Domicile Connu», de José Giovanni, fazem dela uma das primeiras vedetas do cinema francês. Após ter triunfado em «Les Mariés de «'An II», ao lado de Jean-Paul Belmondo (1970), segue com «Les Doigts Croisés», contracenando com Kirk Douglas, «La Paudre d'Escampette» de Philippe de Brocca, «La Década Prodigieuse» de Calude Chabrol, e agora com «Quando o Amor Acaba» de Maurice Pialat.

JEAN YANNE

Jean Yanne, foi e continua a ser a revelação, «número um» do cinema francês. Estreia-se no cinema com «La vie à L'Envers», de Alain Jessua, em «Week-End» de Godard, em «Erotíssimo» de Gérard Pirés, e nos filmes de Chabrol «Que La Bête Maure» e «Le Boucher». (Assina, com Jean Aureal, «Etes-Vous Fiancée à un Marin Grec ou à un Pilote de Ligne» entretanto depois sucessivamente em «Fantasia Chez les Ploucs», «Laisse Aller C'est une Valse», «Le Saut de L'Ange», e agora em «Quando o Amor Acaba».

No ano passado iniciou-se como realizador em «Il est Beau tuot le Monde, il est Gentil».

MACHA MÉRIL

Macha Méril nasceu em Rabat (Marrocos) de pais russos, prossegue os seus estudos e prepara a sua licenciatura em Letras. O acaso levou-se a ser escolhido para interpretar o papel feminino em «La Main Cahude, primeiro filme realizado por Gerard Oury, mas é descoberta pelo público em «Adorable Menteuse» de Michel Deville. Fez em seguida «Le Repos du guerrier», «La vie conjugal» e «Une Femme Mariée» de Jean-Luc Godard.

Em 1966, com vinte e seis anos, Macha Méril funda a sua própria casa de produção e produz o primeiro filme dum jovem realizador desconhecido, Guy Gilles: «Au Pain Coupé»

Esta nova actividade não a impede de filmar e assim entra em «Belle du Jour» de Buñuel, em «L'Horizon» de Jacques Rouffio e em «Comme Mars en Carême» de Henri Lanoë.

Macha Méril é casada com um produtor-realizador italiano e vive em Itália onde se ocupa principalmente de produção o que não a impede de, de vez em quando, retomar contacto com a sua profissão de comediante, como desta vez em «Quando o Amor Acaba».

MUDANÇA DE INSTALAÇÕES

IMPRENSA NACIONAL—CASA DA MOEDA

(Empresa Pública)

Informa-se que, a partir de amanhã, 25 de Junho, os serviços de **CONTABILIDADE, GESTÃO FINANCEIRA, MECANOGRAFIA** e **TESOURARIA**, se encontram transferidos, das instalações da Rua de D. Francisco Manuel de Melo, 5, em Lisboa, para as novas dependências, a funcionar na **AV. DR. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA** (extinta CASA DA MOEDA), também em Lisboa.

SECRETÁRIA

PARA DIRECTOR RESIDENTE DE COMPLEXO TURÍSTICO NO ALGARVE. PRÁTICA DE SECRETARIADO E DE DACTILOGRAFIA. PREFERÊNCIA BONS CONHECIMENTOS DE INGLÊS, FRANCÊS E ALEMÃO (INCLUINDO ESTENOGRAFIA). CONTACTAR HANS RUTISHAUSER — TELEFONES 561360 / 561375 — LISBOA

PORQUÊ um relógio CAUNY vale mais do que custa?
PORQUE o seu slogan «Uma marca para toda a vida» não é uma utopia.
PORQUE desde há 45 anos oferece um bom relógio a preço popular.
PORQUE a sua produção permite fabricar relógios com uma pequena margem de benefício.
Compare a sua mecânica com outra marca de maior preço de venda e comprová-lo-á.

DE
Ave
(Junto

EXCURSÕES EM AUTOCARRO COM PARTIDAS DE SETÚBAL E LISBOA

Madrid	4 dias	1.750$00
Andaluzia e Costa Cantábrica	9 dias	4.600$00
Lourdes — Andorra — Madrid	9 dias	4.250$00
Lourdes — Andorra — Barcelona — Valencia e Madrid	12 dias	5.050$00
Marrocos	13 dias	9.000$00
Lourdes — Paris — Andorra — Madrid	15 dias	7.600$00
Paris — Londres e Madrid	16 dias	9.950$00
França — Bélgica — Holanda — Vale do Reno — Suíça e Andorra	20 dias	11.500$00
Itália Romântica	21 dias	12.750$00
Espanha — França — Suíça — Itália	23 dias	13.950$00
Suíça — Áustria — Hungria — Itália	24 dias	15.000$00
Suíça — Áustria e Itália	24 dias	14.450$00

Peça-nos programa detalhado
Informações e reservas em:
BELOS TURISMO — SETÚBAL — Av. 5 de Outubro — Telef. 23291 — ÉVORA — Rua da República — Telef. 24254

CINEMA NO MUNDO

MARIA SCHNEIDER — «Maria Schneider dá-se ares de diva» — comentam jornais austríacos a propósito da sua interpretação no filme «Último Tango em Paris». Maria Schneider encontra-se em Viena a rodar a comédia de Arthur Schnitzler «Girotondo», com Senta Berger, Helmut Berger e Peter Weck, sob a direcção de Otto Schenk. Conhecedora da opinião dos críticos vienenses, Maria Schneider não tem aparecido em público e recusa-se terminantemente a receber os jornalistas.

ACORDO COM FELLINI — O produtor norte-americano Harvey Matofsky anunciou que concluira um acordo com Federico Fellini para a realização de três filmes.

Matofsky está a rodar na Califórnia o filme «Zandys Bride», numa realização de Jan Troell, com Gene Hackman, Liv Ullman e Eileen Heckart.

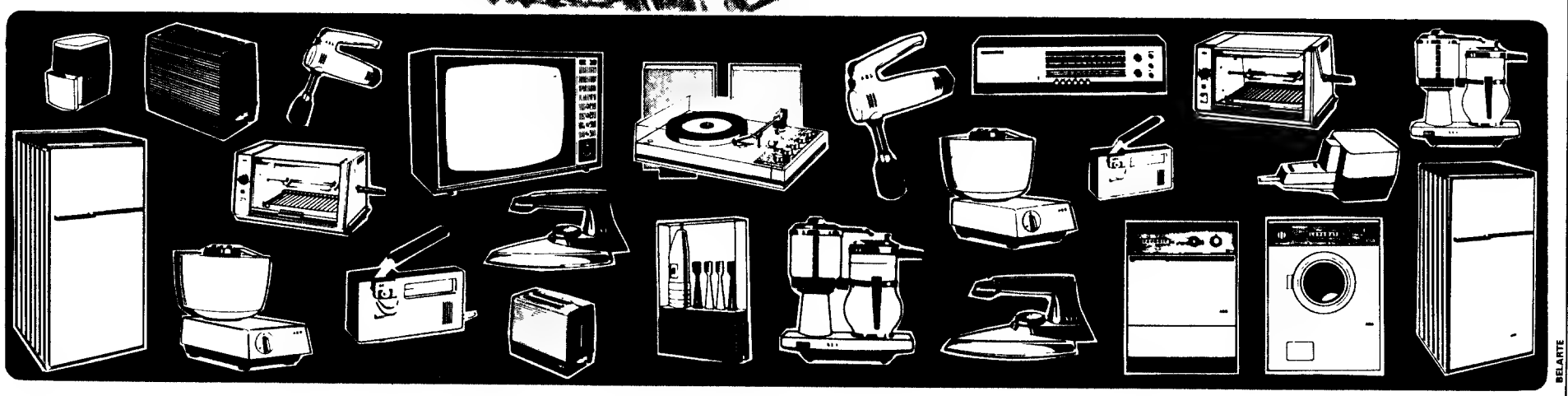
ENCONTROS DE CINEMA DE SORRENTO — Gian Luigi Rondi será o director dos «Encontros de cinema de Sorrento», este ano dedicados a cinematografia alemã e que se realizam de 23 a 29 de Setembro, Todos os filmes seleccionados são inéditos na Itália.

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203-r/c., Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

nada pode ser
mais útil
dar mais descanso
e bem estar:
AEG e
TELEFUNKEN
são os Santos
do seu lar!



AEG TELEFUNKEN um milagre da técnica alemã

BELARTE

ISRAEL: Um país sem Constituição

Por JACQUES ROBERT professor de Direito Público na Universidade de Paris

Quem visita Israel não pode deixar de se impressionar com a originalidade política e constitucional de um Estado que, vinte e cinco anos após a sua criação, não escolheu ainda os quadros jurídicos que deverão enformar as suas instituições.

Seria falso concluir que Israel tem uma Constituição consuetudinária. Também seria inexacto pretender que não há Constituição.

A ausência de uma constituição não tem aqui, de maneira nenhuma, o mesmo significado que na Grã-Bretanha. Neste último país, esta ausência é um facto consumado, definitivo, fruto de uma longa tradição histórica. Em Israel, não há Constituição porque ela tem de ser inteiramente feita: todo o trabalho está por fazer.

Os meios parlamentares israelitas sempre têm estado conscientes desta necessidade.

Em 13 de Junho de 1950, dois anos depois de ter nascido o novo Estado, a primeira Knesset votou a resolução «Harari», a qual encarregava a comissão da Constituição e das Leis de preparar um projecto de Constituição. A primeira legislatura chegaria, no entanto, ao seu termo sem ter adoptado uma Constituição ou sequer uma lei fundamental o que, não quer dizer que a Knesset tenha renunciado ao seu poder constituinte.

Por uma lei de 1949, emendadas várias vezes, a Knesset transmitia, com efeito, todos os seus poderes à assembleia seguinte e a todas as legislaturas que se seguissem.

E por virtude desta «transmissão constituinte» que se encontra encarregada da mesma missão de redigir um texto constitucional a presente comissão das leis da actual Knesset.

Se parece que estes trabalhos levarão desta vez, à elaboração de uma carta constitucional definitiva, é porque os israelitas consideram que, após vinte e cinco anos de experiência, chegou o momento de definir num texto instituições políticas que já prestaram as suas provas? É porque pensam ser necessário que um Estado, embora não possua fronteiras fixadas oficialmente deve fazer assentar as suas estruturas sobre fundamentos jurídicos incontestáveis? E por motivos mais estritamente políticos?

TRÊS ORIGINALIDADES

Tripla interrogação para a qual quereríamos trazer alguns elementos de resposta.

As instituições políticas israelitas são, em geral, mal conhecidas.

Se não se ignora nada dos problemas internacionais de Israel, sabe-se menos quais são as grandes linhas do seu regime político interno. E, no entanto, apresenta mais do que uma singularidade.

Relativamente a um regime parlamentar «à ocidental», com que se compara frequentemente, o sistema constitucional israelita apresenta **três originalidades profundas**:

— E, em primeiro lugar, inucamaral. Excepção notável a uma regra tradicional da democracia parlamentar, que quer que o Parlamento se componha de duas Câmaras, uma das quais — para fazer uso de uma expressão célebre — deveria ser a sua imaginação e a outra a sua razão.

Os israelitas devem ter pensado, sem dúvida, que o declínio actual das Câmaras Altas os autorizava, sem transgredir os cânones clássicos da teoria constitucional, a contestar-se apenas com uma Assembleia, e que um pequeno país como o seu não podia dar-se ao luxo de uma inflação parlamentar.

— Em segundo lugar, o regime eleitoral israelita (contrariamente à generalidade dos regimes parlamentares) não é um regime maioritário mas um regime de representação proporcional integral.

Este regime favorece a multiplicação dos partidos e o fraccionamento da representação parlamentar. Sabe-se que as coligações são frágeis e que um regime parlamentar pode morrer pos causa de uma excessiva instabilidade ministerial. Os partidos políticos israelitas são numerosos, demasiado numerosos, as «frentes» e «blocos» nem sempre são homogéneos. A coexistência é frequentemente difícil entre uma Frente Trabalhista, que agrupa, ela pória, várias formações, um Bloco Liberal e Nacional compósito, partidos religiosos que defendem a parmanência dos valores judaícos e se mantêm frequentemente numa atitude de desconfiança relativamente ao Estado, dois partidos comunistas, fracções independentes ...

— O executivo não pode dissolver a Câmara. Embora o Governo israelita, cuja investidura depende da confiança da Knesset, seja colectivamente responsável perante ela, o sistema constitucional retira-lhe o direito de dissolução, para o conferir ao próprio Parlamento (a Knesset pode, com efeito, dissolver-se mas somente por uma lei).

O equilíbrio entre os poderes, que repousa, nos regimes parlamentares, no jogo combinado da responsabilidade ministerial e da dissolução, é, aqui, quebrado em detrimento do Governo.

O parlamentarismo «à israelita» é um regime de assembleia.

O funcionamento do sistema nem por isso foi falseado. Mais, pode dizer-se que ganhou em «exemplaridade democrática». Nada é decidido em Israel sem o assentimento da Knesset. E não é por acaso que o primeiro texto «materialmente» constitucional do novo Estado tratava da importância e dos poderes da Câmara.

Embora sem Constituição escrita, o Estado de Israel não deixa de ter leis fundamentais.

ARGUMENTOS JURÍDICOS E POLÍTICOS

Iniciada pela declaração de independência de 14 de Maio de 1948, a primeira série de textos que se podem qualificar de «constitucionais» data dos primeiros anos do Estado (decretos sobre os poderes públicos, lei de transição, lei sobre a imunidade parlamentar, lei sobre o presidente do Estado ...).

cA partir de 1958, iria desenvolver-se um novo movimento legislativo: lei fundamental sobre a Knesset (1958), lei sobre o presidente do Estado (1964), lei sobre o Governo (1968).

Nestas leis, alguns artigos caracterizavam-se por uma certa rigidez, isto é, só poderiam ser revistos por uma maioria qualificada.

Ora, por uma decisão de 3 de Julho de 1969, o Supremo Tribunal acordou que estas disposições «rígidas» têm prioridade sobre as outras disposições, e que, em caso de conflito entre uma lei ordinária e uma disposição rígida, esta última deve prevalecer.

Quaisquer que tenham sido as reacções em Israel — numerosas e diversas — suscitadas por esta decisão, certo é que pôs claramente os problemas constitucionais da democracia israelita.

Num país em que o respeito pelos princípios democráticos levou a preferir, em matéria eleitoral, a justiça à eficácia imediata, onde os partidos são numerosos e divididos, onde o Parlamento é a fonte de todo o poder, não será desejável que as estruturas políticas e as liberdades individuais sejam definidas por regras escritas com valor supralegislativo, que sejam eficazmente garantidas pelos tribunais?

A estes argumentos jurídicos a favor da redacção de uma verdadeira carta constitucional, juntam-se hoje, razões políticas.

Na época da declaração da independência, já eram numerosos os meios políticos israelitas adeptos de uma Constituição escrita.

Só se opuseram à sua adopção os partidos políticos religiosos, por considerarem que não havia nenhuma necessidade de Constituição, uma vez que a lei de Moisés cobria completamente a vida pública e a vida privada ... Foi, sem dúvida, por haver nesse momento necessidade dos partidos religiosos para obter uma maioria parlamentar e talvez também, por considerar arriscado dar uma constituição definitiva a um Estado com fronteiras ainda mal definidas, que Ben Gurion, então primeiro-ministro, fez votar a resolução «Harari», que representava um astucioso compromisso: adiava **sine die** a adopção de uma Constituição, mas não afastava, em princípio, essa possibilidade, desde que o problema se tornasse menos explosivo, a oposição menos viva, as circunstâncias mais favoráveis.

Parece ter chegado esse momento.

Por três razões:

— No momento actual, já não há qualquer desacordo nos meios políticos israelitas sobre o tipo de regime que convém ao país. Existe um vasto consenso — desde há muito — sobre a forma parlamentar.

— Tudo leva a crer, paradoxalmente, que o problema das fronteiras pode ser mais facilmente resolvido hoje do que ontem. Bastará que se façam de uma e outra parte algumas concessões: que se reconheça a Israel a posse de alguns pontos estratégicos; que Jerusalém aceite restituir outros territórios ocupados, bem mais vastos ...

— O regime israelita deu, durante mais de vinte anos, prova da sua eficácia.

Encravado entre países que não reconhecem, juridicamente a sua existência, a braços com problemas internacionais de rara complexidade, sujeita, apesar da assistência externa, às dificuldades orçamentais resultantes dos imperativos de segurança, o Estado de Israel assegurou a sua sobrevivência, sem que as suas estruturas hajam vacilado e sem ter tido, em nenhum momento, que pôr a democracia entre parênteses.

Israel considera hoje que a consagração solene, num ou em vários textos de valor constitucional, de instituições que lhe prestarm tais serviços é, simultaneamente, de boa moral e de boa política.

Membros do Governo israelita votam durante uma sessão do Parlamento.

SIMCA

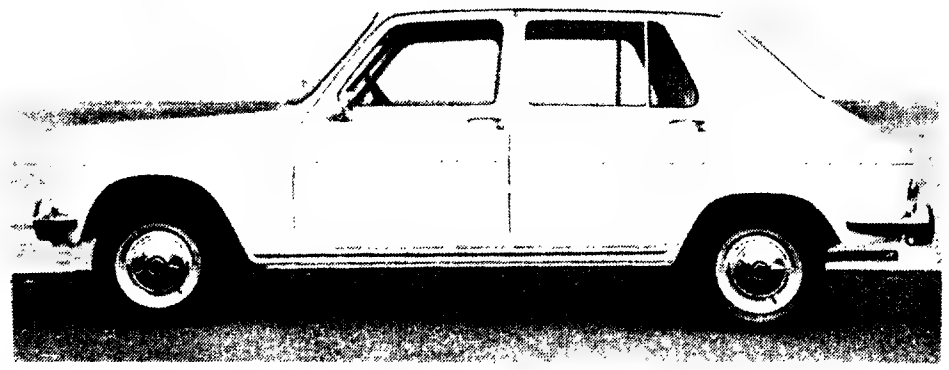
Resposta exacta na cidade ou na estrada

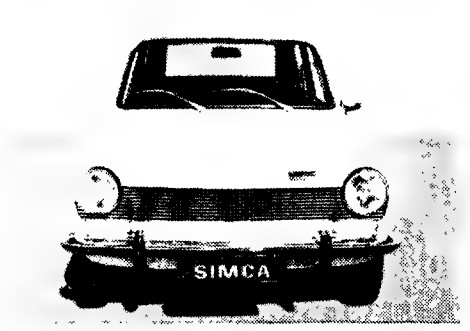
Simca 1.100 GLS

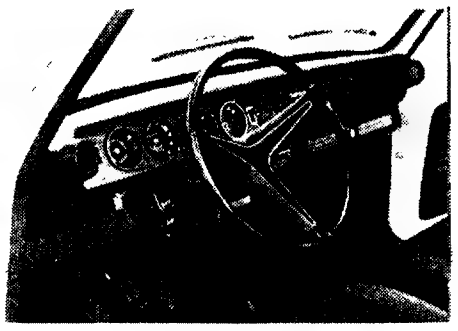
Estilo único, grande conforto, segurança super comprovada, o **GLS** é o que se pode chamar um carro médio que satisfaz todas as exigências de um grande automóvel. E tem 5 portas.

O espaço interior, a funcionalidade e a riqueza dos pormenores técnicos, conferem-lhe a preferência imediata.

MELHOR DO QUE ISTO! O QUE NOS OUTROS SÃO EXTRAS, NO **SIMCA 1.100 GLS**, É EQUIPAMENTO DE ORIGEM INCLUIDO NO PREÇO...







CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

- 4 CILINDROS 1118 cm3.
- POTÊNCIA 60 CV. DIN ÀS 6.000 R.P.M.
- TRACÇÃO DIANTEIRA
- 4 VELOCIDADES SINCRONIZADAS (Licença PORSCHE)
- RODAS INDEPENDENTES
- AMORTECEDORES HIDRÁULICOS TELESCÓPICOS
- TRAVÕES DE DISCO À FRENTE
- VELOCIDADE MÁXIMA 145 Km/hora
- MALA 370 dm3
- 5 PORTAS

EXTRAS SEM PREÇO EXTRA

- PNEUS RADIAIS 145 SR-13
- SERVO-FREIO
- ASSENTOS RECLINÁVEIS
- VENTILAÇÃO ELÉCTRICA
- TOTALIZADOR QUILOMÉTRICO
- TRANCA DE DIRECÇÃO
- RELÓGIO/ISQUEIRO
- ALCATIFAS
- PORTA-LUVAS C/FECHADURA
- PARA-CHOQUES COM PROTECÇÃO DE BORRACHA
- ESPELHO INTERIOR RETROVISOR CONTRA ENCANDEAMENTO

PREÇO TOTAL 92.800$00

CHRYSLER

CONSTRÓI OS CARROS QUE VOCÊ DESEJA

TEATRO EM PARIS-6

Teatro de algures

«La Madone des Ordures», de André Benedetto. Encenação: André Benedetto. Intérpretes: Jacqueline Benedetto, Georges Benedetto, André Benedetto, Claude Guerre, Jean-Marie Lamblard, Madeleine Raval, Jos Salvatoriello. Companhia «Théâtre des Carmes».

Em Março, o conhecido órgão do capitalismo norte-americano, «Time», referiu a hipótese de um próximo fraccionamento da Europa, de acordo com a existência subjacente nos actuais Estados que a compõem, de antigos conclaves de feição tribal e económica.

A França não escapa a esse perfil fragmentário, é uma tapeçaria composta por vários desenhos diferenciados tanto sob o ponto de vista linguístico como económico. Existe, nessa conformidade, uma **Ideia Occitana**, como existe uma **Ideia Bretã**, como o prova, entre outras coisas, o florescimento de uma literatura dedicada ao fenómeno cátaro a partir dos anos 50. Recentemente, a região da Occitania voltou às primeiras páginas dos jornais graças aos movimentos de protesto originados pelo facto do ex-ministro da Guerra do Governo francês, Michel Debré, pretender transformar uma extensa zona agrícola (Larzac) num espaço destinado a manobras militares.

A Occitania tem como limites os Pirenéus, Poitou, o Mediterrâneo e Isère. O país tem uma forte tradição cultural, artística e literária que hoje renasce das cinzas. Provam-no várias manifestações teatrais e poéticas, entre estas sendo célebre as de um cantor-poeta, Claude Marti, que criou o «slogan»: **Ome d'Oc, as dreit a la paraula. Parla!** («Homem d'Oc tens direito à palavra. Fala!»). (1).

André Benedetto, poeta e dramaturgo da Occitania, levou a Paris, mais exactamente a um dos pavilhões da Cartoucherie de Vincennes onde o Théâtre du Soleil está instalado, a sua última peça, «La Madona des Ordures» («Nostra dôna dei bordillas»), criada por «La Nouvelle Compagnie» (Théâtre des Carmes), de Avignon, cidade de que Benedetto é um dos grandes animadores teatrais.

Trata-se de um espectáculo pobre (quase humilde) mas ambicioso pelo duplo objectivo em que se situa: levantar o problema regional e analisar a situação do homem explorado (portanto, duplamente colonizado). Obra escrita em francês e em língua d'Oc, «La Madona des Ordures» mostra-nos o itinerário de uma família que procura trabalho e um destino e encontra, sobretudo, a violência e o desprezo.

Uma pequena companhia que se divide entre três actores e outros tantos músicos que também representam dá vida a uma epopeia marcada pela morte e pela esperança. Um autêntico mas velho carro dá voltas à arena levando a família (mãe e dois filhos) que é composta, exactamente, por três Benedettos (pai, mãe e filho que é o autor).pai, mãe e filho que é o autor). E essa total integração autor/encenador/actores/personagens que dá ao espectáculo a força patética que o marca.

Os sinais muito simples que pontuam esse itinerário — a casa que é uma casota de cão; o lixo que coroa a Madona; o próprio carro; os bonecos; as armas — compensam o que há de esquemático num espectáculo cujas intenções políticas se perdem em virtude do desinteresse manifestado pelos espectadores (não havia duas dezenas no dia em que lá fui). E esse o problema fundamental deste tipo de teatro: o da eficácia. Ora, essa eficácia é nula se não consegue o interesse, a adesão do público a quem se destina e que não é, evidentemente, o público intelectual de Paris, embora mesmo a esse revele problemas e situações a que geralmente está alheio.

Para além disso, essa eficácia não se compadece com as debilidades que este espectáculo revelava para além das belas intenções propostas, sendo de reconhecer que essas debilidades eram em parte compensadas pela simplicidade, frescura, sinceridade postas por todas os componentes do grupo neste trabalho visivelmente prejudicado pela ausência do indispensável «contexto humano».

Experiência curiosa no sentido da criação de um teatro marginal que levanta problemas tão fundamentais como os desta peça; experiência curiosa ainda pela tentativa de paralelismo linguístico que propõe . «La Madona des Ordures» constituiu, sob esse duplo aspecto, uma experiência igualmente curiosa para o espectador que eu era.

CARLOS PORTO

DOMINGO À NOITE: MAIS UM

Duas «vedetas internacionais» assinalaram mais uma gravação de «Domingo à Noite»: **Martine Clémenceau,** francesa, e **Freddy Breck,** alemão. A primeira, já veterana nestas andanças da canconeta, representou o seu país no último Eurofestival. O segundo intérprete de um dos últimos grandes, «Domingo à Noite» contou com a presença de **Henrique Mendes** e **Maria Margarida,** como locutores, dos cançonetistas **Gina Maria,** e **Rui de Mascarenhas,** de um clarinetistas **(Manuel Lopes Fernandes),** de **Florbela Queiroz e Norberto de Sousa,** e do **ballet do costume**

PRESENÇA PORTUGUESA

Florbela e Norberto não tiveram graça, quer na rábula da cigana a ler a sina, que na da artista de teatro ligeiro que não consegue obter sucesso.

Rui de Mascarenhas fez uma coisa, que, em miniatura representa a sua última gravação comercial: cantou duas coisas «velhas» e outras tantas novas. Das velhas, a atirar para o folclore, anotámos a seguinte passagem:

«Senhor Valentim
não se pode ter mulher
se é bonita agrada a todos
se é feia ninguém a quer

marca o passo minha linda flor
eu serei, tu serás o meu amor».

As novas canções que Rui de Mascarenhas interpretou chama-se **«Todos Nós»** (Ary dos Santos - Jorge Palma) e **«João Pastor»** (Jorge Palma). Os arranjos são giros.

Gina Maria cantou, segundo disse Maria Margarida, folclore. Pum-pum-pum, ora vai de roda, etc.

«O habitual momento clássico de «Domingo à Noite», anunciou Maria Margarida. E foi a vez de **Manuel Lopes Fernandes** tocar, acompanhado ao piano pela professora Helena de Matos, o 1.º andamento do concerto para clarinete, de Mozart. Nem Manuel Fernandes foi feliz, pois duas ou três «fífias» foram por de mais evidentes.

PRESENÇA ESTRANGEIRA

O **«ballet» internacional** claro, e mais **Martine Clémenceu e Freddy Breck.**

Martine é senhora de uma corpo fraco e de uma voz forte. Pode até dizer-se que canta bem. Mas, canta o quê? Canções brasileiras mal traduzidas (ou melhor: completamente adulteradas) para francês, o tema do filme «O Padrinho», etc. Portanto...

...A sua actuação termina com a canção que interpretou no festival da Eurovisão.

Quanto a **Freddy Breck,** eis o segredo do sucesso de vendas de discos: alguém com muito jeito para o negócio dá-lhe músicas muito conhecidas noutros contextos musicais e Freddy (e a casa editora) arrebanha discos de ouro e o dinheiro e a fama correspondentes. A canção «We believe in tomorrow» não é mais do que um trecho do Nabuco, de Verdi («Va pensiero...)». O seu segundo (e último, até ver) grande êxito, «Bianca», é, nem mais nem menos, uma das canções que Tchaikovsky aproveitou para fazer o «Capricho Italiano».

Pois a receita está muito bem engendrada: Freddy bisou «Bianca» e concedeu dezenas de autógrafos à porta do Maria Matos. Um êxito. Muitas palmas da colónia alemã.

Valha-o Deus.

A C. P. INFORMA:

TRABALHOS DE RENOVAÇÃO DA VIA

Por terem terminado os trabalhos de renovação da via entre **OVAR** e **GAIA,** previne-se o Público de que foram restabelecidas, em todo o trajecto, as seguintes circulações.

SENTIDO ASCENDENTE:

Comboio n.º 303 entre Pampilhosa e Porto (Campanhã);
Comboio n.º 911 entre Aveiro e Porto (São Bento);
Comboio n.º 913 entre Ovar e Porto (São Bento);

SENTIDO DESCENDENTE:

Comboio n.º 906 entre Porto (São Bento) e Ovar.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, e que se refere o proc.º 8/48686, para o estabelecimento em Sr.ª da Rocha, freguesia de Porches, concelho de Lagoa, de uma linha aérea a 15 kV com 217 m, para o posto de transformação da Senhora da Rocha derivado do poste n.º 5 do Hotel Viking.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 14 de Junho de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

motor O SEU JORNAL

A PREDIAL TOMARENSE

FUNDADA EM 1960

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 186-R/C.

(Devidamente autorizada pelo Decreto-Lei 43 767)

Na COMPRA — VENDA — HIPOTECAS DE PROPRIEDADES e COLOCAÇÃO DE CAPITAIS

AO COMEMORAR O SEU 13.º ANIVERSARIO AGRADECE A TODOS OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES, AMIGOS E COLABORADORES A FORMA PRESTÁVEL COMO A TÊM DISTINGUIDO

A GERÊNCIA

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

NEW YORK
FILADELFIA (eventual)
NORFOLK
BALTIMORE (eventual)

Recebe Frigorífico, Carga Geral e Cortiça a moderna e rápida motonave espanhola

«VALVANUZ»

em 8 de Julho p. f.º

Os Agentes Gerais
LLORET & XAVIER, LDA.
Largo do Corpo Santo, 21-1.º
LISBOA-2
Telef. 32 46 71 • 32 72 58 — Telex 1416 — LLOXAV

ATLANTICA LINE

Serviço semanal Portugal/USA e Canadá

«ATLANTICA MARSEILLE» 1/7/73 — NEW YORK / NORFOLK / BALTIMORE / ST. JOHN / MONTREAL / TORONTO / HAMILTON

«ATLANTICA MONTREAL» 8/7/73 — NEW YORK / NORFOLK / BALTIMORE / BOSTON

Recepção de carga em contentores todas as sextas-feiras no Parque de Contentores da Matinha.

Tempo do percurso Lisboa/New York 6/5 dias

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 4 — TEL. 36 60 56 / 36 22 66
LISBOA 2 PORTUGAL

MARIA CECÍLIA, ESTUDANTE DE BAILADO

QUEM TEM 15 CONTOS PARA UM CURSO DE FÉRIAS?

Um caso entre muitos. Um sonho como tantos outros. Uma jovem portuguesa, à beira dos 19 anos, vê-se sem perspectivas profissionais após uma década de aprendizagem da arte que escolheu: a dança. Bem, escolheu...

Quando era pequena sempre que ouvia música começava a dançar. A minha mãe pensou então que talvez eu tivesse qualidades que justificassem mais atenção. E aos oito anos inscreveu-me na Escola de Bailado do Teatro Nacional de São Carlos. Além de ballet aí aprenderia também Música e História da Dança.

Tendo como professores, primeiro, Manuela Varela Cid, depois, David Boswell (ballet moderno) e, mais tarde, Anna Ivanova, várias hipóteses se deparam agora à Maria Cecília Mendes Cláudio.

Primeira: entro para o Grupo Gulbenkian de Bailado, o que é difícil por ser a única companhia do género existente em Portugal. Segunda: ingresso numa escola particular, o que não adianta nada porque as escolas particulares são, em geral, más. Terceira: arranjo colocação numa companhia estrangeira, aspiração que, também não sendo fácil, se complica por já ser um pouco tarde. Quarta: encontro uma professora que me dê garantias de aperfeiçoamento e recebo lições individuais. Quinta: abandono pura e simplesmente a dança.

Mas porque não forma a Escola de São Carlos a sua própria companhia?

Sim, essa seria a solução mais lógica. Acontece que este ano a situação agravou-se. De 50 alunos, dos 6 aos 19 anos, em 1972 _ sendo oito rapazes _ passámos para 16, no ano corrente. As classes baixaram igualmente de quatro para duas. Somos agora seis na classe de «adiantadas» e dez na «normal». E não ficou um único rapaz...

Para onde foram então, essas três dezenas de jovens?

A Escola de Bailado do Teatro Nacional de São Carlos deixou de ser oficial. Nós apenas lá estamos por deferência do director que nos cede as instalações. Parece que não havia verba para manter a Escola... Os outros foram para o Conservatório que vai passar a ter equivalência ao curso liceal e onde poderão obter o diploma. Se, entretanto, não se encontrar uma solução, a Escola de São Carlos está, num prazo mais ou menos breve condenada a desaparecer.

Perante este desolador panorama, parece que o destino de Maria Cecília deveria ser o Conservatório...

Poderia ser. Mas as aulas do Conservatório têm um horário incompatível com a minha vida profissional.

A vida profissional: esse, o destino certo de quase toda a gente. Mesmo os que nada fazem, coitados, têm um trabalhão dos demónios para se levantar todos os meios-dias.

Sou programadora de equipamentos de sistemas numa importante empresa da capital. A princípio tive dificuldades, porque as pessoas não tinham confiança em mim; era, naturalmente, inexperiente. Depois, fui superando essa desconfiança, dando provas de capacidade. A programação de sistemas é um campo novo e bastante vasto, onde existe a possibilidade duma quebra de rotina.

Concorrente e finalista do último concurso das «teen-agers» organizado pelo nosso jornal _ **inscrevi-me apenas por curiosidade, para saber como se processava um concurso desses; não, não é, realmente, uma prova de beleza** _ Maria Cecília gosta de ler, de ouvir música, de ir ao cinema, de nadar, de andar a cavalo, de viajar _ **sentir-me isolada num país estranho.**

«Estamos no São Carlos, apenas por deferência do director...»

A Junta de Turismo da Costa do Sol vai organizar «cursos de férias», ministrados por bailarinos estrangeiros que virão dançar a Portugal na temporada de Verão. Está, mesmo, prevista a presença da Margot. Pois, o presidente da Junta está muito admirado com a escassez de inscrições... Simplesmente, ele esquece é que quem quiser frequentar um curso de 30 dias tem de pagar 15 contos... Quantos bailarinos portugueses estarão em condições de despender essa quantia?

Poucos. Ou não haveria escassez de inscrições. Pelo contrário, bem deve ter tentado abrir os cursos a todos os bailarinos nascidos em terra lusitana. Graves condionalismos, porém, se devem ter levantado ante os incansáveis esforços do senhor Serra e Moura. E assim a vida...

Postos, ainda que resumidamente, os problemas duma estudante portuguesa de bailado, julgo que o leitor terá ficado a fazer uma ideia das dificuldades que se levantam no caminho dos jovens que amam a dança. Como, afinal, àqueles que gostam de música, que sonham com o cinema, que têm vocação para o teatro, que revelam qualidades para o canto, para a pintura, para a escultura. Mas dança, em Portugal, são os ranchos folclóricos.

Como último recurso, como projecto desesperado, uma solução para as moças de São Carlos:

Porque não formam um rancho mais ou menos folclorista para o qual certamente não faltariam verbas? Ah, pois é, faltam os rapazes... Eu não sirvo, não?

ALEXANDRE PAIS

SÍNTESES CRÍTICAS

Teatro

A COMÉDIA MOSCHETA

De Ruzante
Encenação de Mário Barradas
Sede do Atlético Clube de Campolide

Hoje, domingo, amanhã e terça-feira, Os Bonecreiros estão na Sede do Atlético Clube ee Campolide (Rua Marquês da Fronteira, 163) para apresentar o seu novo espectáculo que é, como aqui já foi dito, uma das mais sérias (e divertidas) propostas para a criação de um teatro popular, aqui e agora. Esta nota nada mais pretende do que chamar a atenção do leitor para a oportunidade de (re)ver este espectáculo, criação excepcional de um texto cuja encenação Brecht estava a preparar quando morreu.

BRINCADEIRAS

Pela Comuna
_Criação Colectiva

A Comuna (Teatro de Pesquisa) salta da garagem da José Fontana para uma sala da antiga Fábrica Central de Cervejas, ao lado da Portugália, na Almirante Reis (n.º 115-A).

_A partir de esquemas textuais e cénicos muito simples, a Comuna construiu um espectáculo que atinge nos melhores momentos um tom satírico de grande força. Embora irregular, «Brincadeiras» integra-se num tipo de teatro de feição interveniente, capaz de superar os actuais limites do nosso teatro.

Espectáculo que deve ser visto muito urgentemente.

O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ

de João Bethencourt
Encenação de Paulo Renato
Teatro Villaret

_Uma peça brasileira que não nos fala do Brasil nem dos seus problemas mas trata um tema universal _ o da violência _ muito pela rama. Uma comédia bem ritmada, marcada pelas (boas) intenções que levam, entre outras coisas, o público à bilheteira. Como prova de que a violência _ ou a paz _ continua a ser negócio.

FUENTEOVEJUNA

de Lope de Vega
Encenação de Carlos Avilez
Teatro Experimental de Cascais

_Uma obra-prima do teatro clássico submetida a uma operação de rejuvenescimento. O encenador operou sem ter em conta as características da operada que, no entanto, mantém uma bela forma. A ver pelo texto que teve, nesta versão, o contributo de Natália Correia.

CINEMA

O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA (Le Charme Discret de la Bourgeoisie), de Luis Buñuel (Espanha-França, 1972), com Fernando Rey, Delphine Seyrig, Stephane Audran, Jen Pierre Cassel, etc... Cinema Londres-6ª semana.

Em tom de comédia, Buñuel lança um olhar certeiro sobre a burguesia e «o seu discreto encanto». As figuras típicas, as instituições, os pesadelos e os fantasmas numa panorâmica sarcástica e desapiedada. Obrigatório, apesar de truncado.

MASCULINO-FEMININO (Masculin Feminin), de Jean Luc Godard (França, 1965), com Jean Pierre Leaud, Chantal Goya, Marléne Jobert, etc... Estúdio 444-6ª semana;
Mais um filme-colagem de Jean Luc Godard. Uma das sua reportagens mais coerentes sobre a sociedade francesa da V República. A juventude («**os filhos de Marx e de Coca-Cola**»), a política, o sexo, em França-1965. Um documento que já foi provocante e agressivo. Obrigatório, apesar de truncado.

RECUSA (Moderato Cantabile), de Peter Brook (França-Inglaterra,1960), com Jeanne Moreau, Jean Paul Belmondo, etc.. Cinema Satélite-2ª semana;

Numa cidade da província francesa, a mulher do industrial e um operário deixam crescer entre eles o desejo e a impotência. Solidão e isolamento, numa terra sem verão e de muitas grades. Um belo filme, discreto e severo. A revelação de Peter Brook. A não perder.

JERRY, ENFERMEIRO SEM DIPLOMA (The Disorderly Orderly), de Frank Tashlin (EUA, 1964), com Jerry Lewis, Glenda Farrel, Everest Sloane, etc... Cinema Estúdio Apolo-70- 5ª semana;

Uma das melhores comédias de Frank Tashlin, a que não deve ser alheia a presença (magnífica) de Jerry Lewis, como actor e produtor. Um hospital e a psicanálise são os temas centrais. Mas, há um pouco de tudo. Desopilante e indiscutível. Não perder.

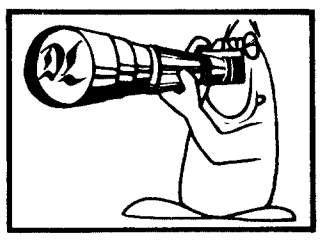
BULLIT (Bullit), de Peter Yates (EUA,1968), com Steve MacQueen, Robert Vaughan, Jacqueline Bisset, etc.. Politeama.

Um «policial» que está na origem da renovação do género, durante a década de 60. Nervoso, desencantado e brilhante, um exercício notável de montagem. A bela lição do cinema-acção que só os americanos conhecem de cor. Não perca.

JUNIOR BONNER (O Ultimo Brigão), de SAM Peckimpah (EUA,1971), com Steve MacQueen, Robert PRESTON, Ida Lupino, Ben Johnson, etc... Condes.

O melhor filme de Sam Peckimpah entre todos os estreados este ano: um documentário discreto, sereno, despretensioso sobre o mundo do «rodeo», ou de como morre uma América e sobre as suas cinzas nasce uma outra. Não perca.

LAURO ANTÓNIO



MÚSICA JOVEM

OS 10 MAIS

«Papa Was a Rolling Stone», dos «Temptations», subiu esta semana ao primeiro lugar da tabela lisboeta, ultrapassando «Forever and Forever», de Demis Roussos. Assinale-se, entretanto, a entrada de «Pré-Histórias», de Sérgio Godinho, para a lista dos «dez mais» de Lisboa.

1	«Papa was a Rollin' Stone» — The Temptations	6	«Montanha» — Roberto Carlos
2	«Forever and ever» — Demis Roussos	7	«Tie a Yellow Riboon» — Dawn «Canoa» — Carlos do
3	«Killing me softly» — Roberta Flack	8	«Canoa» — Carlos do Carmo
4	«Cum one feel the noize» — Slade	9	«Pré-histórias» Sérgio Godinho
5	«Guitarra toca baixinho» — Francisco José	10	«Ich hab' die Liebe Geseln» Vicky Leandros

No estrangeiro

. George Harrison aproxima-se a passos largos do seu ex-parceiro (nos Beatles) Paul McCartney, na tabela de Nova York. De facto, enquanto Paul mantém o primeiro lugar nessa lista, com o seu grupo «Wings», George subiu da sexta para a terceira posição.

Entretanto, em Londres, Harrison faz uma sensacional entrada directa para a nona posição, subindo, ainda, do décimo para o quinto lugar em Amsterdão. Será que se vai repetir o êxito de «My Sweet Lord»?

. Cliff Richard continua a vender bem: primeiro lugar em Hong-Kong e terceiro em Bona.

Suzy Quatro mantém a primeira posição na tabela de Londres, Paul Simon sobe da décima para a sétima posição em Nova York e o jovem David Cassidy ocupa o quarto e quinto lugares da tabela de Bona.

Segue-se a classificação desta semana, estando entre parentesis as posições da semana anterior.

BONA

1 (1)_«Get Down»: Gilbert O'Sullivan
2 (6)_«Hell Raiser»: Sweet
3 (4)_«Power To All Our Friends»: Cliff Richard
4 (2)_«Rock Me Baby»: David Cassidy
5 (4)_«I'm A Clown»: David Cassidy
6 (5)_«Der Junge Mit Der ... » (The Boy With The ...): Bernd Cluever
7 (9)_«Whisky In The Jar»: Thin Lizzy
8 (7)_«Goodbye Mama»: Ireen Sheer
9 (8)_«It Never Rains in California»: Albert Hammond
10 (__)_«The Tewlfth Of Never»: Donny Osmond

ESTOCOLMO

1 (1). «Hooked On A Feeling»: Bjoern Skifs And Blaablus
2 (2). «Mama Loo»: The Les Humphries Singers
3 (5). «Tie A Yellow Ribbon Round The Ole Oak Tree»: Dawn
4 (3). «Eres Tu»: Mocedades
5 (6). «I Am An Astronaut»: Ricky Wilde
6 (7). «Ding-Dong»: Lars Berghagen
7 (4). «Power To All Our Friends»: Cliff Richard
8 (10). «Lonely Lovers' Symphony»: Giorgio
9 (9). «Kodachrome»: Paul Simon
10 (__). «Good Grief Christina»: Chicory Trip

NOVA YORK

1 (1)_«My Love»: Wings
2 (3)_«Pillow Talk»: Sylvia
3 (6)_«Give Me Love»: George Harrison
4 (5)_«I'm Gonna Love You Just a Little More Baby»: Barry White
5 (7)-«Playground In My Mind»: Clint Holmes
6 (9)_«Will It Go Round In Circles»: Billy Preston
7 (10)_«Kodachrome»: Paul Simon
8 (__)_«Shambala»: Three Dog Night
9 (2)_«Daniel»: Elton John
10 (__)_«One Of a Kind»: Spinners

HONG-KONG

1 (5). «Power To All our Friends»: Cliff Richard
2 (1). «Sing»: The Carpenters
3 (4). «Pinball Wizard»: The New Seekers
4 (2). «Tie A Yellow Ribbon Round The Ole Oak Tree»: Dawn
5 (7). «Saw A New Morning»: The Bee Gees
6 (3). «Killing Me Softly With His Song»: Roberta Flack
7 (10). «Letter To Lucille»: Tom Jones
8 (__). «Fool»: Elvis Presley
9 (__). «My Love»: Paul McCartney
10 (6). «If We Try»: Don McLean

AMSTERDÃO

1 (1)_«We Were All Wounded At Wounded Knee»: Redbone
2 (2)_«Do You Love Me»: Shariff Dean
3 (3)_«Goodbye My Love Goodbye»: Demis Roussos
4 (4)_«Ginny Come Lately»: Albert West
5 (10). «Give Me Love»: George Harrison
6 (8). «Giving Ir All Away»: Roger Daltry
7 (5) «Tie A Yellow Ribbon»: Dawn
8 ( ) «He Kon Aan»: Dimitri Van Toren
9 (7) «Let's Go Together» Cats
10 (6) «Waikiki Man»: Bonnie St. Claire And Unit Gloria

LONDRES

1 (1). «Can The Can»: Suzie Quatro
2 (5). «Rubber Bullets»: 10 CC
3 (6). «Albatross»: Fleetwood Mac
4 (2). «See My Baby Jive»: Wizzard
5 (3). «One And One Is One»: Medicine Head
6 (8). «Stuck In The Middle With You»: Stealers Wheel
7 ( ) «The Groover»: T. Rex
8 (4). «And I Love You So»: Perry Como
9 ( ). «Give Me Love Give Me Peace On Earth»: George Harrison
10 ( ) «Welcome Home» Peters And Lee

DISCOS NOVOS

Patxi Andion renovou contrato com a Fhonogram após aquela etiqueta ter editado dois «LP» que obtiveram assinalável êxito. Entretanto, o cançonetista continua a apresentar-se perante o público madrileno com actuações no «Florida Park» e prepara, além de um «single» para saída imediata, um album que estará terminado na próxima temporada.

O «Spencer Davis Group» lançou agora no mercado através da Phonogram um «single» com as seguintes composições: «Catch You On The Rebop» e «The Edge». Ambos os títulos são da autoria de dois dos componentes do grupo: Eddie Hardin e Ray Fenwick.

Também editado pela Phonogram surge o último trabalho em «single» de Kent Lavoie (Lobo) extraído do seu mais recente «LP». Intitula-se: «Don' expect me to be your friend».

Freddy Breck, que alcançou um êxito fabuloso com um trecho do «Nabuco», de Verdi, em estilo «pop» (?), ao qual foi dado o nome de «We Believe in Tomorrow», prepara-se para repetir a façanha com «Bianca», outra canção «retirada» do seu contexto, já que pertence ao «Capricho Italiano», de Tchaikovsky. Este seu segundo disco à venda em Portugal já vendeu mais de 5000 exemplares.

O Salão Restaurante está reservado no próximo dia 28 para o Congresso do AEDP, pelo que os outros Clientes serão servidos no «Wonder-Bar», onde os «shows» se efectuam às 23 e 1 e 30.

ENGENHEIRO
MAMEDE FIALHO
Missas do 30.º dia

A UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA participa que amanhã, dia 25, pelas 11 horas e 30 minutos, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira (Lisboa) e dia 26 às 9 horas na Igreja de S. Julião (Setúbal), serão celebradas missas por alma do seu saudoso colaborador, Engenheiro Mamede Fialho, agradecendo desde já a todos os que se dignarem assistir a estes piedosos actos

CARLOS GARCIA ALVES
Missa do 30.º Dia

A COMETNA — COMPANHIA METALÚRGICA NACIONAL, S. A. R. L., seus corpos gerentes e demais pessoal comunicam que amanhã, dia 25, as 12.30 horas, será celebrada Missa pelo seu eterno descanso, na Igreja de Nossa Senhora de Fatima

Constantino Gomes, director das instalações desportivas do Benfica, mostra (perante o nosso redactor Neves de Sousa e o dr. Borges Coutinho) o local onde vão construir-se duas piscinas e a sede social do Benfica

DESPORTO

BENFICA: a Cidade Desportiva

O dr. Borges Coutinho, Flora e Eusébio tratam da festa do melhor futebolista português de sempre

A arrecadação de equipamentos prontos a usar

—A «Cidade Desportiva do Benfica» far-se-á, e será uma obra de tal envergadura, tão a carácter com a glória passada e a grandeza do presente e futuro do Benfica, que ninguém poderá dizer que ela seja, apenas, obra sua. Ela será de todos nós, benfiquistas, engenheiros e operários, técnicos e leigos, ricos e pobres, letrados e iletrados.

São palavras do dr. Duarte António Borges Coutinho, presidente da Direcção do Sport Lisboa e Benfica, inscritas no pórtico do relatório da actividade clubista referente ao ano de 1969. Hoje, quatro anos volvidos, o homem-chave das realizações benfiquistas acompanha-me através do Estádio da Luz e mostra-me (ao lado de Constantino Gomes, director das instalações desportivas do clube) aquilo que pode afoitamente considerar-se como **«o grande passo para a Cidade Desportiva do Benfica»**.

ESTÁDIO PARA FUTEBOL

—Pode hoje afirmar-se, sem hesitação, que o Benfica alcançou um lugar relevante entre os grandes clubes mundiais, o que não tem paralelo na história do Desporto Nacional.

E ainda do dr. Borges Coutinho esta afirmação, inserta noutro relatório do que o Benfica conseguiu em 1970. Como o presidente benfiquista me confirma:

—Não queremos que o Benfica seja universalmente conhecido apenas porque tem um óptimo «team» de futebol. O clube possui valores e prestígio em muitas outras modalidades desportivas: daí que se imponha dar vida real, o mais rápido possível, à nossa «Cidade Desportiva».

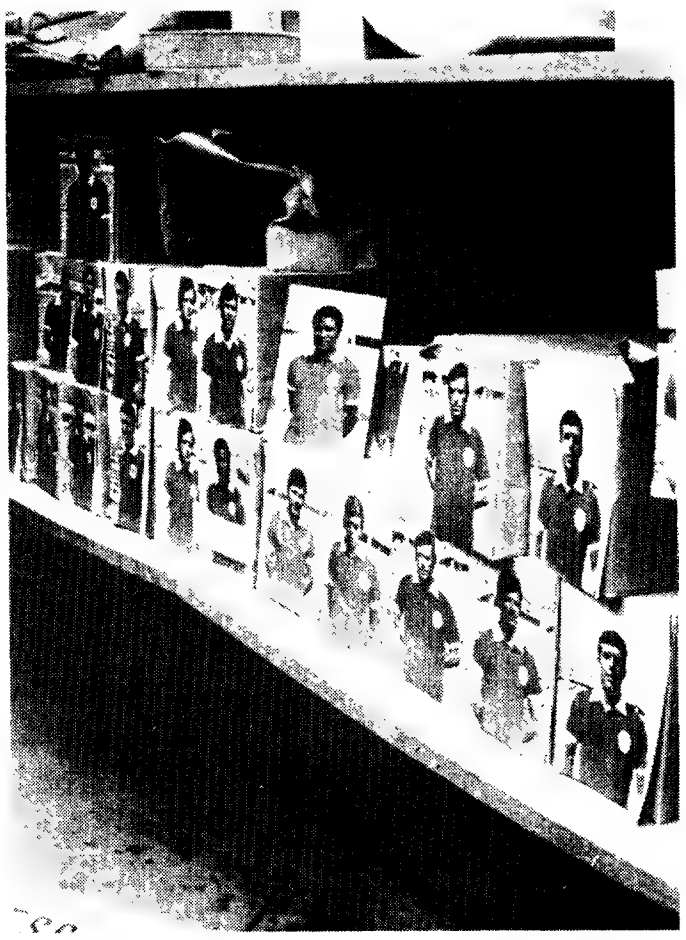
À direita da altaneira «águia» que saúda o visitante do Estádio da Luz, cinquenta homens trabalham de manhã à noite para criar um novo estádio: um campo relvado para futebol (com110 metros), a pista de «tartan» (com oito corredores), uma outra de cinza (só para treinos), fosso para água e bancada.

—Faremos aqui, provàvelmente já a partir de Setembro, jogos oficiais de futebol, para não prejudicarmos a relva do Estádio principal e, sobretudo, para que nos encontros considerados de menor importância a nossa massa associativa fique mais junto dos jogadores.

Constantino Gomes, «alma-mater» da profunda revolução que está a viver-se no complexo da Luz, acrescenta:

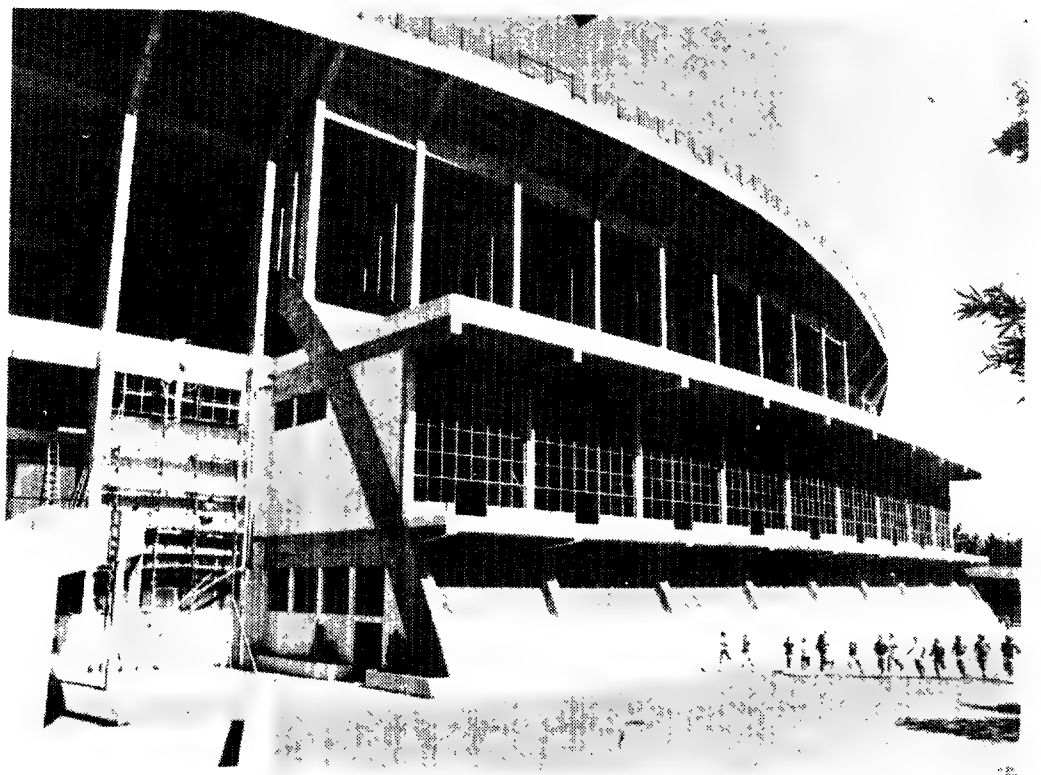
— Inauguraremos este campo em Outubro. Hoje mesmo estão já a ligar a água: isto vai...

As obras deste estádio foram idealizadas pelo arquitecto Silvestre Lomba, outro benfiquista da mais pura cepa. A pista está a ser feita, na sua base, pela firma A.Veiga, enquanto o «tartan» foi fornecido pela Minesota, e veio directamente dos Estados Unidos para a casa do Benfica. Por seu lado (elucida-me Constantino Gomes) a firma «Jardins de Portugal» arrelva o campo que, enquanto não tiver as acomo-



O Benfica (futebol) divulga-se através do mundo por «posters» dos seus jogadores

BORGES COUTINHO APRESENTA O BENFICA DE AMANHÃ



Na primeira galeria do «terceiro anel» fica situado o novo ginásio para basquetebol: dois campos e três tabelas para preparação individual de lançamento ao cesto

dações para o público em perfeitas condições servirá para jogos de infantis, juvenis e juniores. «**Ali** (aponta-me a zona até aqui destinada a um dos parques de estacionamento para automóveis) **construiremos, numa segunda fase de trabalhos, dois balneários subterrâneos e, por cima, dois ginásios.**»

água) por uma quantia calada: coisa como vinte e tal mil contos que, assim à primeira vista, assustaria qualquer empresário sem a grandeza e as possibilidades do Benfica.

—**A matéria para a pista (o «tartan») está ali na nossa garagem: são (apenas...) 1043 sacos com 25 quilos cada e mais 24 caixas com 700 quilos por** a seu encargo e assistência e manutenção de oito viaturas para transporte de atletas e material.

ESTÁDIO PARA RÂGUEBI

—**Venha connosco.**

O dr. Borges Coutinho e Constantino Gomes começam, então, a desvendar à reportagem do «Diário de Lisboa» a futura «Cidade Desportiva do Benfica». No topo sul do estádio, outro rectângulo relvado está a nascer: será para râguebi, hóquei em campo e treinos de futebol. Terá uma bancada pequena em redor e a sua relva, especial e de raiz estrangeira, é apropriada para a prática de desportos violentos, dos que dão muito desgaste: exactamente como é o caso do râguebi. Lá para Outubro/Novembro, verá o nascimento de outro campo, este «pelado», que está já delineado e assinalado, Mas, será mais pequeno que o estádio para râguebi, que tem 125 metros de comprimento.

. . Mais novidades contadas por Constantino Gomes:

. —**Da parte de cima, junto a este muro que confina com uma propriedade privada** (o director benfiquista leva-me até lá) **ficarão quatro «courts» de ténis: e faremos questão que sejam inaugurados pelo nosso presidente, que é um fervoroso tenista...**

A sala de reuniões, com os estandartes das secções

Acrescenta:

. **A nossa «Cidade Desportiva» terá, no conjunto, uma área de 19 hectares: e tudo faremos para lhe conferir a dignidade, a beleza e a utilidade que os sócios do Benfica merecem e desejam.**

glaterra, começaram esta semana a ser montadas sob orientação de três técnicos britânicos e vão permitir (segundo as palavras de Constantino Gomes) «**evitar que cerca de cinco mil borlistas tenham artes de ver os grandes jogos do Benfica sem pagarem bilhete**».

. . Passamos por mais instalações desportivas albergadas sob o gigantesco e impressionante «terceiro anel»: o ginásio do Atletismo, a Secção de Campismo (decorada a carácter), o «Lar do Ciclista», o Restaurante.

—**Já veremos tudo isso. Venha connosco espreitar os ginásios do segundo piso.**

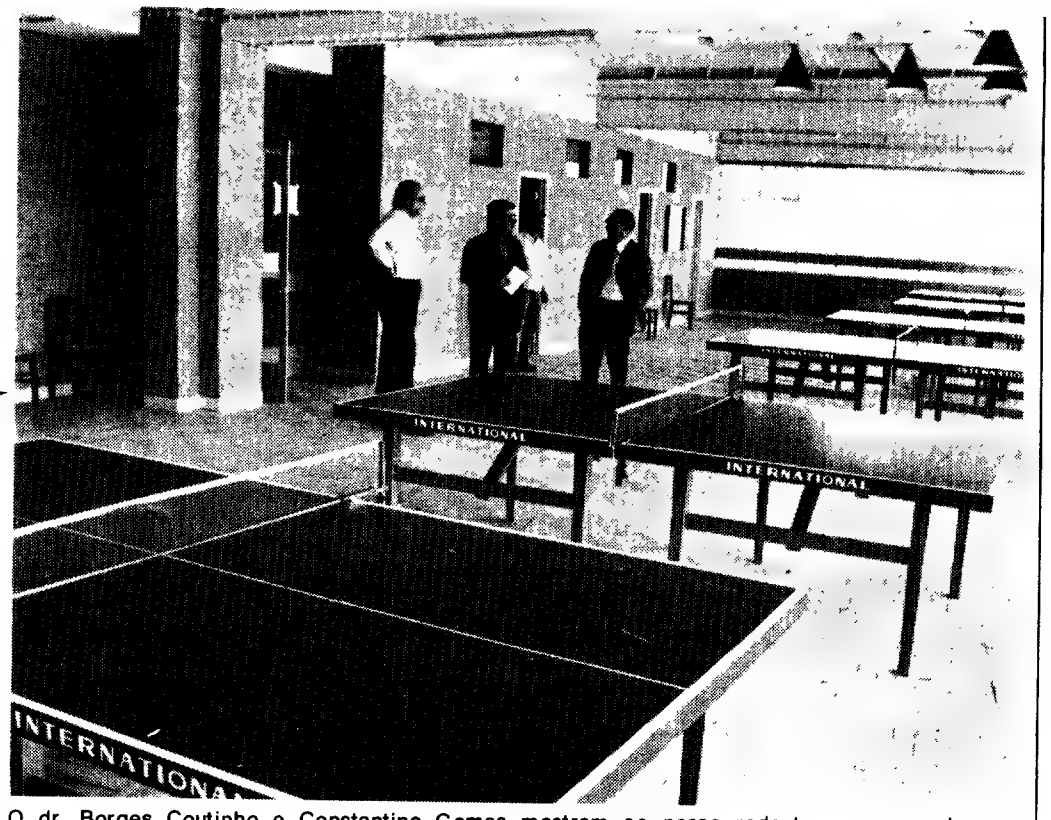
O dr. Borges Coutinho, anfitrião legitimamente orgulhoso da obra erguida sob a sua gerência, mostra-nos um dos sete ginásios já construídos sob as arquibancadas. «**Este é só para basquetebol** (elucida) **e tem dois campos de jogos e três tabelas-extra para treinos de lançamentos. Quando os vidros estiverem postos, deixaremos de gastar tanto dinheiro no aluguer de três pavilhões em que temos feito os nosso jogos e treinos.**

Constantino Gomes lá vem com os seus números:

. —**Cada vão da estrutura externa deste pavilhão levará 46 vidros, e na parte central serão precisos 48. Só nisso vão ser gastos cento e tal contos, o que tornará esta obra no valor de 250 mil escudos. E, foi toda feita pelo pessoal permanente do Benfica, sem necessidade de recorrer a mão-de-obra estranha que, como se calcula, iria onerar imenso o seu custo.**

NEGÓCIO INTELIGENTE

Um complexo com duas piscinas e a sede do clube ficará perto da entrada para o «terceiro anel», mantendo-se na secretaria da Rua Jardim do Regedor o sector recreativo ao dispor dos associados e o bloco administrativo do Benfica. O que vai abaixo é tudo quanto pertence ao clube e está na Avenida Gomes Pereira onde, aliás, o Benfica vai conseguir uma excelente fonte de lucros: em lugar de vender velhos imóveis por uns contos de réis, vai o próprio clube derrubá-los e construir no local edifícios de apartamentos, que depois ven-



O dr. Borges Coutinho e Constantino Gomes mostram ao nosso redactor a nova sala para ténis de mesa

. A pista de «tartan», para a qual contribuiu (com a generosidade do seu bolso benfiquista) o banqueiro Jorge de Brito, importará em nove mil contos, ficando a obra (em conjunto com os balneários e a vala de **unidade...**

. . Constantino Gomes mostra-me realmente esta montanha de «tartan», confiada à guarda de João Correia, o famoso antigo jogador «cabo de faca», que tem ainda

ADEUS, BORLISTAS

Outro pormenor desconhecido do público: as portas-rotativas para todas as entradas do Estádio da Luz vão funcionar já em Setembro. Veram da In-

MOCAR, S.A.R.L.

DEPARTAMENTO DE VIATURAS USADAS

R. D. Luís de Noronha, 26 LISBOA

Veículos usados provenientes de trocas:

Peugeot 404	de serviço
Peugeot 204 Breack Diesel...	de 1971
Peugeot 204 T.A.	de 1971
Alfa Romeo 1600-GTV ...	de 1968
Alfa Romeo 1300-Giulia-TI ...	de 1969
Alfa Romeo 1750-Berlina ...	de 1970
Alfa Romeo 1750-Berlina	de 1969
Onda 600-I ...	de 1972
Morris 1275-GT (c/ 5000 km)	de 1973
Porsche 912 ...	de 1965
Ford 20-M (4 portas)	de 1968
Volkswagen 1300	de 1967
Mercedes 190-D	de 1963
Mustang	de 1965

...E MUITOS OUTROS MODELOS.

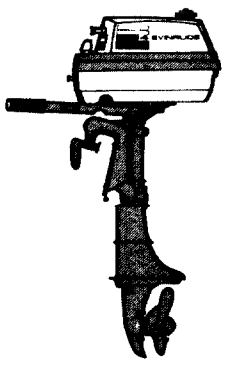
TODOS REVISTOS

Aceitam-se trocas.

Facilidades de pagamento.

EVINRUDE

Vendemos potência segurança e economia



Vendemos a potência, a segurança, a economia dos motores Evinrude. Motores que a técnica e a experiência criaram e aperfeiçoaram Motores que oferecem a mesma superior qualidade em todas as unidades, na mais diversificada das gamas, para profissionais e amadores. Desde o 2 HP ao 135 HP E oferecemos-lhe uma total assistência técnica, um completo «stock» de peças.

LEO BURNETT

MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.

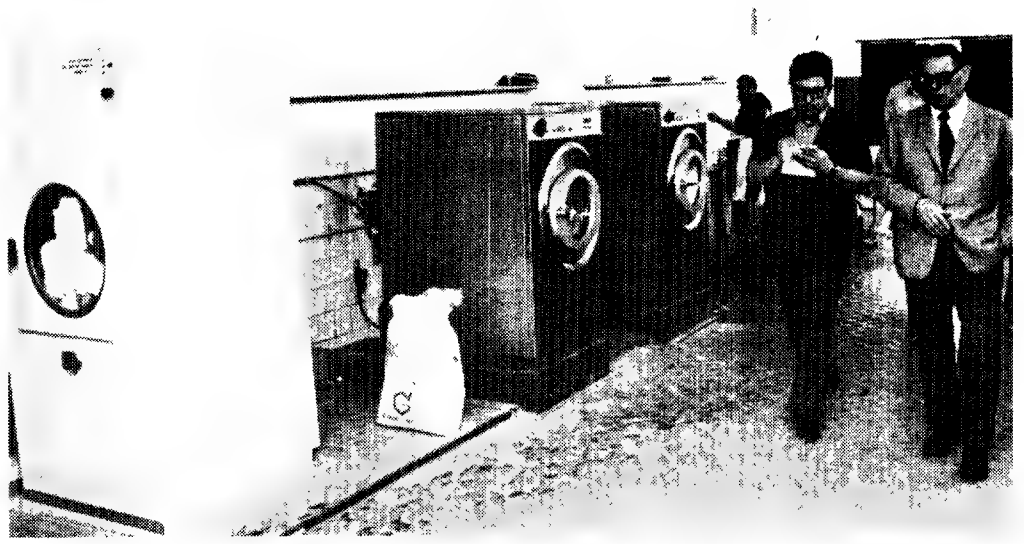
Av. 24 de Julho, 52 – LISBOA

Na companhia dos homens-chave do Benfica de amanhã, vimos os locais onde vai projectar-se a grande colectividade

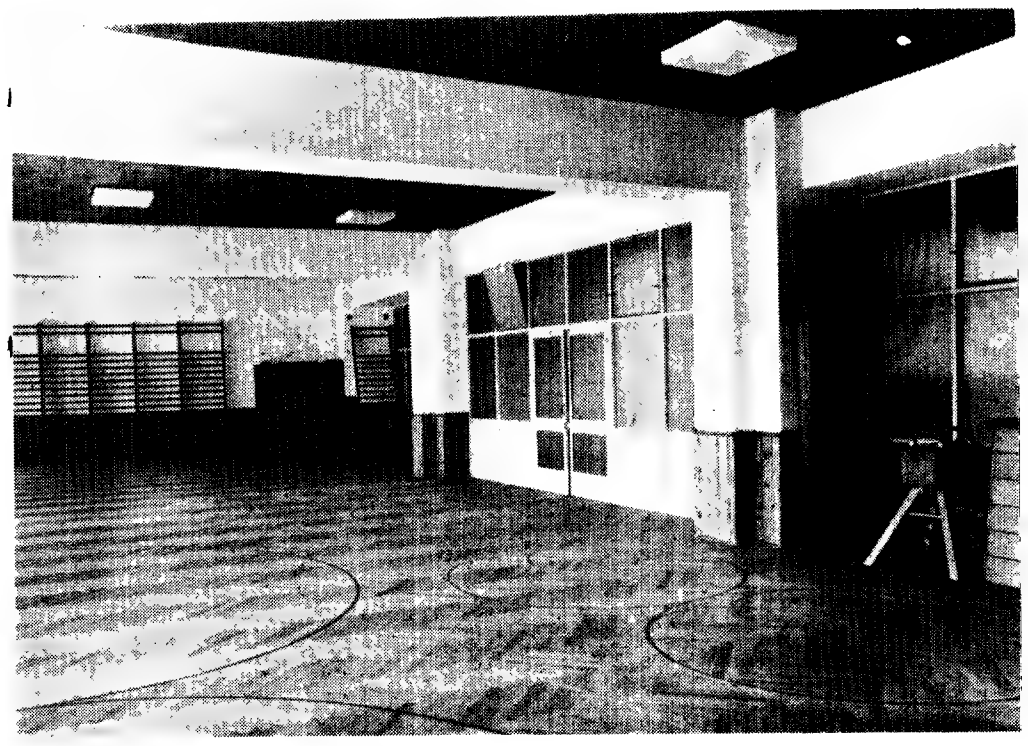
BENFICA

NEM SÓ FUTEBOL

O «hall» de convívio na entrada do restaurante



A modernissima lavandaria



Um dos ginásios especialmente concebidos para as classes femininas de ginástica

derá para cobrar uma importância infinitamente superior à que conseguiria neste momento.Um caso de engenho administrativo só possível porque alguns dos grandes empreiteiros portugueses são do Benfica e para ele vão colaborar nas melhores condições financeiras.

Ainda uma novidade sensacional, desvendada pelo presidente Borges Coutinho:

. —**O Benfica vai, junto da U.E.F.A., apresentar a candidatura oficial para organizar, dentro de dois anos, a final da «Taça dos Clubes Campeões Europeus». Simultaneamente, esperamos já ter em funcionamento activo toda a «Cidade Desportiva». Será, portanto, uma inolvidável jornada do Benfica!**

SETE GINÁSIOS

Mais um ginásio: este, exclusivamente para ténis de mesa. Aliás, como os demais seis ginásios do Estádio da LUz, também possui ar condicionado, um luxo necessário que na maioria das instalações erguidas oficialmente é desconhecido...

. — Os tacos para o piso deste ginásio foram-nos oferecidos pelo grande benfiquista Ilídio Fulgêncio, enquanto que a obra geral foi uma magnifica oferta do nosso homem do futebol: Fernando Neves que, sem dúvida nenhuma, ficará com o nome ligado indestrutivelmente ao futebol benfiquista de sempre.

O dr. Borges Coutinho refere-se sempre com palavras quase emocionadas a todos os seus colaboradores neste difícil e trabalhoso encargo de conduzir a nau benfiquista a bom porto.

. Aqui ao lado (nós vemos) fica este outro ginásio: é só para a iniciação desportiva e foi inaugurado, sem espaventos, há dois meses. No vão mais largo do «terceiro piso» estamos a pensar em fazer uma grande cervejaria, pois tem uma vista deslumbrante sobre a cidade e poderá servir para local de convívio da gente benfiquista.

Desfilamos pelo ginásio para a garotada. Espaldares, traves, cavalos de arção, trampolins, argolas, cama elástica, mesa alemã, bancos: tudo o que de mais moderno está concebido para a prática da ginástica ali foi reunido. Tal como nos outros três ginásios já construidos logo a seguir, ainda no tal fascinante «terceiro piso»: um deles é para a ginástica feminina (lá espreitámos o piano), outro para a «ginástica moderna» e o terceiro especialmente para halterofilismo, já completamente equipado. Escusado, ainda, acrescentar que todos eles possuem arrecadações, vestiários e balneários próprios, dotados do maior conforto e magnífica funcionalidade, com tectos em cortiça e chão igualmente isolante.

— Queremos que os atletas se sintam aqui no melhor dos mundos. E, como nem todos têm transportes para a porta do Estádio da Luz, as camionetas do clube vão buscá-los, nos dias dos treinos ou das provas, à saída do «metro» de Sete Rios.

Constantino Gomes é agora o dirigente com a palavra:

— Ao lado do «Lar do Ciclista» está a oficina privativa da secção, os vestiários do seu equipamento e a garagem com os carros de apoio dos ciclistas. Só o que ainda não temos aqui é uma pista para ciclismo: nem está (diga-se a verdade) incluída nos nossos planos mais próximos.

Vamos até ao restaurante, com capacidade para 350 clientes e cozinha já apetrechada para fornecer esse número simultâneo de refeições. Foi uma prenda ao clube da Comissão Central e será adjudicado brevemente, mas em condições que tornem possíveis a utilização pela Direcção do clube quando o entender. Isto é: por exemplo para recepções e festas em honra de visitantes ilustres, fechará ao restante público.

— Um dos candidatos à exploração é o futebolista Nené. E, estamos em crer que será mesmo ele o adjudicatário.

O restaurante é luxuoso. Asseadíssimo. Um «hall» para convívio, para o cafézinho da ordem. Uma cozinha em que se gastaram 300 contos. Balneários e sanitários em mármore e azulejos. Luz a jorros, neste pedaço (bonito) do Estádio da Luz.

A SAUDADE

Fora o grande ginásio para basquetebol, o «terceiro anel» comporta outros seis, como já dissemos. Mas, não é tudo: ainda ali ficam a secção administrativa do Atletismo, a sede da secção de Campismo (totalmente decorada a rigor, com motivos alusivos às predilecções dos seus elementos), mais um pequeno ginásio para treino de Atletismo (com espaldares e jogos de pesos, tapetes para saltos, fasquias e varas, onde os professores Fonseca e Costa e António Gromicho, mais outros colegas, diariamente ministram os seus ensinamentos), um ginásio só para Luta (com dois tapetes, um deles novinho em folha) e uma espécie de apartamentos autónomos para cada uma das secções desportivas do Benfica.

— Vê aquele muro?

. Constantino Gomes aponta para um friso que foi agora construido junto de uma das quatro entradas para o «terceiro anel».

— Foi construido com blocos de cimento que estiveram no velhinho campo das Amoreiras e depois no do Campo Grande... É uma saudosa relíquia, não há dúvida...

ACERTANDO O PASSO

Serralharia, carpintaria, sala de pintura. O Benfica procura bastar-se a si próprio, montando em sua casa tudo aquilo de que carece. (Na carpintaria, por exemplo, empregados do clube estavam, na altura da reportagem, a construir mesas para xadrez que vão esta semana para a secretaria na Baixa).

Hamilton Marques fala-nos dos serviços de recuperação de atletas

O dirigente Constantino Gomes vai, duas vezes por semana, inspeccionar o andamento das coisas lá pelo Estádio. Aos sábados e domingos passa lá os dias. Sabe tudo, portanto, sobre a «Cidade do Benfica»:

. — Veja esta sala: aqui funciona o «Abastecimento dos bares».

Salão enorme, com central telefónica ligada a cada um dos bares do Estádio, «guichets» individuais para cada responsável prestar as suas contas, uma dispensa enorme onde se guardam «mantimentos comestíveis e bebíveis» que davam à vontade para saciar 70 ou 80 mil pessoas. Simplesmente impressionante e esmagador!

. Nos baixos da bancada vão situar-se lojas de exposição e propaganda de várias empresas comerciais e, até, as do próprio Benfica:

. — Bolas autografadas, camisolas com assinaturas dos nossos campeões, «posters», postais, recordações de toda a ordem, vamos vender por nossa conta, a exemplo do que se faz lá fora nos estádios de outros grandes clubes.

Isto nos conta o dr. Borges Coutinho, orientando a visita ao Departamento de Futebol (onde pontifica Fernando Neves e onde trabalham diversos funcionários em instalações e gabinetes modernissimos)às salas da Comissão Central e da Comissão de Obras, ao Departamento de Ciclismo (Sala «José Maria Nicolau», com um retrato a óleo do famoso ciclista), à Secção de Motorismo (Sala «Fernando Tordo»),

A GRANDEZA DE UM CLUBE E O SEU PATRIMÓNIO

à Comissão de Instalações Desportivas, à Central Telefónica (actualmente com 35 extensões e dentro em breve com 150), a Lavandaria (onde mensalmente são tratados 40 mil equipamentos, desde camisolas a cobertores), a Rouparia (só jogos de camisolas para equipas inteiras estavam lá 150), ao grande mundo desconhecido que vive no Estádio da Luz.

— Cada jogador do primeiro «team» de futebol tem aqui o seu próprio material de propaganda: desde «posters» a postais, passando por biografias (até impressos em inglês) que enviamos diariamente para todas as partes do mundo e para os grandes jornais estrangeiros.

(A propósito, vale a pena focar que o Benfica possui um contrato de exclusividade com a «Adidas» para fornecimento de todo o material desportivo. Mas, por coincidência, há um futebolista que tem contrato com outra firma concorrente, a «Puma», que calça os seus pés milionários: o rapaz chama-se Eusébio ...)

CENTRO MÉDICO E NOVA «ÁGUIA»

— Vamos construir três parques de estacionamento para automóveis, um dos quais exclusivamente destinado à Imprensa (diz-me Constantino Gomes) e estamos a montar uma derivativa da central telefónica também para servir apenas a Imprensa.

Entramos no «Centro Médico prof. dr. Lima Basto». Recepção por uma gentil funcionária, uma das 60 empregadas do clube. Sala de espera. De tratamentos. Gabinetes individuais para consulta.

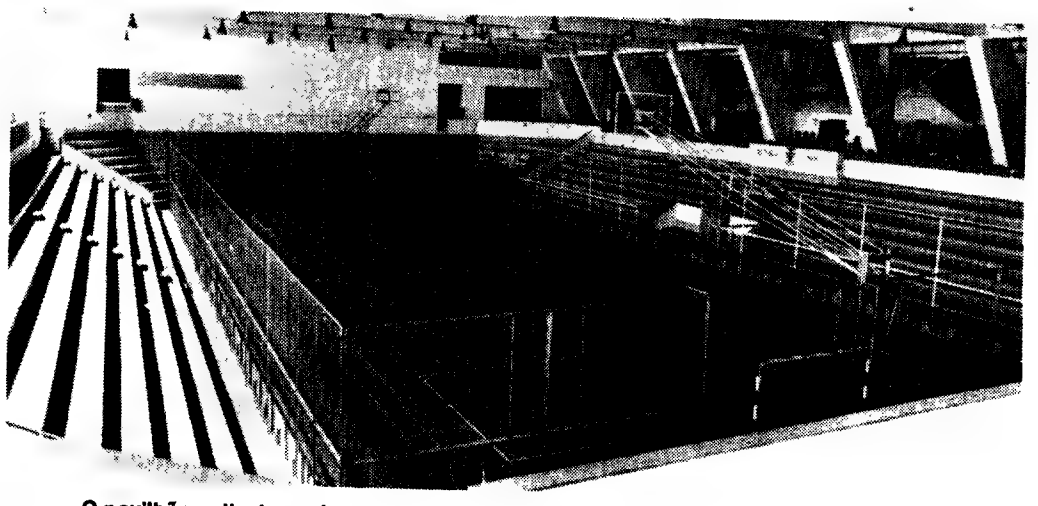
— O nosso sonho (informa o dr. Borges Coutinho é alargarmos a serventia das nossas instalações clínicas a todos os sócios do clube. É um projecto audacioso mas que estou certo de poder brevemente tornar-se realidade.

Seis médicos trabalham no Benfica: os drs. Azevedo Gomes, Bonfim, Vieira da Fonseca, Alberto Faria, Sousa Pinho e Ferreira de Almeida. Alí, no «Centro Médico», funciona uma farmácia e um economato, com ficheiro individual de todos os atletas do clube (cerca de 3 mil). Mais: salões com toda a aparelhagem para recuperação médica, seca ou húmida. Aparelhos para hidromassagem, caldeiras de vapor, combinados de parafina para tratamento das articulações, aparelhagem para toalhas quentes e gelo (tratamento de urgência de entorses e distensões), duches escoceses, tudo confiado à proficiência de três massagistas permanentes (Hamilton Marques, José Ramos e Palhinhas) e mais cinco que alí trabalham das seis da tarde à meia-noite (Araújo, Ezequiel, Vasco, Almeida e Feijão). Rouparia e serviço de sauna. Tudo, afinal, que marca o Centro Médico da Luz como uma obra quase inédita em clubes portugueses.

— Pode ainda tomar nota (afirma o dr. Borges Coutinho) que em Setembro contamos já ter em funcionamento uma das piscinas. E que vamos ter, aqui na entrada do Estádio, uma nova e muito mais imponente águia. Um verdadeiro monumento, que nos vai ser oferecido pelo industrial João Pimenta.

Deixo o Estádio da Luz e o seu sonho-realidade: a «Cidade Desportiva do Benfica». Seja o leitor o juiz sobre a obra realizada (e apresentada publicamente) pela gerência de Borges Coutinho.

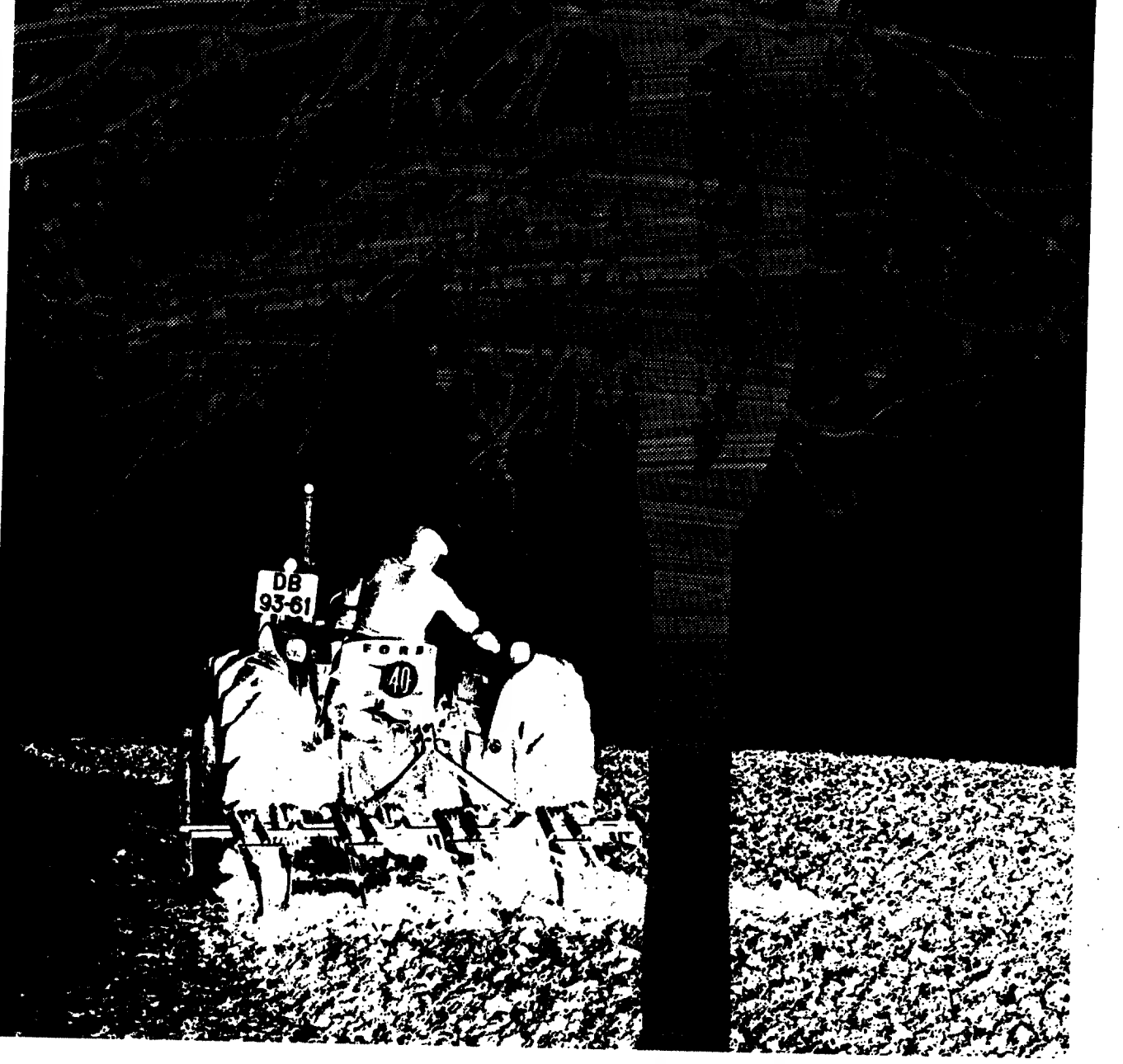
Neves de Sousa



O pavilhão polivalente é dotado de todos os requisitos para várias modalidades

À porta da secção de campismo: Constantino Gomes e o dr. Borges Coutinho

Diariamente, dezenas de equipamento precisam do retoque de mãos femininas



CONCURSO DE TEATRO AMADOR ORGANIZADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO COM A COLABORAÇÃO DA F. N. A. T. E DA F. P. C. C. R.

Teatro Luísa Todi em Setúbal

AS 21.30 HORAS

JUNHO

Dia 25 — **«RETÁBULO DO FLAUTISTA»**, pelo Centro de Cultura e Recreio Oliva — S. João da Madeira (Grupo D — Maiores de 18 anos).

Dia 26 — **«MEU AMOR É TRAIÇOEIRO»**, pelo Grupo Desportivo da SIPE — Carcavelos (Grupo B — Maiores de 10 anos).

Dia 27 — **«A FORJA»**, pela Sociedade Dramática de Carnide — Lisboa (Grupo D — Maiores de 18 anos).

Dia 28 — **«MÉDICO À FORÇA»**, pelo Centro de Recreio e Cultura D. Manuel da Mello — Albarraque (Grupo B — Maiores de 10 anos).

Dia 29 — **«O BARÃO»**, pela Sociedade Antiga Filarmónica Montemorense — Montemor-o-Novo (Grupo D — Maiores de 18 anos).

Dia 30 — **«O PROCESSO DE JESUS»**, pelo Grupo Mérito Dramático Avintense — Avintes (Grupo B — Maiores de 10 anos).

JULHO

Dia 2 — **«O CAMARADA MIOUSSOV»**, pela Associação Recreativa «Aurora da Liberdade» — Matosinhos (Grupo C — Maiores de 14 anos).

Dia 3 — **«O AUTO DA COMPADECIDA»**, pela Sociedade Dramática de Carnide — Lisboa — (Grupo C — Maiores de 14 anos).

Dia 4 — **«ANTÍGONA»**, pela Sociedade União Musical Escolar de Oeiras — Oeiras (Grupo C — Maiores de 14 anos).

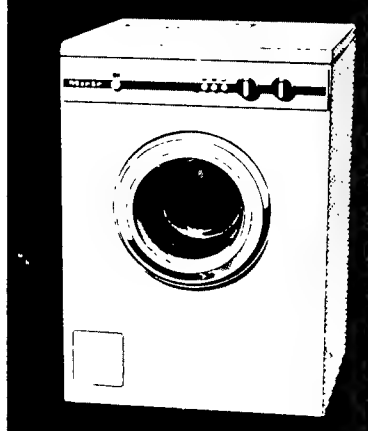
Dia 5 — **«O VAGABUNDO DAS MÃOS DE OIRO»**, pelo Clube de Campismo de Lisboa — Lisboa (Grupo C — Maiores de 14 anos).

Dia 6 — **«O TINTEIRO»**, pelo Grupo Desportivo do Pes. do Banco Português do Atlântico-Porto (Grupo D — Maiores de 18 anos).

Bilhetes à venda aos preços de 20$00, 17$50, 15$00, 10$00, 7$50 e 5$00

Máquina de lavar roupa automática

Você própria pode escolher a temperatura, o nível de água e o processo de lavagem. Com tudo isto perde apenas uns segundos. O resto é com a máquina: o desenvolvimento do programa é totalmente automático.



Miele®

NOVOLAR

139 — Rua Ferreira Borges — 143

Telef. 687938 — Lisboa 3

HORUS

RAUL LOURENÇO LAPA

QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA.

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca do seu próprio e do seu Destino.

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av. de Roma XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 74162 - LISBOA

horóscopo

pelo astrologo HORUS

PARA O PERÍODO DE 24 A 30 DE JULHO

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR — Acontecimentos imprevistos no domínio afectivo exigirão uma revisão dos seus projectos neste capítulo; seja objectivo. Um pouco de solidão é por vezes necessária para encontrar a solução dos problemas a resolver; aproveite este momento para fazê-lo.

DINHEIRO — Mantenha os seus projectos tais como foram estabelecidos, sem deixar de aproveitar bem, todas as oportunidades. Renuncie às ambições, demasiado supérfluas e inúteis.

PROFISSÃO — Será aconselhável que procure manter um certo equilíbrio nas suas actividades profissionais, pois de contrário estas poderiam desorganizar-se, com manifesto prejuízo para si, e para aqueles que estão na sua dependência.

SAUDE — Período de nervosismo, irritação ou mau humor; indisposição física e febril.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR — Os astros lhe prometem esta semana alegrias em amor; tudo coincide, a fim de lhe proporcionar «chances» inesperadas e o fim de obstáculos. Satisfações sentimentais no quadro da vida familia.

DINHEIRO — Continue os seus esforços no sentido de equilibrar a sua situação pecuniária e profissional. Tudo quanto se refira a dinheiro ou bens alheios pode merecer a sua atenção. Se for cauteloso poderá encontrar-se em condições de tirar proveitos financeiros, dos seus próprios esforços.

PROFISSÃO — Dedique-se de preferência àquilo que deseja realizar bem e depressa, porque é na rapidez que reside o seu sucesso. Isto diz respeito particularmente às actividades profissionais quotidianas.

SAUDE — Terá necessidade de uma grande actividade física, sadia e repousante; consagre seus lazeres e passeios a desportos vivificantes.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR — Sucesso parcial num assunto sentimental, porque lhe falta paciência e adaptação às ideias da pessoa amada; em todo o caso seja paciente. Procure ser compreensivo no quadro familiar e afectivo.

DINHEIRO — A mediocridade dum companheiro de trabalho decepcioná-lo-á; evite comprometer-se ainda mais com ele, num empreendimento cujos maus resultados não deixam dúvidas.

PROFISSÃO — Evite as decisões bruscas, súbitas. O atraso numa deslocação projectada não é desfavorável, visto que lhe permitirá rever os seus planos e modificá-los se isso se tornar necessário.

SAUDE — Não são de recear preocupações de saúde durante a semana em curso.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR — A vida amorosa e familiar não será muito prazenteira. Haverá sem dúvida um afrouxamento no plano sentimental. A tensão poderá ser muito grande. Possibilidades de divergências de opiniões quanto ao que deve ser feito. Procure ser mais compreensivo do que é costume, pois só terá a ganhar com isso.

DINHEIRO — Seria conveniente não se envolver em problemas financeiros alheios. Não empreste dinheiro nem assine títulos de favor. Se o fizer, ver-se-á em apuros. A sorte não o favorece em matéria de finanças. Deste modo, é de toda a conveniência examinar as despesas e não assumir encargos, sejam eles de que espécia forem.

PROFISSÃO — As influências astrológicas indicam que terá uma actividade profissional sem dúvida bastante desenvolvida e sob certos aspectos enervante. Se usar de calma e ponderação poderá obter alguns resultados consideráveis. Observe os detalhes. Seja prático, faça uma coisa de cada vez, e bem feito.

SAUDE — A semana em curso apresenta perigos no que diz respeito à sua saúde, pelo que será aconselhável tomar as precauções aconselhadas pelas circunstâncias.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: A semana será um pouco difícil, mas isso não impedirá que atinja os seus fins, se souber mostrar tenacidade. Entretanto, mostre-se mais compreensivo em relação a uma pessoa que o estima e cuja sinceridade não deve ser posta em dúvida.

DINHEIRO: Satisfações devidas a uma organização racional dos assuntos pecuniários e profissionais. Conte consigo próprio, porque o êxito depende principalmente da sua habilidade pessoal.

PROFISSÃO: Não deixe atrasar a sua correspondência porque se arrisca a atrair a inimizade de um parente que aguarda notícias suas. Conceda toda a atenção aos seus afazeres profissionais.

SAÚDE: Possibilidade de o seu estado de saúde registar durante esta semana algumas indisposições sem importância de maior.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: E no ambiente familiar que encontrará, principalmente, neste período, mais satisfação; possui a compreensão necessária para isso. Uma atitude compreensiva no quadro familiar valer-lhe-á uma amizade.

DINHEIRO: Pode prosseguir, no que se refere ao domínio material. A feliz conclusão dum negócio ou empreendimento proporcionar-lhe-á a tranquilidade desejada. Agradáveis deslocações em perspectiva.

PROFISSÃO: Período calmo no trabalho profissional. Tendência profissional um pouco frouxa, mas regular no seu desenvolvimento. Tirará partido dos contactos humanos que adquiriu durante a sua actividade profissional recente. Boas perspectivas de êxito para o futuro material e profissional.

SAUDE: Se viver racionalmente estará livre das enfermidades, durante esta semana.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Propício às boas harmonias, bem como para resolver os assuntos relacionados com os interesses familiares. Benéfico para efectuar matrimónios. As amizades podem contribuir para o seu bem-estar e segurança.

DINHEIRO: Todas as diligências que fizer serão bem correspondidas financeiramente. Não seja sentimentalista e defenda os seus interesses, pois pode tirar partido da posição favorável que se aproxima.

PROFISSÃO: Optimo para pôr em prática os seus conhecimentos. Não hesite e proceda de maneira a não deixar em dúvida os seus méritos, profissionais. Indicado para atingir maior desenvolvimento. Aja com energia e não deixe passar despercebida a oportunidade deste bom aspecto semanal.

SAUDE: Passará por um período auspicioso em relação à saúde. Os nativos desta influência zodiacal que se encontrem doentes terão sensíveis melhoras repentinas.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: As influências astrais referentes aos assuntos amorosos são magnificas. Boas perspectivas familiares, alegria e boa disposição. Haverá entusiasmo no prosseguimento do seu objectivo. A espiritualidade deixará boa impressão no meio das suas relações sociais.

DINHEIRO: Altura propícia aos assuntos financeiros. No círculo científico ou mental haverá boas compreensões e, será compensado. Das viagens empreendidas neste período de tempo adquirirá bons interesses.

PROFISSÃO: Favorável para alargar o seu âmbito de actividade. Os problemas profissionais terão neste período aceitáveis e interessantes resoluções. Tudo o que tentar dará resultado e satisfação.

SAUDE: Nada de contrário se passará neste campo. Melhoria no seu estado físico, se se encontra adoentado.

SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro).

AMOR: O período é de romance. Os seus sentimentos serão demonstrados e inclinarão para a afectuosidade e boas expressões de amor. Porém, uma vez ferida a sua dignidade, responderá de uma forma arrebatada, deixando transparecer de maneira inexorável a sua cólera.

DINHEIRO. Podem surgir interesses monetários inesperados. As despesas durante esta semana serão motivadas especialmente pelo capricho e somente algumas pela necessidade.

PROFISSÃO: Na actividade profissional há possibilidades de receber pequenas ajudas e de beneficiar de protecções ocultas. Não arranje complicações, pelo contrário, deixe que tudo se passe claramente.

SAÚDE: A neruastenia será a causa das suas indisposições de saúde, aliás o reumatismo poderá fazer sentir os seus efeitos.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Tente usar de compreensão para com os seus. Não insista demasiado em presença de dificuldades e admita a possibilidade de quem nem sempre tem razão no que diz.

DINHEIRO: Período flutuante. Alternativas de altos e baixos. Alguns empreendimentos frustrados. Não se deixe ultrapassar pelos acontecimentos. Todas as hesitações lhe serão prejudiciais.

PROFISSÃO: É conveniente não fazer alterações sejam de que espécie forem. Continue nos seus propósitos profissionais e não pretenda introduzir um grande desenvolvimento nos seus empreendimentos, nem crie novas responsabilidades, pois o momento não lhe traz garantias nem resultados.

SAUDE: Irritações nervosas serão a principal causa da sua falta de saúde. Na verdade, se não levar tanto a peito os seus problemas não terá grande motivo de queixa.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Semana de amizades curiosas e notáveis intuições que serão causa de sucesso e bem-estar na sociedade e em relação aos amigos. Altura de maior popularidade, harmonia doméstica e amizades que serão de longa duração. Disposição amável e espírito maleável.

DINHEIRO: É favorável aos bons apoios financeiros. Poderá obter protecções de pessoas superiores e progredir nos negócios ou empreendimentos, e para tratar de assuntos originais relacionados com o psiquismo e metafísica.

PROFISSÃO: As coisas caminham melhor. Andará com melhor disposição e terá maior interesse nas suas ocupações. Êxito nos empreendimentos e benéficos resultados no tratamento com pessoas do comércio para activar os assuntos destinados a melhorar a sua posição social.

SAUDE: As preocupações durante o presente período são os incómodos habituais. Isto é, os antigos males que podem voltar à actividade.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Bons entendimentos familiares e harmonia nos casos amorosos e na vida conjugal. As boas influências magnéticas de que benefícia proporcionam-lhe alegria e compensações no seu meio amistoso.

DINHEIRO: Alcançará alguns lucros e adiantamentos por conta de projectos e negócios em perspectiva. Vantagens na proposição das suas ideias.

PROFISSÃO: Os negócios em projecto terão boa realização se forem tratados debaixo de boa intenção e, sobretudo, se tiverem o cunho da seriedade. A profissão que tiver presentemente caminha sob um aspecto progressivo.

SAUDE: Pode sofrer de abalos causados pela satisfação de sensacionais notícias recebi-

«GALERIAS ROLDÃO»

Máquinas fotográficas, filmar, projectar e sonoras, das mais reputadas marcas. Mundiais acessórios, rolos a preços de interesse

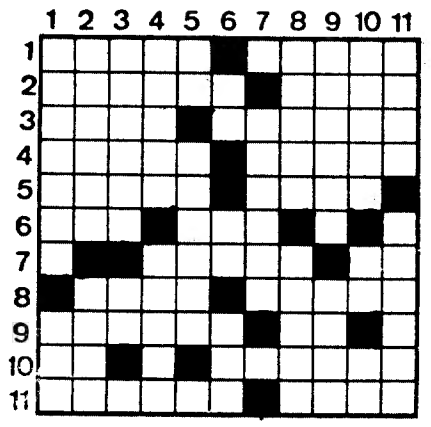
Av. Almirante Reis, 13 — Metro do Intendente

Estas mulheres nigerianas têm de esperar longas horas para obterem uns poucos quilos de milho que lhes permita a subsistência por mais alguns dias. Cinco anos de raras chuvas provocaram uma severa seca à Nigéria, Alto Volta, Mauritânia, Senegal, Mali e Chad

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 466



HORIZONTAIS:

1 Pacotes. Ser humano do sexo masculino.
2 Carícias. Oportunidade.
3 Abastado. Abaixes.
4 Inunda. Acrescentada.
5 Marcar o peso da tara em. Tira proveito de.
6 Pedra de altar. Braço de mar.
7 Jamais. Aqui.
8 Desonesta. Anfeitas.
9 Molestais. Ouro (s.q).
10 Nesse lugar. Olha a direito.
11 Pessoas muito parecidas com outras. Pegas.

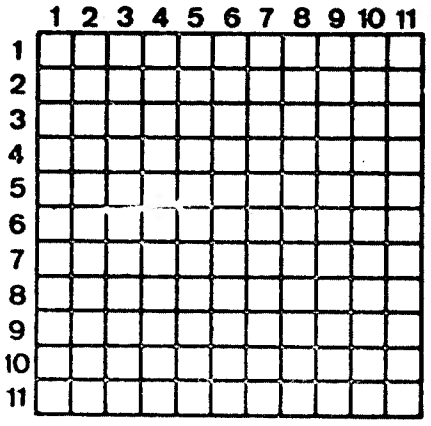
VERTICAIS:

1 Insectos ortópteros, domésticos e de costumes nocturnos. Pelos de certos animais.
2 Aguçar. Mal parecido.
3 Atara. Pertences.
4 Conduto ou esgoto por meio do qual se dá saída às águas de uma mina. Rio d Congo francês.
5 Solitário. Vadiai.
6 Apelido da mãe de Luís de Camões. Prefixo de negação. Catedrais.
7 Dinheiro (fig).
8 Malhai das pipas ou tóneis (Porv. Minh). Bebida alcoólica que se fabrica na Índia e América.
9 Esmalta. Despidas.
10 Freguesia do Concelho da Covilhã. Cálcio (sq). Batráquio.
11 Móvel sobre o qual se come. Fruta seca especialmente uvas.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6 623



HORIZONTAIS:

1 Carapuça. Imitação
2 Estimais. Tratam por tu.
3 Primeira parte do nome de uma cidade de Tonquim. Pátria.
4 Governantes. Rio da América do Sul.
5 Ribeira de Portugal. Capital da Birmânia. Sadias.
6 Agita.
7 Gorjeia afio.
8 A ramagem das plantas. Mãe de Ismael.
9 Povoação do Concelho de Condeixa.
10 Pôr em silêncio. Nutrir.
11 Querida. Poisa no mar (o avião).

VERTICAIS:

1 Louvas. Esboço.
2 Grande ribeira da Asia Russa. Salmoira. Amónio (s.q.)
3 Esmagar. Sacrifica.
4 Braços de mar. Nome de mulher. Preposição latina que designa movimento.
5 Sufixo que designa abundância. Falda. Época.
6 Nome de fruto. Pago.
7 Óxido de Cálcio. Mulher de baixa estatura. Bicho que aparece no queijo e na carne de porco mal curtida (Prov).
8 Iniciais de Organização do Tratado do Atlântico Norte. Estima. Preposição.
9 Límpidas. Figura formada por dois arcos que se cortam superiormente.
10 Tempo do verbo ir. Nome de mulher. Sopro.
11 Os dois juntos. Rezara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 465

HORIZONTAIS:

1 Atuam. LOBOS.
2 Ba. Uã. Araçá.
3 Saltitara.
4 Marrara.
5 Aa. Ion. Pé.
6 Ormuz. Airos.
7 Ios. MIV.
8 Parar. Casou.
9 Os. Ar.
10 Ras. NÃO. Ida.
11 Amaro. Cerol.

VERTICAIS:

1 Ab. SÃO. PARA.
2 Tas. Ária. Am.
3 Am. Morosa.
4 Aula. Usas.
5 Matriz. Nó.
6 Iró. Na.
7 Latana. Oc.
8 Orar. Imãs.
9 Bara. Ris. Ir.
10 Oca. POVOADO.
11 Sa. Sés. Ural.

Provérbio: LOBOS NÃO SÃO PARA POVOADO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 622

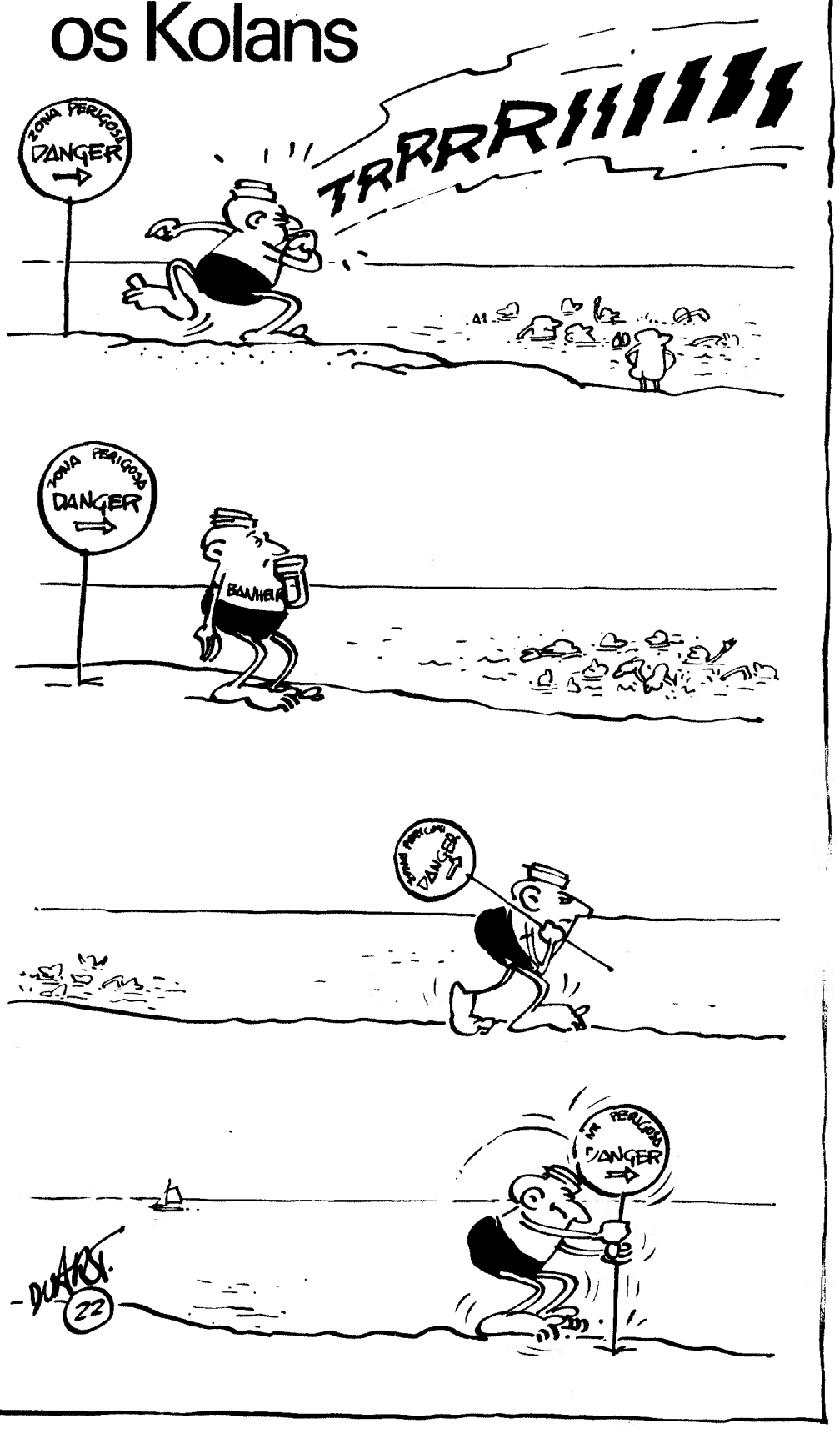
HORIZONTAIS:

1 Semi. Gana.
2 AC. Mara. Rui.
3 Tas. Camada.
4 Elas. Cama.
5 Disparo. Cr.
6 Vãs. Aru.
7 És. Palmada.
8 Teta. Siva.
9 Morara. Ras.
10 Pés. Sena. Rã.
11 Açor. Soca.

VERTICAIS:

1 Bate. Véu. Pá.
2 Caldas. Mec.
3 Sais. Toso.
4 Em. SS. Per.
5 Mac. Pratas.
6 Itaca. Lares.
7 Amaram. Ano.
8 Amo. Ás. Ac.
9 Arda. Adir.
10 Nua. Cravar.
11 Aí. Uru. Asas.

os Kolans



VENDEDOR / ALGARVE

— PARA TRABALHAR RAMO C. CIVIL
— C/ OU S/ PRÁTICA
— FIXAR RESIDÊNCIA NA ÁREA DE PORTIMÃO
— C/ AUTOMÓVEL PRÓPRIO

RESPOSTA INDICANDO IDADE, HABILITAÇÕES LITERÁRIAS E FIRMAS ONDE COLABOROU, A ESTE JORNAL AO N.º 841.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA
PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/14 ANOS)
Encerrado às 2.ªs feiras.

RESTAURANTE
SANCHO
Trav. da Glória, 8-16
Telef. 369780
LISBOA

HOTEL BOTÂNICO
Rua Mãe d'Água, 16-20 • Telefs. 3 40 12 / 13
LISBOA (junto à Praça da Alegria)
O PONTO DA REUNIÃO ELEGANTE
VISITE O NOSSO BAR ONDE ENCONTRA O APERITIVO AO SEU GOSTO

RESTAURANTE
breque
R. BUENOS AIRES, 28 - B - D
TELEF. 67 70 06 LISBOA
Hoje
CABRITO ASSADO
2.ª FEIRA
LULAS A NAZARÉ
ENCERRADO AOS SÁBADOS

RESTAURANTE E BAR
DO
HOTEL ALVORADA
ESTORIL
COZINHA PRIMOROSA E VARIADA
(Contratos especiais em casamentos, baptizados e banquetes)
Telef. 260070 (Frente do casino)

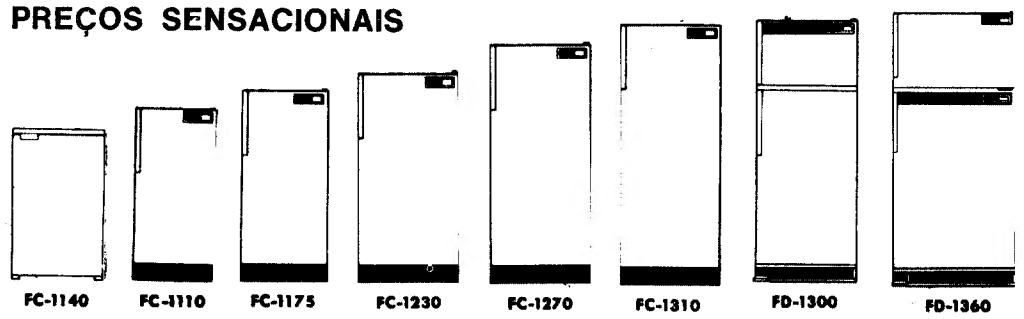
A CARRUAGEM
BAR * RESTAURANTE * SNACK
DÁ-NOS UM TOQUE DIFERENTE
ABERTO DAS 11 DA MANHÃ ÀS 2 DA MADRUGADA
AR CONDICIONADO * ENCERRA AOS SÁBADOS
RUA FILIPE FOLQUE, 49-A — TELF. 561457

Estalagem «A GRUTA DO RIO»
RIO DE MOURO
Telef. 2960535
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO FORNO À PADEIRO
LANCHES DE CASAMENTO

RESTAURANTE
SNACK-BAR
Colina
Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209
AMANHÃ
Pato a colina
Aberto até às 2 horas

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Edesa
UMA MARCA COM PRESTÍGIO EUROPEU
PREÇOS SENSACIONAIS



EM LISBOA: SUPERMANOS
L. MASTRO 5 Tel. 562411

EM LEIRIA: ELECTRO-LIS

televisão

HOJE

1.º PROGRAMA (22.00)
DOMINGO À NOITE
Programa de variedades gravada no Teatro Maria Matos com cenografia de Moniz Pereira e realização de Victor Manuel

2.º PROGRAMA (23.00)
ANTOLOGIA
«O PRÍNCIPE E O POBRE»
2.ª Parte. Obra de Mark Twain e Ondrey Vogeltanz com Ronian Skamene e Ota Sklencka

MADEIRA ISLAND SIEMENS
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.30 Abertura e Missa de Domingo
13.10 O Dia do Senhor
13.30 Nos Bastidores da Aventura
13.45 Telejornal — 1.ª Edição
14.00 Os Pequenos Vagabundos
14.25 Hoje pode ver
14.35 TV Educativa
15.05 TV Infantil
16.00 II Torneio Internacional de Natação do Porto
17.00 Andebol de 7 — Transmissão directa do jogo Lisboa - Pontevedra
18.10 TV Rural
18.35 Semi-breve
19.30 Telejornal — 2.ª Edição
19.45 Circo
20.00 TV 7
21.00 «Às Solteironas»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Domingo à noite
23.45 Domingo Desportivo
00.00 Telejornal — 4.ª Edição
00.01 Meditação e Fecho

2.º Programa

20.25 Abertura e Eurovisão-Campeonato do Mundo de Judo
22.30 Telejornal — 3.ª Edição
00.10 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino Singular
13.15 A Família Partridge
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Vivendo o futuro — O regulador cardíaco Pacemaker
14.25 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo reparatório TV
19.00 TV Educativa Língua Portuguesa
19.20 O Diário das Fábulas
19.30 TV Juvenil — Vida Subaquática
20.00 Momento Desportivo
20.30 TV Palco
20.55 Os Caminhos de Noëlle
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.05 O Casal McMillan
23.45 Telejornal
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 A Família Patridge
20.55 Vivendo o futuro
21.10 Desenhos animados
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Museu de cinema e fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o vento era de Leste e o céu estava limpo.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	22º
P. DOURADAS	14º
COIMBRA	22º
PORTALEGRE	22º
LISBOA	23º
FARO	24º
FUNCHAL	20º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Alvalade
Máxima 35º

Penhas da Saúde
Mínima 9,7º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	16,5º
Atmosfera	25,8º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.03	3,2 m	3.32	1,3 m
22.26	3,3 m	15.59	1,4 m
Dia 25			
11.12	3,3 m	4.39	1,2 m
23.37	3,4 m	17.10	1,3 m
Dia 26			
6.13	21.06	5.44	1,1 m
12.18	3,4 m	18.16	1,2 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado na costa algarvia e céu limpo ou pouco nublado nas restantes regiões; vento de Leste fraco ou moderado com rortada junto à costa ocidental durante a tarde.

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.13
OCASO ÀS 21.05

DIA 23 DIA 30 DIA 7 DIA 15

rádio

EMISSORA - 1.º Programa

16.00 Noticiário e Música sem palavras
16.30 Tarde Desportiva — Relato e informações dos jogos do Torneio de Competência da 1.ª e 2.ª Divisões
19.00 Música na Europa
20.00 Diário Sonoro. Êxitos em Parada
21.00 Rádio Desporto
21.30 Pequena História do Teatro Musicado em Portugal
22.00 Teatro das Comédias: Casamento à Força» — de Molière
22.35 Música Portuguesa
23.05 Sol e Toiros
23.30 De um Dia para o Outro — por Fernando Garcia
00.30 Diário Sonoro
00.45 De um Dia para o Outro (cont)
02.00 Fecho

PROGRAMA EM MF 1 DE LISBOA

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º Programa

2.º Programa

16.00 Onda Musical.
19.00 Perspectivas da Obra de Camargo Guarnieri
20.00 Diário Sonoro
20.30 As grandes figuras do Mundo Português
21.00 Recital de piano por Caio Pagano
21.55 Quequer ouvir?
23.00 Emissão em Línguas Estrangeiras
01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO EM MF 2

16.00 Cassação n.º 2, em Si Bemol Maior; Cat. K. 99 (Mozart)
16.30 Pedro e o Lobo, Op. 67 (Prokofieff)
17.00 Ópera: «1.º Acto da Ópera 'O Príncipe Igor' (Borodine)
18.30 Música de Piano — Obras de Haydn e Villa-Lobos.
19.00 Junção com o 2.º Programa
21.00 Música Ligeira Variada
22.00 As sinfonias de Haydn; pela orquestra filarmónica Hungarica sob a dir. de Antal Dorati
22.55 Obras para piano por participantes no concurso internacional Rainha Isabel 1968
23.25 Os Sopranos Honor Sheppard; Sally Le Sage e o Barítono Maurice, com o Cravista Robert Elliot e Jennifer Ryan, em viola de gamba, interpretam Duetos e Trios de câmara de Haendel
23.50 Divertimento n.º 17, em Ré Maior; Cat. K. 334 (Mozart)
00.40 Partida de Bach; pelo violinista Henryk Szering
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE Onda Média

16.00 Noticiário
16.03 Projecção
16.35 Tarde Desportiva
19.00 Chave do Totobola
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.00/21.00 «Rádio 73»
20.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens biblicas.
23.19 Tempo de Ritmo
23.30 No Mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário Rural
07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

16.04 Pêndulo
18.00 Chave do Totobola
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa Noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
00.02 Em órbita — dois
01.02 Banda Sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

14.15 Onda Desportiva
16.00 Noticiário
17.30 Camarada
18.03 Zona Azul — Programa de Automobilismo
18.25 Boletim litúrgico
18.30 Terço e Missa Vespertina da Basílica dos Mártires
20.03 Zona verde — espaço ocupado pela família
b20.35 Intervalo
21.05 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Programa dos sócios
23.05 A 23.ª hora

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO H-1

(TODA A NOITE)

AJUDA
Lopes, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288)
ALFAMA
Arnali, R. das Escolas Gerais, 56-C (T. 863940)
ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz, R. Domingos Jardo, 28-A (à Praça D. Afonso III) (T. 843439)
ALVALADE
Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (T. 712070); **Gasparinho**, R. dr. Gama Barros 54-A (T. 710465); **Olinda**, Av. João XXI, 13-A (T. 726848)
AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592); **Miranda**, C. Pequeno, 36-B (T. 770776); **Universal**, R. Actor Taborda, 5 (T. 44158)
BAIRRO ACTORES
Nobel, R. Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (T. 842152)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (T. 841122)
BAIXA
Centro Farmacêutico, R. das Portas de S. Antão, 86 (T. 321211)
BENFICA
Sousa, E. de Benfica, 429-A (T. 780027/789985)
CAMPO PEQUENO
Miranda, C. Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (T. 770776)
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760)
ESTRELA
Paivas e Parente, R. de S. António, 98 (T. 665196)
LAPA
Silva, R. S. João da Mata, 72 (T. 661010)
LUMIAR
Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942)
MARVILA
Maevila, R. Direita de Marvila, 25 (T. 381612)
OLIVAIS
Higiéne, R. Cidade Vila Cabral, Lote 43 (Olivais-Sul) (T. 310026)
PICHELEIRA
Mariuz, C. da Picheleira, 140-B/C (T. 720703/728395)
REGO
Pratas e Mota, R. da Beneficência, 91 (T. 773728)
RESTELO
Tanara, R. Rodrigo Teinel, 3-A (à encosta do Restelo) (T. 611814)
SANTO AMARO
Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020)
S. MAMEDE
S. Mamede, R. da Escola Politécnica, 82-B (T. 660280)
SOCORRO
Tavares, R. da Palma, 194 (T. 863350)

TURNO H-2

(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Boa Hora, R. dos Quarteis, 25 (T. 637777)
ALTO DO PINA
Zional, R. Morais Soares, 56-C (T. 847708)
ALVALADE
Necrotépia, C. Grande, 138 (T. 774682); **Ideal**, Av. Alm. Gago Coutinho, 49-A (T. 712803)
ANJOS
S. José, R. dos Anjos, 41 (T. 50730)
AREEIRO
Vera Cruz, P. Afrânio Peixoto, 2-B (À Av. João de Deus) (T. 724941)
ARROIOS
Oriental de Lisboa, R. de Arroios, 215 (T. 45079)
AVENIDAS NOVAS
Cordeiro, Av. Duque d'Ávila, 32-C (esquina da Av. da República) (T. 43495)
BAIRRO AMERICA
Martins, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448)
BAIXA
Unifa, R. da Vitória, 21 (T. 323793)
BENFICA
Benfica, E. de Benfica, 678-E (T. 702532)
CAMPO DE OURIQUE
Portírio, R. Francisco Metrass, 59 (T. 663349)
CAMPOLIDE
Central, R. General Taborda, 17 (T. 680304)
CARNIDE
Leal de Matos, R. Neves Costa, 33(T. 780181)
CONDE REDONDO
Salutar, R. Conde Redondo, 9-A (a Gomes Freire) (T. 533411)
LUMIAR
S. Tomé, E. do Desvio, Lote 12-C (T. 790704)
OLIVAIS
S. Paulo, R. José Campos, Lote 823 (à E. de Moscavide), Olivais-Sul (T. 310711)
RESTELO
Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, J.P.M., 3 (T. 610256)
S. BENTO
S. Bento, R. dos Poiais de S. Bento, 73 (T. 679673)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Av. Luís Bivar, 69 (T. 97213)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Tel. 263052)
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191)
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); **Cascais**, R. Conde de Monte Real, B.º Caixas (Tel. 28407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); **Campos**, R. Elvas Garcia, 185 (Tel. 930072); **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551)
DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D(Tel. 9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C(Tel. 974161)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841(
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55. (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)
SINTRA
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058)
COLARES
Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira. 39 (Tel. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2073215)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Tel. 2764466)
MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Tel. 230032)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. **229471)**
SETÚBAL
Costa, L. da Misericórdia (Tel. 22760); **Brasil**, P. do Brasil (Tel. 24788)
SEIXAL
Sacramento, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

8.º TURNO

SUB-TURNO A

Bonfim (dc), Rua do Bonfim, 73. **Contumil**, Rua de Contumil, 540. **Gueras**, Rua Costa Cabral, 43. **Guimarães**, Rua de Francos, 37. **Lemos e Filhos, Lda.** Pr. de Carlos Alberto, 31. **Liga Ass. Soc. Mutuos**, Rua do Bonjardim, 286

SUB-TURNO B

Henriques, Praça da Batalha, 64-A. **Moreno, Lda.**, Largo de S. Domingos, 44. **Sanil**, Rua do Paraíso, 214. **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645. **Vasques**, Rua das Condominhas, 794.

COIMBRA

TURNO B

Estádio, Rua do Brasil, 348 r/c (Tel. 24410); **Miranda**, Pr.ª do Comércio, 41 (Tel. 23261); **Batista**, Pr.ª da República, 910 (Tel. 23747)

cinemas

LISBOA

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor. Marlène Jobert e Jean Yanne «QUANDO O AMOR ACABA» Realização de Maurice Pialat
estacionamento Parque Castil

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo D (18 anos) 6.ª Semana Alfredo Landa (o Delicadinho) e Conchita Velasco em «EMPRESTA-MA... POR QUINZE DIAS» Mais audácia nunca se viu em fazer rir com um marido... a mulher... e o noivo dela...

POLITEAMA (Tel. 326303)
15.15-18.15 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Technicolor. «BULLIT» Steve Mc Queen, Robert Vaughn, Jacqueline Bisset.

TIVOLI (Tel. 326303)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido. Na vida de cada homem há sempre uma mulher compreensiva, ou duas... ou três... Alan Arkin em «AMORES CLANDESTINOS»

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo B-10 anos). Eastmancolor, Romy Schneider, Richard Harris «A QUEDA DE UM ÍDOLO»

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.30-18.30-21.45-00.15
(Grupo D 18 anos)
2.ª semana. Jeanne Moreau e Jean-Paul Belmondo «RECUSA» um filme de Peter Brock.

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
5.ª Semana!
Technicolor. Um filme saudável como vitamina! «JERRY ENFERMEIRO SEM DIPLOMA» com Jerry Lewis Hoje às 24.00
(Grupo D - 18 anos)
«A PELE DE UM MALANDRO» de Donald Siegel

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«O ENCONTRO» e em complemento «DOIS CONTRA O TEXAS»
(Metropolitano: Arroios-P. Chile)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos). 6.ª Semana
Realização de Jean-Luc Godard «MASCULINO FEMININO» Marlène Jobert e Jean Pierre Léaud.

VOX (Tel. 72080)
15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido. Alain Delon, Romy Snhneider
«A PISCINA» de Jacques Deray.

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 - 21.45
2.ª Semana
(Grupo B-10 anos)
Colorido. O filme de Sam Peckimpah Steve McQueen e «JUNIOR BONNER» (o último brigão)

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
22.ª Semana
«CONTINUAM A CHAMAR-ME TRINITÁ» Terence Hill e Bud Spencer

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor com Geoffrey Cambridge e Raymond St. Jacques «O HOMEM DA NAVALHA AZUL»
(Metro: Alameda)

EUROPA (Tel. 661016)
15.30 e 21.45 - 2.ª Semana
Technicolor
(Grupo C - 14 anos)
Paul Newman e Lee Marvin «DINHEIRO TROCADO» Tardes Infantis
(Grupo A - 6 anos)
Hoje às 18.15 «ASTÉRIX O GAULÊS»

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.00-17.00-19.00-21.45-00.15
2.ª Semana
(Grupo C-14 anos)
Eastmancolor. Um filme de Ingmar Bergman «A FORÇA DO SEXO FRACO». Bibi Andersson, Jarl Kulle. Hoje às 0.15 h. «A FORÇA DO SEXO FRACO» (Grupo C-14 anos)

ROYAL (Tel. 865035)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«OS ALEGRES DIAS DE POMPEIA» Em complemento «AMOR BRUXO»

CINEMA LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
(Grupo D 18 anos) 5.ª semana
Colorido. Oscar da Academia para o melhor filme estranreiro 1973 «O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA» o filme de Luis Buñuel.

S. JORGE (Tel. 54153/54)
15.15-18.-5 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Esta é das «Frescas e boas»! «A TURMA DAS BARRACADAS» com o famoso humor inglês.

CASINO ESTORIL
18.30 e 21.30
(Grupo C-14 anos)
Technicolor. «O DESAFIO DE PANCHO VILLA» c/Telly Savalas e Clint Walker.

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
Colorido. O filme de Sam Peckimpah Steve McQueen e «JUNIOR BONNER» (o último brigão)

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18.30 e 21.45
2.ª Semana
(Grupo D - 18 anos). Eastmancolor Ciclo malandrice em Rock's «PROFISSÃO BÍGAMO», Lando Buzzanca Raffaela Carra, Teib Tarday.

BERNA (Tel. 776096)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 3.ª Semana
A história imortal de «SANSÃO E DALILA» com Victor Mature e Hedy Lamarr.

RESTELO (Tel. 610375)
15.00 e 21.30
(Grupo B-10 anos)
Panavision. Metrocolor «A GRANDE VALSA» c/ HOrst Bucholz, Mary Costa e Nigel Patrick.

EDEN (Tel. 320766)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B-10 anos)
Eastmancolor, Mike Marshal e Michel Girardou 1o filho de shane2 Às 15.30 e 18.30 (Grupo C-14 anos «CIDADE NO FUNDO DO MAR»

CINEARTE (Tel. 66046)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«UM GATO NA RATOEIRA» c/Virna Lisi e Maurice Ronet. «NOITE DE PAVOR» Con Susan George hoje às 00.45 HORA DO TERROR, umassassino em cada quarto... um grito, em cada cena! «A VELHA CASA SOMBRIA» c/ Tom Postum, Robert Morley e Janette Scot.

ROMA
Encerrado temporariamente para beneficiações

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

GIL VICENTE
22.00 (Adultos)
«Fuenteovejuna»

VILLARET
20.45 e 23.00 (14 anos)
«O dia em que raptaram o papa»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pró menino e prá menina»

COMUNA
21.45
Av. Almirante Reis, 115-A
«Brincadeiras»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (10 anos)
«A grande valsa»

RESTELO
21.30 (10 anos)
«A grande valsa»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Um rato na ratoeira»

OLÍMPIA
19.00 (10 anos)
«Cérebro de aço» e «Os Sobrinhos do Zorro»

MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«Os justiceiros»

JARDIM
21.00 (14 anos)
«A vida íntima de Sherlock Holmes»

ALHANDRA
21.15 (18 anos)
«O Regresso de Ringo»

MAYER
21.00 (14 anos)
«O Desafio de Pancho Villa»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Jerry 8 3/4»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21 (14 anos)
«A morte chega a assobiar»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Cabaret»

ESTORIL
Casino
15.50, 18,30 e 21,30 (10 anos)
«A Aventura do Poseidon»

Palácio
21.30 (18 anos)
«Cai a noite sobre a cidade»

Esplanada
21.30 (18 anos)
«Fogo Sagrado»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Paris manicómio do amor»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«Corrida contra o destino»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Os três mosquiteiros»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Pedro, o pescador»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (14 anos)
«Dom Quixote, cavalga de novo»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Cabaret»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Curvas na zona»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«Noites de Angústia»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
15.15 (10 anos)
«Soldados sem rosto» e «O Homem a que chamaram cavalo»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Os dez mandamentos»

CINEMA DO TERÇO
15.15 (14 anos)
«Os Cowboys»

VALE FORMOSO
15.15 (10 anos)
«Os dez mandamentos»

ÁGUIA D'OURO
15.15 (14 anos)
«O Invencível»

S. JOÃO
15.15 (18 anos)
«Mocidade sem freio»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Os pássaros»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Pedroso»

RIVOLI
21.30 (10 anos)
«Ivanhoe»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Os noivos da minha mulher»

PASSOS MANUEL
15.15 (18 anos)
«Perdido por Cem»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Paixão pelo perigo»

OLÍMPIA
15.15 (18 anos)
«Pesadelo de cera»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.00 (18 anos)
«Mulher marcada»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«O Invwncível»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«O Ladrão veio para jantar»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«A Vingança de Spartacus»

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

FANTASMA-Dancing Caveau — com variedades. Maria Helena, Odete Maria. Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. **R. Gomes Freire, 145-b.** Aberto das 18 h. às 21 e das 22.30 h. às 05.00 h.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

NINA — **Dancing** com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos. **Telef. 320164.**

EL CIDE — **Dancing** com variedades. Com o conjunto «X 4». **Rua Bernardo Lima, 18-A** (ao Conde Redondo). **Telef. 560538.**

CACO — **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria. **Travessa da Queimada, 10. Telef. 362889.** Aberto todos os dias.

SAN-PAYO — Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422.** (Ar condicionado).

EXPOSIÇÕES

AR.CO — **Trabalhos de Ana Vieira (das 9 às 20 e 30)** — **Fecha aos sábados e domingos.**

«DIÁRIO DE NOTÍCIAS» — Pinturas de Raúl Herédia (das 10 às 12.30 e das 14.30 às 19 h). Fecha aos domingos.

DIPROVE — **Pinturas de João Nascimento (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).**

GALERIA DINASTIA — Pinturas de Luis Jardim e Fernando Lemos (das 10 às 13 e das 15 às 17 h.) — Fecha aos domingos.

GALERIA JUDITE DA CRUZ — Escultura e pintura de Artur Rosa. Fecha aos sábados e domingos.

INTERIOR — Tapeçarias de Maria Velez (das 10 às 19 h.) — Fecha aos domingos.

GINÁSIO CLUBE PORTUGUÊS — Pintura de Ângelo Mário Caruso.

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA — Para uma visão táctil. dedicada a cegos

OPINIÃO — Guaches de Kira (das 10 às 20 h). Fecha aos sábados e domingos.

PALÁCIO FOZ — Pinturas de Vilma Rojas, Matos Sequeira, Tomás de Mello e de Maria Helena Matos Pereira.

PAVILHÃO DOS CONGRESSOS DO ESTORIL — XVIII Salão da Primavera (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

QUADRANTE — Exposição de Vítor Belém (das 10 às 13 e das 15 às 19 h). Fecha aos domingos.

S. MAMEDE — Pinturas de João Dixo (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

PRISMA 73 — Pintura e desenho de Júlio Resende (das 15 às 20 h). Fecha aos domingos.

S.N.B.A. — Pinturas de Inácio Matsinhe.

DL

RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 - 1.º, 2.º E - 4.º
TELEF. 654531/2/3-4
SERVIÇOS TECNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA - PORTUGAL

OS GOSTOS E OS DESGOSTOS

Gostos não se discutem, logo os desgostos discutem-se. Mas se os desgostos se discutem por que não se discutem os gostos?

Principalmente quando o gosto significa opção não se percebe porque não deverá ser justificado (esse gosto, essa opção). Discutir, em princípio, é averiguar a verdade, a base, as razões da opção. O gosto (ou desgosto) consciencializado até dá mais gosto. Portanto, na discussão é que está o ganho (ou o gosto, ou desgosto).

«Temos o gosto (ou o desgosto) de participar a V.Ex.ª...» «Eu gosto mais disto do que daquilo»... Claro: todos têm os seus gostos (ou desgostos), embora uns tenham mais gostos (ou desgostos) do que outros.

Pois é. Gostos não se discutem. Mas, em regra, os desgostos também não. O resto é que pode ser sujeito a discussão. Tenha-se em conta, porém, que as divisões exactas não dão resto (o que podem é dar gosto ou desgosto).

M. de A.

BANANAS DE ANGOLA

Não chegarão apodrecidas

LUANDA (L.) — **A ideia desta nova embalagem foi-nos sugerida por uma empresa estrangeira e, se ela assim nos indicou, decerto será porque internacionalmente haverá vantagens na sua utilização** — afirmou o secretário provincial de Economia de Angola, dr. António Augusto de Almeida, depois de assistir, no cais desta cidade, ao início do carregamento de 300 caixas de banana destinada ao mercado metropolitano e acondicionada em sacos de plástico.

A técnica, pela primeira vez utilizada em Angola, destina-se a garantir maior tempo de conservação da banana em estado verde — precisamente aquele que deverá apresentar ao ser desembarcada no destino — e a proporcionar menor quebra de peso durante o transporte, bem como um aumento de resistência da caixa de cartão à água retida pelo fruto aquando da embalagem.

Recebido, à chegada ao porto de Luanda, pelo eng.º Joaquim Xabregas, da Direcção dos Serviços de Agricultura e Florestas, e por elementos quer da Comissão de Fruticultura quer dos exportadores locais, o secretário provincial afirmou aos orgãos de informação, enquanto as caixas de banana iam sendo levadas para bordo do bananeiro «Kassos»:

«A embalagem agora ensaiada proporcionou já resultados francamente animadores numa espécie de laboratório dos Serviços de Agricultura e Florestas, sendo este carregamento de agora feito a título experimental. Falta, ainda, determinar as diferenças de custos reais entre este processo e o que anteriormente se tem usado, mas tudo indica que os benefícios advenientes do novo processo — aumento de qualidade do produto, conservação do peso e possibilidades de programação da produção e transporte — tudo isso reverterá em economias que suplantarão os custos adicionais resultantes do novo processo de embalagem.

E continuou:

Alguns dos exportadores que experimentaram as embalagens antigas, de menor qualidade, dizem que o produto chegou ao destino em óptimas condições. Contudo, vamos agora ensaiar a nova embalagem, de 15 kg superior à de dez que antigamente era usada. Vamos ver como se comportará mas — à primeira vista — parece ser francamente superior, pelo que os resultados desta nova experiência serão certamente bastante bons.

Com as mãos amarradas, um cambojano suspeito de ser comunista é interrogado por soldados governamentais, numa aldeia a 23 milhas de Phnom Penh

BREJNEV NOS ESTADOS UNIDOS

Continuação da Pág. 1

se comprometem a não provocar uma quebra dos preços. Em três anos, as trocas comerciais devem triplicar, passando de 182 milhões de rublos para 552. No entanto, continuarão a ser modestas: actualmente, o comércio com a U.R.S.S. representa 0,40 por cento do volume total do comércio externo dos Estados Unidos.

UMA EVOLUÇÃO IRREVERSÍVEL

As partes, em particular os soviéticos, pensam que este acordo marcará o início de uma evolução irreversível. Os dirigentes do Kremlin estão empenhados na melhoria do nível de vida da população. Mas continuam a ter de enfrentar grandes obstáculos. Para os ultrapassarem, têm necessidade do apoio dos países ocidentais. Ora os Estados Unidos sempre os fascinaram: ainda antes da guerra, Mikoyan regressou de uma missão de estudo nos Estados Unidos entusiasmado com as realizações da industria alimentar americana. Com razão ou não, julgam que o acesso à tecnologia norte-americana lhes permitirá vencer o seu atraso. Sabem que um trabalhador agrícola norte-americano alimenta trinta e cinco pessoas, enquanto um camponês soviético alimenta cinco. A produtividade dos agricultores aumentaria se a indústria de adubos funcionasse bem. Apesar dos esforços de todos os governos que se sucederam em Moscovo nos últimos vinte anos, a indústria soviética produz quase duas vezes menos adubos minerais do que os Estados Unidos. Compreende-se a tentatação de chegar a acordo com empresas que já deram boas provas da sua eficiência. Assim, por um contrato assinaddo em 12 de Abril, o grupo Hammer comprometeu-se a instalar na União Soviética fábricas de produtos químicos no valor de 8 mil milhões de dólares.

Os soviéticos pretendem pagar as suas dividas com mercadorias. A maior parte dos projectos em estudo são projectos «autocompensadores». Os soviéticos constroem os edifícios, os americanos fornecem o equipamento e serão pagos com as mercadorias produzidas pela fábrica. Deste modo, os dirigentes da Kremlin esperam explorar, sem encargos excessivos, os seus imensos recursos. Mas decorrerá um longo prazo entre o momento em que as firmas estrangeiiras começarão os trabalhos e a data em que serão reembolsadas. Estão prontas a assinar acordos desde que disponham de créditos: o presidente Nixon teve de autorizqr o Eximbank e abrir um crédito de 1.300 milhões de dólares a favor das exportações para a U.R.S.S.

É certo que os Estados Unidos descobriram as vantagens do mercado soviético. As perspectivas de vendas de bens de consumo e principalmente de bens de equipamento são grandes, o que melhorará a balança de pagamentos. Sublinham, por outro lado, que as duas economias são em larga medida complementares. Ao contrário do que acontece com a Europa Ocidental e o Japão, não receiam estar a ajudar um concorrente ao cooperarem com a U.R.S.S.

Os americanos procupam-se, principalmente, com a penúria de recursos energético. Graças ao petróleo e ao gás natural de que dispõe, a U.R.S.S. pode ajudá-los. Os Estados Unidos estão prontos a comprar à União Soviética 3 a 5 por cento da energia que consomem. Pelo que toca à indústria de gás, o Kremlin projecta comprar no estrangeiro material no valor de 1 milhão e meio de dólares e vender, em vinte anos, 5 milhões de dólares de gás aos países fornecedores do equipamento. Por outro lado, mais de cinquenta firmas americanas, grandes e médias, participarão na edificação do complexo industrial do Kama: o contrato será da ordem dos 400 a 500 milhões de dólares.

Para que todos estes projectos se realizem é necessário continuar a melhorar as relações políticas. Os «Izvestia» consagraram, em 5 e 6 de Maio, um longo estudo ao desenvolvimento das trocas entre os Estados Unidos e a U.R.S.S. Referem a boa impressão causada por oitocentos homens de negócios americanos que estão decididos a desenvolver as relações comerciais entre os dois países. Em contrapartida, o diário do Governo de Moscovo denuncia as actividades do «grupo militar-industrial»: trabalhando para o armamento, afirma o jornal, vivem na nostalgia da guerra fria, porque a normalização das relações soviético-americanas reduzirá os seus lucros. São representados por Jackson que «quer impedir o Congresso de aprovar um acordo de comércio». Os «Izvestia» não dizem uma palavra sobre a emenda Jackson, que impediria o presidente de conceder a cláusula de nação mais favorecida aos Estados que imponham restrições intoleráveis à emigração. Não terá sido devido a esta emenda que o Kremlin suspendeu a aplicação do decreto que exigia o pagamento de pesadas indemnizações peloa intelectuais judeus que pretendessem emigrar para Israel?

Este episódio é uma demonstração da importância que os dirigentes soviéticos atribuem às relações com os Estados Unidos. Foi apenas uma retirada táctica? E fora de dúvidas que pretendiam, antes da visita de Brejnev, conquistar a boa vontade dos americanos. Poderão mais tarde aplicar, de novo, o famoso decreto. Mas terão interesse em indispor o Congresso dos Estados Unidos? Não, uma vez que se arriscariam a perder a cláusula de nação mais favorecida. Brejnev empenhou o seu futuro na melhoria das relações com os Estados Unidos. Presentemente, é inaltecido na U. R. S. S. como o homem capaz de assegurar uma paz duradoura, graças à cooperação mutuamente vantajosa com a outra superpotência. Não pode regressar de Washington com as mãos vazias. Ao lançar, ou ao tolerar, a campanha em louvor de si próprio e da sua política, comprometeu-se a obter êxitos incontestáveis.

BERNARD FERON

A JUSTIÇA CONTRA A ADMINISTRAÇÃO AMERICANA

Continuação da pág. 1

dos estudantes. O procurador-geral-adjunto explicou que quer examinar se há alguma «nova prova» sobre o incidente ou alguma «razão forte» para levar o procurador-geral, Elliot L. Richardson, a revogar a decisão de Mitchell.

Richardson escreveu ao reitor da Universidade Estadual de Kent, Glenn Olds, no dia 1 de Junho, informando que a divisão dos direitos civis «está a proceder a uma revisão» do caso, a fim de determinar se a atitude de Mitchell «foi devidamente fundamentada».

O reitor, apoiado pelos pelos pais e amigos dos estudantes mortos, já havia renovado, o mês passado, os protestos da universidade relativamente à decisão.

Paralelamente, um ajudante do congressista Don Edwards disse que uma subcomissão da Câmara Judiciária, chefiada por Edwards, também havia reaberto o processo sobre o incidente da Universidade Estadual de Kent e sobre as decisões do Departamento de Justiça.

Disse, ainda, que a revisão, que poderá levar a novas audiências, fora suscitada em parte pela acusação de Mitchell, em Nova Iorque, como culpado de perjúrio, conspiração e obstrução da justiça.

O caso Watergate revelou novas informações acerca do «clima» existente na administração, ao tempo da decisão sobre a nomeação de um «grande júri» federal para o caso da Universidade Estadual de Kent, acrescentou, e tornou «suspeitas» algumas das decisões de Mitchell como procurador-geral.

Informadores do Departamento de Justiça disseram haver ali uma sensação semelhante e sugeriram que a revisão por Pottinger dos processos arquivados traduz as suspeitas sobre a actividade de Mitchell.

Tem havido repetidas sugestões de que a decisão do Departamento de Justiça sobre o incidente da Univerdidade Estadual de Kent foi motivada, em parte, por problemas políticos partidários da administração republicana ligados à eleição presidencial de 1972.

Um grande júri do Estado de Ohio, convocado ao tempo pelo governador republicano de Ohio, James A. Rhodes, acusou 25 pessoas, principalmente estudantes e professores da Universidade, mas ilibou os guardas.

Ao contrário, a comissão presidencial para estudar a agitação universitária concluíu que os tiros foram «desnecessários, injustificados e indesculpáveis», e o seu presidente, antigo governador da Pensilvânia, William W. Svranton, afirmou em 1971, que «uma investigação por um grande júri federal é tão necessária como conveniente».

A administração tem recusado dar a conhecer ao público os arquivos e processos do FBI e da comissão. Porém, se Richardson e Pottinger reafirmarem a recusa de Mitchell sobre a convocação do «grande júri», os processos poderão, então, ser livremente consultados.

MAIS CARO? NÃO! Mais Vantajoso!
LONDRES
desde 3.100$
HOTEL PENTA (DE LUXO)
VIAGENS DE 4, 5, 6, 7 E 10 DIAS
PARTIDAS: JULHO·23
AGOSTO·2·6·13·23·27
SETEMBRO·3·13·17
VIAGENS ACOMPANHADAS
INGLATERRA E ESCÓCIA
E AINDA LONDRES
desde 5.500$
7 e 10 DIAS
PARTIDAS: JULHO·23
AGOSTO·6·13·27
SETEMBRO·3
VIAGENS ACOMPANHADAS

TRATAMOS DE PASSAPORTES
ACOMODAÇÃO LIMITADA
INSCREVA-SE JÁ
Queiram enviar me programa para as viagens:
LONDRES ☐ INGLATERRA E ESCÓCIA ☐
NOME
MORADA
LOCALIDADE TEL
ESPECIALMENTE ABERTOS AOS SÁBADOS DAS 9,30 ÀS 12 HORAS.
VIAGENS RAWES
LISBOA Correspondência R. Bernardino Costa, 47
Expediente Trav. do Corpo Santo, 15 Tel 370231
FARO — Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel 23195/6

Viagens Acompanhadas
POR GUIA PORTUGUÊS
EM AVIÕES TAP E CIRCUITOS EM AUTOPULLMANS DE TURISMO
ITÁLIA
10 dias — 7.380$00
(Em autopullman de Zurique a Zurique). Visitando: Milão, Veneza, Florença, Roma, Génova, etc.
ÁUSTRIA
10 dias — 7.750$00
(Em autopullman de Zurique a Zurique). Visitando: Munique, Salzburgo, Viena, Innsbruck, etc.
PARTIDAS EM 2, 11, 20 e 29 DE AGOSTO
UMA ORGANIZAÇÃO politur
UTILIZE O NOSSO SISTEMA DE CREDITO
Inscrições até 30 de Junho
Informe-se na: Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
AV. DA LIBERDADE 233 · TEL. 53 61 21 · LISBOA 2